

Ana Luiza Leite Bado

**Sperone Speroni e o polissistema literário italiano:  
Um autor à margem da *Questione della Lingua*.**

Dissertação submetida ao Programa de  
Pós-Graduação em Literatura da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina para a obtenção do Grau de  
mestre em literatura

Orientador: Prof. Dr. Sergio Romanelli

Florianópolis

2017



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bado, Ana Luiza Leite  
Sperone Speroni e polissistema literário  
italiano : um autor à margem da Questione della  
Lingua / Ana Luiza Leite Bado ; orientador, Sergio  
Romanelli. 2017.  
122 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,  
Programa de Pós-Graduação em Literatura,  
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Sperone-Speroni. 3. Questione  
della Lingua. 4. Renascimento italiano. 5.  
Literatura - I. Romanelli, Sergio. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação  
em Literatura. III. Título.





"Sperone Speroni e o polissistema literário italiano: um autor à margem da Questione della Lingua."

Ana Luiza Leite Bado

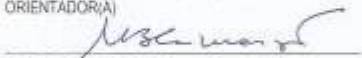
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

**Mestre EM LITERATURA**

Área de concentração em Literaturas e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.



Prof. Dr. Sergio Romanelli (UFSC)  
ORIENTADOR(A)



Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia de Barros Camargo  
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Sergio Romanelli (UFSC)  
PRESIDENTE



Prof. Dr. Andréa Santurbano  
(UFSC)



Prof.ª Dr.ª Silvana de Gaspar  
(UFSC)



Prof.ª Dr.ª Maria Cecília Casini  
(USP - via vídeo conferência)



Dedico este trabalho a todos meus familiares e amigos que sempre me apoiaram me lembrando do meu gosto pela pesquisa e impedindo com que eu desistisse nos momentos mais difíceis.







## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao CNPq pelo apoio e pela bolsa, sem a qual esta pesquisa não teria sido possível; ao programa de Pós-Graduação em Literaturas da UFSC e a seu corpo docente pela qualidade e seriedade acadêmica, além da disponibilidade em orientar seu corpo discente tanto no que diz respeito à pesquisa em si quanto nas questões burocráticas.

Expresso minha gratidão aos professores que compuseram minha banca de qualificação, Profa. Dra. Silvana de Gaspari e prof. Dr. Andrea Santurbano por terem suscitado muitas das perguntas que nortearam esta pesquisa além de terem efetuado uma detalhada leitura do meu trabalho, com críticas muito construtivas.

Agradeço meu orientador Prof. Dr. Sergio Romanelli, pela paciência e por ter me apresentado ao autor objeto de análise desta dissertação, além de ter despertado em mim o espírito de pesquisadora.

Agradeço imensamente a minha família por ter entendido os momentos de reclusão e ausência, além do apoio e estímulo constante. Sem vocês os pingos jamais teriam caído no i's.

Aos meus amigos, pilares de grande parte da minha vida: Mariana de Souza Fazzi, Gabriel Hart, Márlio Aguiar (minha inspiração acadêmica), Sylvester Vieira, Fabiana Assini, Gustavo Lobo e todos e todas que estiveram juntos em minha caminhada.

Agradeço, enfim, ao meu grande e verdadeiro amor, Leonardo Freire Lacerda Lemos, sem o qual muitos momentos de dificuldades teriam se tornado montanhas impossíveis de serem superadas, sem o qual minha vida não seria tão repleta de luz e segurança.



*Niuna difficoltà quantunque grande si può  
nominare impossibilità.*  
(Trissino, 1529)



## RESUMO

Na história da língua e da literatura italiana foi particularmente decisiva durante o século XVI a chamada *Questione della lingua*; esta englobou literatos, além de outras classes sociais, assim adquirindo um caráter político, extrapolando a página literária. Dentre esses literatos, o paduano Sperone Speroni (1500-1588) teve uma atuação por sua vez peculiar, pois, apesar de seus textos circularem nos centros literários da Europa, ele permaneceu à margem. A partir desta observação, a pesquisa se desenvolve principalmente com base na Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar, na noção de República Mundial das Letras, de Pascale Casanova e na ideia de Cidade das Letras, de Ángel Rama, para entender quais teriam sido os mecanismos e motivos que levaram Speroni a ocupar essa posição na *Questione della Lingua*.

**Palavras-chave:** Sperone Speroni. *Questione della Lingua*. Século XVI. Itália. Margem. Cidade Letrada.





## ABSTRACT

In the history of Italian language and literature, one particularly decisive event of the XVI century was the *Questione della lingua*. It involved scholars, besides other social classes, thus acquiring a political nature, extending beyond the limits of the literary scene. Among these scholars, the Paduan Sperone Speroni (1500-1588) had an interesting role, since, despite his texts having spread among Europe's literary centres, he has remained a marginalized author. Starting from this observation, this research is developed mainly based in the *Polysystems Theory*, of Itamar Even-Zohar, in the concept of the *World Republic of Letters*, from Pascale Casanova, and on the idea of the Lettered City, from Ángel Rama, to understand which were the mechanisms and reasons that led Speroni to occupy such a place in the *Questione della Lingua*.

**Keywords:** Sperone Speroni. *Questione della Lingua*. XVI century. Italy. Margin. Lettered City.



## RIASSUNTO

Nella storia della lingua e della letteratura italiana, la *Questione della lingua* fu particolarmente decisiva durante il XVI secolo; questa includeva letterati ed altre classi sociali, acquisendo così un carattere politico, estrapolando la pagina letteraria. Tra questi scrittori, il padovano Sperone Speroni (1500-1588) ebbe uno spettacolo particolare, nonostante i suoi testi circolassero nei centri letterari d'Europa, lui rimase ai margini. Da questa osservazione, la ricerca si sviluppa principalmente sulla *Teoria dei Polisistemi*, da Itamar Even-Zohar, nella nozione della *Repubblica Mondiale delle Lettere*, di Pascale Casanova e nell'idea della *Città delle Lettere*, di Ángel Rama, per capire quale sono stati i meccanismi e le motivazioni che hanno portato Speroni a occupare questa posizione nella *Questione della Lingua*.

**Parole chiave:** Sperone Speroni. *Questione della Lingua*. XVI secolo. Italia. Margine. Città letteraria.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b><i>A Questione della Lingua</i> no polissistema literário italiano do século XIV ao século XVI.....</b>	<b>23</b>
2.1	Do latim vulgar aos escritos de Dante Alighieri .....	28
2.2	<i>A Questione della Lingua</i> e o humanismo.....	45
2.3	A Renascença e a <i>Questione della Lingua</i> .....	49
<b>3</b>	<b>Sperone Speroni: um autor periférico ou central? .....</b>	<b>69</b>
3.1	O percurso de Sperone Speroni na cidade letrada italiana da Renascença.....	70
3.2	O percurso de Sperone Speroni na cidade letrada Contemporânea. ....	87
<b>4</b>	<b>Os diálogos e a <i>Questione della Lingua</i>: um sistema dentro do sistema da escrita de Sperone Speroni. ....</b>	<b>91</b>
4.1	Sperone Speroni e os modelos dialógicos: o <i>locus</i> enquanto elemento crucial. ....	91
4.2	O <i>Diálogo acerca da Retórica</i> e o <i>Diálogo das Línguas</i> : a <i>Questione della Lingua</i> e a escrita de Speroni. ....	96
<b>5</b>	<b>Conclusão.....</b>	<b>111</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>115</b>





## 1 INTRODUÇÃO

Acompanhando a tendência de que “No decorrer dos últimos anos têm vindo à luz muitos pequenos pedaços importantes do complexo mosaico da linguagem de comunicação quotidiana do século XVI”<sup>1</sup> (TESTA, 2014, p. 30), a pesquisa que aqui se apresenta tem como objetivo geral trazer ao conhecimento dos estudiosos italianistas brasileiros a figura de um letrado renascentista de quem pouco se sabe, Sperone Speroni (Pádua, 1500-1588). Deste modo, acredito ser possível oferecer ao público uma visão diferente para a interpretação da *Questione della Lingua*, uma vez que falar desta questão a partir de sua margem pode ser uma forma de ter um olhar diferenciado para o que a crítica aponta como cânone no que diz respeito à mesma durante a Renascença italiana. Como objetivo principal, pretendo entender os motivos pelos quais o autor foi pouco citado pela historiografia italiana, não obstante a sua vivaz atuação nos debates do seu período. Para tanto, utilizarei a *Teoria dos Polissistemas*, de Itamar Even-Zohar (2013), a noção de *A República Mundial das Letras*, de Casanova (2002), o conceito de *A Cidade das Letras*, de Ángel Rama (2015), além da *Teoria da Literatura*, de Terry Eagleton (2006), a tese de Robert Buranello (1999), *From the locus amoenus to the locus ambiguus: Sperone Speroni and the Setting of Renaissance Dialogue*, bem como outros textos mais gerais sobre o século XVI, os quais acredito serem adequados para satisfazerem a minha pergunta de pesquisa.

Cabe ressaltar que a escolha por Sperone Speroni se dá não somente pelo fato do autor ter sua parcela de ineditismo no meio acadêmico brasileiro, mas também por ser um autor com o qual venho trabalhando desde a graduação, quando, no ano de 2011, tive a oportunidade de participar como bolsista PIBIC do projeto de pesquisa credenciado ao CNPq intitulado *Projeto de tradução dos clássicos da polêmica quinhentista acerca da língua italiana ou Questione della Lingua* (notes 2009.0852), que existe desde 2009 junto ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina. Esse grupo, que tem como objetivo a tradução inédita de textos relevantes no contexto da *Questione della Lingua*, já ofereceu ao

---

<sup>1</sup> Tradução minha, no original em italiano: “Nel corso degli ultimi anni sono venuti via alla luce tanti piccoli importanti tasselli del complesso mosaico della lingua della comunicazione quotidiana nel Cinquecento”.

público, em seu primeiro volume, traduções dos textos de Alberti, Castiglione e Maquiavel e, em seu segundo volume, do qual participei, a tradução do *Diálogo acerca da Retórica*, de Sperone Speroni. A partir da tradução inédita deste texto realizada por mim e pelo meu orientador, a caminhada teve início: em muitos de nossos debates sobre a *Questione* e os autores nela envolvidos, e em nossas pesquisas bibliográficas sobre o assunto, percebemos que o nome do paduano era pouco presente, mesmo nos textos canônicos sobre a história da língua e da literatura italiana; então começamos a nos questionar o que teria levado a essa pouca presença de Speroni nos textos sobre a *Questione*.

Deste modo, a metodologia da pesquisa que aqui se segue, deu-se da seguinte forma: o primeiro passo foi a releitura dos textos de Speroni, além da sua biografia escrita por Francesco Cammarosano, em seguida, parti para a busca por Sperone Speroni nos textos sobre a história da língua e da literatura italiana, após esse passo realizei a busca de textos sobre o autor e, por fim, a leitura a releitura do aporte teórico utilizado nesta dissertação. Alguns desses textos já haviam sido lidos na ocasião da bolsa de iniciação científica, como o de Itamar Even-Zohar e textos mais gerais sobre a *Questione della Lingua* e textos históricos gerais sobre a Renascença. Outros, por outro lado, foram leituras realizadas em disciplinas da pós-graduação, como o livro de Pascale Casanova e, por fim, parte da bibliografia surgiu após as reuniões de orientação e pesquisas feitas durante a fase de escritura da dissertação, como o texto de Ángel Rama e a tese de Buranello.

No primeiro capítulo, tendo como base principal a *Teoria dos Polissistemas*, de Itamar Even-Zohar, exponho o mecanismo da confluência entre os vários sistemas que participaram ativamente do debate; sejam eles literários, religiosos, políticos ou econômicos, todos tiveram a sua relevância para que a *Questione* se articulasse de maneira tão peculiar durante a Renascença. Além disso, também proponho a partir dessa visão uma análise das correntes de defesa do debate, bem como uma breve relação entre os polissistemas italiano e francês, os quais possivelmente se interligam, também, graças aos textos de Speroni.

Em seguida, no segundo capítulo, haja vista o pouco conhecimento de Speroni, julguei relevante apresentar dados de sua biografia e, para que não aparentasse ser apenas um resumo da vida do autor, a estes costurei o texto *A república mundial das Letras*, de Pascale Casanova, bem como *A cidade das Letras*, de Ángel Rama a partir do qual foi possível entender o papel do intelectual para o



desenvolvimento da *cidade das letras*, além de obter um esclarecimento sobre o embate entre tradição e margem na *Questione* durante o século XVI e, deste modo, compreender o porquê do paduano ter sido pouco citado no seu percurso na cidade das letras contemporânea.

Por fim, após partir no nível macro (contextualização histórica), chego ao micro (análise dos diálogos do autor) no terceiro capítulo da dissertação. A análise se dá com base na tese de Buranello (1999) por considerar esta uma (re)inserção do autor na cidade das letras contemporânea, uma vez que, a partir de uma exaustiva pesquisa em bibliotecas físicas e digitais<sup>2</sup>, a citada tese foi o texto recente mais completo sobre o paduano que pude encontrar.

Cabe ressaltar nesta introdução o meu entendimento sobre alguns dos conceitos basilares: cânone x margem, república mundial das letras e cidade das letras. Partindo da obra *Teoria da Literatura: uma introdução*, de Terry Eagleton: desta extraí o conceito de literatura canônica e de literatura da margem. Para Eagleton (1983, p. 33) “A literatura, no sentido que herdamos da palavra, é uma ideologia. Ela guarda as relações mais estreitas com questões de poder social”, assim como a literatura envolvida na *Questione* que representa uma disputa de representação pela língua e pela literatura entre diferentes grupos sociais. Eagleton ainda afirma:

Assim como uma obra pode ser considerada como filosofia num século, e como literatura no século seguinte, ou vice-versa, também podem variar o conceito do público sobre o tipo de escrita considerado como digno de valor. Até as razões que determinam a formação do critério de valioso podem se modificar. Isso, como disse, não significa necessariamente que venha a ser recusado o título de literatura a uma obra considerada menor: ela ainda pode ser chamada assim, no sentido de pertencer ao *tipo* de escrita geralmente considerada como de valor. Mas não

---

<sup>2</sup> Tais qual a Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina, a biblioteca da Universidade Federal do Paraná, além das diversas bibliotecas digitais da Itália, como a Biblioteca Digitale Padova: <<http://bibliotecadigitale.cab.unipd.it/>>, além do serviço Google Books: <<https://www.google.com/search?tbm=bks&q=sperone+speroni>>.

significa que o chamado “cânone literário”, a “grande tradição” inquestionada da “literatura nacional”, tenha de ser reconhecido como um *construto*, modelado por determinadas pessoas, por motivos particulares, e num determinado momento. (EAGLETON, 1983, p. 16 – grifos no original)

Assim, podemos pensar que a literatura tida como canônica durante a Renascença italiana é aquela que vem de uma tradição, de um valor transitivo temporalmente e que por isso é posta no centro de um debate. Portanto, se havia uma literatura representativa de uma tradição que foi colocada como foco, havia também aquela literatura e aqueles autores que produziam textos, mas que por diversos motivos não eram centralizados (e conseqüentemente não faziam parte de um cânone), localizados em uma margem. Justamente a esta margem pertencia, a meu ver, Speroni.

Eagleton parte de uma análise do caso da ascensão da literatura inglesa no século XVIII, mas a essência desta análise pôde ser extraída e transferida para a da literatura italiana na Renascença. O teórico da literatura fala muito da relevância da tradição e do valor temporal para a formação de um cânone.

Esta questão da Tradição que Eagleton apresenta pôde ser conectada ao livro *A República Mundial das Letras*, de Pascale Casanova, no qual a autora francesa expõe argumentos sobre a formação de espaço literário mundial. Segundo Casanova,

o espaço literário internacional foi criado no século XVI, ao mesmo tempo em que se inventava a literatura como ensejo de luta, e ele não cessou de se ampliar e estender desde então: constituíram-se referências, reconhecimentos e, por aí mesmo, rivalidades no momento da emergência e da construção dos Estados europeus. (CASANOVA, 2002, p. 25)

Concomitante à formação de um espaço literário internacional havia a *Questione della Lingua* e, conectando-se a essas peculiaridades do século XVI, a questão da Tradição se manifestava fortemente, uma vez que inserir-se neste espaço também significava possuir um valor literário e possuir uma Tradição (uma antiguidade) era algo que agregava este valor. Ou seja,

o “clássico” encarna a própria legitimidade literária, isto é, o que é reconhecido como A literatura, a partir do que serão traçados os limites do que será reconhecido como literário, o que servirá de unidade de medida específica.” (CASANOVA, 2002, p. 30 – destaques da autora)

Esse espaço literário do qual nos fala Casanova, seria, portanto, composto por territórios literários que “[...] são definidos e delimitados de acordo com sua distância estética do espaço de fabricação e consagração da literatura. As cidades onde se concentram e se acumulam os recursos literários tornam-se lugares em que se encarna a crença, em outras palavras, são uma espécie de instituição de crédito, “bancos centrais” específicos” (CASANOVA, 2002, p.40), e do qual a língua seria um de seus principais componentes. Daí podemos dizer que Florença seria um banco central da Itália na Renascença.

Se além da delimitação geopolítica dos espaços havia um espaço literário que não necessariamente correspondia à divisão política, como “No Renascimento, século XVI, Veneza era a capital econômica, mas Florença era a capital intelectual” (CASANOVA, 2002, p. 25), também havia uma cidade das letras. Esta cidade das letras, de acordo com Ángel Rama seria a cidade de letrados dentro da cidade administrativa:

Mas dentro delas sempre houve outra cidade, não menos amuralhada, nem menos agressiva e redentorista, que a regeu e conduziu. Trata-se daquela que creio que devemos chamar de *cidade letrada* [...] (RAMA, 2015, p. 38)

O crítico ainda atenta para o fato de esta cidade letrada ter se consolidado “no último terço do século XVI” (RAMA, 2015, p. 38) e que

no centro de toda cidade, conforme diversos graus que alcançavam sua plenitude nas capitais vice-reinais, houve uma *cidade letrada* que compunha o anel protetor do poder e o executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais. Todos que manejavam a pena estavam

estritamente associados às funções de poder [...].  
(RAMA, 2015, p. 38)

Assim, com a ideia da existência desta *cidade letrada* dentro da cidade definida administrativa e geograficamente, no segundo capítulo busquei apresentar o percurso de Speroni dentro desta cidade composta por um grupo de letrados que tinham, também, uma função patriótica, e cuja força “[...] pode ser percebida através de sua extraordinária longevidade” (RAMA, 2015, p. 41).

Longevidade esta que contribui para a duração da *Questione della Lingua* até os dias de hoje, mas como o foco desta dissertação é um autor do século XVI, não cabe aqui falar sobre a atuação dos intelectuais envolvidos na querela italiana após este período, embora tenhamos conhecimento da atuação de letrados nos séculos XVIII, XIX e XX como Manzoni (1785-1873), Italo Calvino (1923-1985) e Pasolini (1922-1975), para exemplificar.

Por fim, cabe ainda lembrar o papel da língua na formação de uma literatura e

em virtude do prestígio dos textos escritos em certas línguas, existem no universo literário línguas consideradas mais literárias que outras e que pretensamente encarnam a própria literatura. A literatura está ligada à língua a ponto de se identificar “a língua da literatura” (a “língua de Racine” ou a “língua de Shakespeare”) à própria literatura. Uma grande literariedade ligada a uma língua supõe uma longa tradição que refina, modifica, amplia a cada geração a gama das possibilidades formais e estéticas da língua; ela estabelece e garante a evidência do caráter eminentemente literário do que é escrito nessa língua, tornando-se por si só um “certificado” literário.” (CASANOVA, 2002, p.33)

Assim acredito justificar a relevância de falar de uma questão tão íntima à língua italiana dentro de um âmbito da literatura.

Ainda aponto para o fato de que com esta pesquisa pretendo inserir Sperone Speroni no mundo acadêmico e assim poder tornar este autor menos marginal, pois acredito que a leitura de seus textos e a conhecimento de suas ideias podem enriquecer os debates acerca da *Questione della Lingua*.

## 2 A *Questione della Lingua* no polissistema literário italiano do século XIV ao século XVI

Neste primeiro capítulo pretendo abordar as possíveis origens e um breve histórico do debate linguístico e literário que formará o contexto no qual o paduano Sperone Speroni está inserido no século XVI, contudo, minha ideia aqui não será a de fazer apenas uma revisão histórico-biográfica da *Questione della Lingua*, o que poderá ser facilmente encontrado em manuais de literatura italiana, uma vez que o debate é discutido à exaustão desde os seus primeiros registros, mas o que pretendo é me apoiar na teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar e, assim, a partir dela entender a dinamicidade que o debate literário-linguístico vem adquirindo com o passar dos séculos e, em seguida, pretendo chegar a uma reflexão sobre a posição periférica de Sperone Speroni nesse debate durante a Renascença, ideia esta que costurarei com a obra de Pascale Casanova, *A República Mundial das Letras*, no capítulo de número dois. A opção pela teoria de Zohar se dá pelo fato de ela não somente ter surgido no âmbito da literatura comparada, mas também por ela ter sido capaz de explicar outras literaturas marginais, como a dinâmica do polissistema das literaturas israelenses e a belgas e, a partir destes exemplos, pude extrair reflexões sobre a posição do letrado paduano no polissistema italiano.

Portanto, antes de partir diretamente para o início da *Questione della Lingua*, julgo necessário apresentar a teoria do israelense Itamar Even-Zohar, para, somente então, aplica-la à discussão.

Ao final dos anos 1960 e início de 1970, o israelense Itamar Even-Zohar passou a publicar textos nos quais ele abordava a teoria dos polissistemas, textos esses que foram recolhidos numa edição de 1990 da revista *Poetics Today* (edição que uso como base). Essa teoria surgiu quando Even-Zohar sentiu-se instigado a compreender os fenômenos que norteavam a história da jovem literatura israelense; embora a sua teoria seja mais difundida no campo dos Estudos da Tradução ela surgiu no âmbito da literatura comparada e explica relações de poder e desenvolvimento de uma cultura literária. Como aponta o teórico: a literatura não pode ser compreendida como um fato isolado da sociedade, mas sim como um poderoso fator que se desenvolve entre as outras atividades humanas, de modo que a partir daí podemos entender a heterogeneidade de um polissistema. Com essa primeira afirmação também podemos entender como a literatura é perpassada por questões políticas, a saber: no caso da Renascença italiana, ela se torna uma

maneira de representar o perfil de uma classe burguesa em ascensão que se diferenciava das outras camadas sociais, como veremos mais detalhadamente no decorrer deste capítulo.

De forma geral, a teoria dos polissistemas nos mostra como uma certa cultura é constituída por vários sistemas que se relacionam entre si e com outros polissistemas. Mas o que seria, então, um sistema? Como essas relações ocorreriam? Itamar Even-Zohar responde a essas perguntas no decorrer de seus escritos.

Partindo da ideia de que “os modelos de comunicação humana regidos por signos (tais como a cultura, a linguagem, a literatura, a sociedade) podem ser entendidos e estudados de modo mais adequado se os consideramos como sistemas, mais que como conglomerados de elementos díspares”(EVEN-ZOHAR, 2013)<sup>3</sup>, Even-Zohar começa a nos apresentar e dar o tom de sua teoria. De início, o israelense aponta para a “plasticidade” que o uso e a consideração de um sistema pode nos oferecer, uma vez que este uso nos permite “explicar adequadamente fenômenos “conhecidos”, mas, também, desconhecidos” (EVEN-ZOHAR, 2013). Em seguida, somos apresentados a uma diferenciação entre “sistemas estáticos” e “sistemas dinâmicos”: a primeira teoria, como bem aponta Even-Zohar, está relacionada a um enfoque “funcional” ou “estrutural”, ou, ainda, atrelada ao nome de Saussure, considerado o pai da linguística moderna, daí temos a concepção “sincrônica” de um sistema, sistema que por sua vez:

[...] é concebido como uma rede estática (“sincrônica”) de relações na qual o valor de cada elemento é uma função das relações específicas em que toma parte. No entanto, detecta-se desse modo que a função dos elementos, assim como as leis que os regem, apenas existe para explicar

---

<sup>3</sup> Todos os trechos citados e traduzidos da obra de Itamar Even-Zohar foram retirados da tradução publicada por Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Disponível para acesso na revista on-line *Translatio*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: ZOHAR, Itamar Even. “Teoria dos polissistemas”. Tradução: Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon, Yanna Karlla Cunha. Revista *Translatio* [on-line]. Número 5. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2013. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/42899/27134>>.

ISSN: 2236-4013. Acesso em 13 de jul. de 2017.

mudanças ou variações. O fator de sucessão temporal (a “diacronia”) é, assim, eliminado do “sistema”, e estabelece-se a regra que fica fora do alcance das hipóteses funcionais. (EVEN-ZOHAR, 2013)

Enquanto que a visão dinâmica do sistema considera a história, ela admite que:

[...] tanto a sincronia como a diacronia são históricas, enquanto que a identificação exclusiva dessa última com a história é insustentável. Consequentemente, a sincronia não pode nem deve se identificar com a estática, considerando que, em um dado momento, funcionam no eixo mais de um complexo diacrônico. Portanto, por um lado, um sistema sincrônico compõe-se de sincronia e diacronia; por outro, cada uma delas separadas também é, obviamente, um sistema. Em segundo lugar, se as ideias de estruturação e sistematicidade já não necessitam ser identificadas com a homogeneidade, um sistema semiótico pode ser concebido como uma estrutura heterogênea e aberta. Raramente é, portanto, um monossistema, mas que se trata necessariamente de um polissistema: um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas com intersecções e sobreposições mútuas, que usa diferentes opções concorrentes, mas que funciona como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes. (EVEN-ZOHAR, 2013)

Dessa segunda “teoria dos sistemas” que Even-Zohar nos apresenta, dessa ideia que, como o autor aponta, tem suas raízes nos trabalhos dos Formalistas Russos e dos Estruturalistas Checos, o israelense desenvolve a sua teoria dos polissistemas, teoria essa que me servirá muito bem para entender a dinamicidade histórica (se assim posso chamar) da *Questione della Lingua* e, além disso, a interdependência de cada sistema dela participante, tais quais sistemas políticos, sistemas literários, sistemas religiosos, etc.

Continuando ainda com Even-Zohar, ele aponta que o termo “polissistema” “é mais que uma convenção terminológica. Seu propósito

é tornar explícita uma concepção do sistema como algo dinâmico e heterogêneo, oposta ao enfoque sincronístico” (EVEN-ZOHAR, 2013), termo este que ainda é capaz de ressaltar a complexidade desse conglomerado de sistemas heterogêneos que funciona mesmo em desordem e tem uma história. Importante notar ainda que o teórico israelense ressalta a relevância de se ter uma história, característica essa que nos permite ter uma visão mais coesa dos acontecimentos. Logo, se penso no polissistema literário italiano e mais ainda especificamente na bagagem histórica embutida nos debates acerca da língua, posso ter uma visão mais clara e coesa dos motivos pelos quais os escritos de Speroni, por exemplo, até Manzoni tem uma relevância não somente estética, mas também política, linguística, literária, além de estarem todos ligados por um mesmo filão, por um mesmo sentimento de pertencimento (ou não) à nação italiana, uma vez não se identificavam com a língua italiana considerada a língua de uma nação que teve a sua unidade linguística declarada quase três séculos antes de sua unidade política. Simplesmente apontar para os debates em torno da *Questione della Lingua* pontualmente na Renascença ou no Romantismo italiano, seria ignorar toda a construção (e concepção) histórica de um problema que justifica escritos e manifestações político-literária de muitos dos literatos italianos.

Em certo ponto do desenvolvimento de sua teoria, Itamar Even-Zohar nos mostra como o polissistema pode dar conta daquilo que tem sido ignorado pelos estudos literários de forma geral; o autor israelense nos mostra como o estudo a partir de contraposições pode se tornar eficaz e gera uma compreensão melhor de qualquer campo semiótico:

A hipótese do polissistema, no entanto, está concebida precisamente para dar conta de tais casos [casos ignorados pelos estudiosos da literatura], assim como os menos destacados. Não só torna possível, desse modo, integrar à pesquisa semiótica objetos (propriedades, fenômenos) até aqui impensados ou simplesmente deixados de lado, mas, mais precisamente, tal integração possibilita agora uma pré-condição, um sine qua non para uma adequada compreensão de qualquer campo semiótico. Isso quer dizer que não se pode dar conta da língua standard sem colocá-la no contexto das variedades não-standard; a literatura para crianças não será considerada um fenômeno



sui generis, mas sim relacionado com a literatura para adultos; literatura traduzida não se desconectará da literatura original; a produção de literatura de massa (suspenses, novelas sentimentais, etc.) não será rejeitada simplesmente como “não-literatura” para evitar reconhecer sua dependência mútua com a literatura “individual”. (EVEN-ZOHAR, 2013)

Ora, a partir dessa afirmação do teórico israelense, posso, mais uma vez ver a adequação dessa teoria para o desenvolvimento de minha pesquisa: o polissistema dá conta daquilo que vem sendo ignorado pelos estudiosos da literatura de forma geral e, além disso, possibilita-me uma análise de fenômenos de uma maneira dicotômica e funcional. Então, justamente na Renascença italiana sabemos que os debates em torno da língua foram acalentados e que tiveram inúmeras participações de literatos da época, contudo, quando pesquisamos em livros de história da literatura e da língua italiana, a crítica tende a nos apresentar de forma mais explícita somente a teoria de Pietro Bembo, teoria essa que foi a definidora temporária (temporária porque os debates continuam até o século XX) da questão. Desse foco (canônico) sobre Bembo, podemos partir para as sombras (periferia, margem) que estão em seu em torno, e nelas estão autores como Sperone Speroni, que foram, de forma geral, apagados ou pouco discutidos pelos estudiosos da literatura. Desse modo, estudar o foco *versus* a sombra e um momento sincrônico pensado em um todo diacrônico, posso ter uma melhor coesão e entender melhor as relações centro *versus* margem que foram se construindo em torno da *Questione della Lingua*. E justamente por esse motivo precisarei que o arco temporal deste primeiro capítulo seja alargado.

Ainda continuando com a teoria de Even-Zohar, lemos a seguinte afirmação:

Aceitando a hipótese do polissistema, é necessário aceitar também que o estudo histórico de polissistemas históricos não pode circunscrever-se às chamadas “obras-primas”, apesar de alguns as considerarem a única maneira de se iniciar os estudos literários. **Este tipo de elitismo não é compatível com uma historiografia literária, do mesmo modo que a história geral não pode**

**mais apenas ser a narração das vidas de reis e gerais.** (EVEN-ZOHAR, 2013 – grifo meu)

E dela acredito que se torne ainda mais claro os motivos pelos quais considero que a teoria dos polissistemas serve adequadamente para a pesquisa que aqui proponho: como afirmei anteriormente, a teoria visa englobar não somente o cânone, mas também as sombras e as periferias de toda uma história literária e, justamente por não promover essa escolha elitista que ela abre espaço para a inserção daqueles pequenos autores, dos *vermes*<sup>4</sup> que permaneceram ignorados.

Em linhas gerais, são essas as primeiras observações acerca da teoria dos polissistemas que gostaria de manter em mente enquanto costuro com a história da *Questione della Lingua* as outras ideias desenvolvidas pelo teórico israelense, principalmente no que diz respeito à estratificação e a dinamicidade do polissistema.

## 2.1 Do latim vulgar aos escritos de Dante Alighieri

A história da língua italiana remonta às épocas do latim vulgar e, portanto, é necessário que seja feito um perfil essencial com os principais acontecimentos desta longa história, uma vez que aqui a ideia não é trazer toda a história da *Questione della Lingua*, mas sim traçar o período no qual Sperone Speroni está inserido, tendo em vista que este é um trabalho sobre o paduano em si.

Meu entendimento de latim vulgar está de acordo com a definição trazida por Riccardo Tesi (2007) em seu livro *Storia dell'italiano. La formazione della lingua comune dalle fasi iniziali al Rinascimento*, onde o autor define o latim vulgar como latim falado e uma língua diferente daquela ensinada nas escolas, uma língua de uso corrente em âmbitos familiares e populares. Complementando as informações do que seria esse latim vulgar, Claudio Marazzini (2004, p.40) acrescenta que ele teria sido exposto a muitas tensões e influências principalmente em territórios de fronteiras e, ainda, que à noção de latim vulgar se deve acrescentar a variedade social que também pertencia ao latim.

---

<sup>4</sup> O historiador Carlo Ginzburg descobre, em 1976, manuscritos deixados por um moleiro italiano do século XVI e denomina de “vermes” estes autores menores. História narrada e analisada por Ginzburg em seu livro GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Propriamente dessa variedade do latim, utilizada já por alguns escritores latinos, como Cícero, surgiram as primeiras características da língua italiana e de outras línguas modernas, como o nosso português, o espanhol, o francês, o catalão, o provençal, o romeno e outras várias línguas da Itália. Contudo, devo ressaltar que a língua italiana não nasceu somente desse fenômeno de “popularização” do latim, mas sim de um processo histórico com períodos de disputas sobre o que e como, de fato, seria a língua da península itálica.

Sobre os primeiros registros desse latim vulgar, Tesi nos traz os nomes de Plauto<sup>5</sup> e Terêncio<sup>6</sup>, escritores de comédias latinas que testemunharam e deixaram marcas desse novo registro linguístico. Já nesse longínquo período, questões que serão discutidas em alguns séculos de debates de nossa era, figuravam na disputa entre o latim vulgar e o latim usado nos documentos políticos, sobretudo, o aspecto da língua certa *versus* uma língua errada, apontadas por puristas como Probo<sup>7</sup> em seu *Appendix Probi*<sup>8</sup>. Aqui vale lembrar Marazzini, pois ele aponta para a importância de algumas palavras serem consideradas “erradas”, pois, a partir delas podem surgir importantes tendências inovadoras quando ocorre uma generalização do “erro” (2004, p.42).

Responsáveis também pela difusão do latim vulgar foram os autores cristãos, como Santo Agostinho que certa vez declarou sua preferência em ser censurado pelos gramáticos do que não ser compreendido pela gente, como nos lembra Tesi (2007, p.8): “*Sic etiam*

<sup>5</sup> Tito Mácio Plauto (255 a.C – 185 a.C) foi um dramaturgo romano que escreveu 21 comédias dentre elas *Os Menecmos*, *Aulularia* e *Amphitruo*. Segundo a pesquisadora da UNICAMP, Isabella Tardin Cardoso, as peças e o humor de Plauto teriam influenciado Shakespeare (1564-1616), Camões (1524-1580), Molière (1622-1673) e o brasileiro Ariano Suassuna (1927-2014), conforme entrevista concedida à revista Pesquisa da FAPESP, disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/02/12/o-teatro-engano/>>. Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

<sup>6</sup> Públio Terêncio Afro (falecimento 159 a.C) foi um poeta e dramaturgo romano, também escritor de comédias, dentre elas *Andria* e *Hécira*.

<sup>7</sup> Marco Aurélio Probo (232 – 282) foi um imperador (de 276 a 282) e gramático romano.

<sup>8</sup> Glossário de 227 palavras latinas escrito provavelmente no século IV d.C, embora alguns estudiosos o datam entre o século V e VI. No qual o autor refutava, por exemplo, a forma vulgar “calda”, que permanecerá assim no italiano, ocupando o lugar da forma considerada correta “calida”

*potius loquamur: melius est reprehendant nos grammatici quam non intelligant populi*<sup>9</sup>. Portanto, já nesses primeiros registros de uma língua que se diferenciava daquele latim considerado o correto, posso afirmar que o sistema religioso também movimentava o polissistema no que diz respeito à questão de uma escolha linguística, além do próprio sistema linguístico ou literário.

Ainda sobre o período do latim vulgar, Tesi ressalta que não existia apenas um único latim falado em toda a Europa Latina, mas sim vários que eram falados em diferentes locais da România. Desses latins vulgares, devemos nos ater ao da tardia idade imperial, pois foi daí que ocorreram desenvolvimentos linguísticos relevantes que influenciaram na formação dos idiomas ítalo-românicos, principalmente do vulgar Toscano. Das nove características dessa evolução apontadas por Tesi<sup>10</sup>, acredito que três são capazes de marcar bem a mudança de uma forma explícita e direta: a primeira diz respeito à tendência da redução dos casos latinos, a nova forma da língua tendia a usar as preposições acrescidas de artigos (uma inovação “italiana”, visto que essa categoria era desconhecida pela gramática latina) para marcar as relações sintáticas, a segunda diz respeito à ordem direta sujeito-verbo-objeto que se transferia da literatura para o falar do latim vulgar e assim, consequentemente se transferia para as línguas românicas; e, por fim, a terceira ressalta a relevância dos cenários cristãos para a difusão do latim, através da liberação dos cultos nessa língua em 313, por

<sup>9</sup> Agostinho *apud* Tesi (2007, p. 8): Tradução nossa: “Prefiro me exprimir deste modo: é melhor ser censurado pelos gramáticos do que não ser entendido pela gente”. Tradução de Tesi para o italiano: “*Preferisco esprimermi in questo modo: è meglio essere censurati dai grammatici che non farsi capire dalla gente*”.

<sup>10</sup> Essas nove características descritas por Riccardo Tesi são: 1) a perda da distinção entre as vogais breves e longas; 2) a queda das consoantes no final das palavras fazendo com que elas terminem em vogais, como *die* e não mais *diem*; 3) a diminuição dos usos dos casos latinos, sendo substituídos por preposições e artigos; 4) uso dos tempos futuros e condicional; 5) uso das conjunções entre o verbo da oração principal e da subordinada; 6) a ordem direta sujeito-verbo-objeto, já utilizada no latim literário, torna-se frequente também no uso oral e se transferirá para os idiomas latinos; 7) no latim falado da idade imperial há uma preferência pelos pronomes pessoais aparecerem depois do verbo; 8) novas palavras começam a surgir no latim e, por fim, 9) as inovações mais consistente no léxico do latim provém dos âmbitos cristãos.

Constantino<sup>11</sup>, embora poucos anos depois, em 392, Teodósio<sup>12</sup> os tenha proibido. Já neste período podemos observar, novamente, como os vários sistemas atuantes no que chamei de polissistema italiano interferiam nas questões de desenvolvimento linguístico e literário; o meio religioso, por ainda ser um grande detentor de poder político-social, contribuiria para a difusão das línguas vulgares, logo, era um sistema religioso atuando em um sistema literário-linguístico que mantinha uma dinamicidade dentro do todo do polissistema. Se por um lado ele havia dado abertura para cultos em vulgar, assim promovendo um fortalecimento dessa jovem língua, por outro, ele teve o poder de limita-la novamente a campos de fala “não oficiais”.

Com a chegada do século IX e do Conselho de Tours em 813<sup>13</sup>, ocorreu a reabertura para que a Igreja pudesse desenvolver seus cultos na língua vulgar do povo, bem como o constante fortalecimento de uma língua adequada ao quotidiano que não era igual aos modelos literários e escritos encontrados nesse período, dois fatores que foram mostrando que o latim vulgar não se limitava mais ao registro oral, pois, para que essa nova língua tivesse sua dignidade e afirmação (MARAZZINI, 2004, p.50), era preciso transferi-la ao registro escrito. A nova língua adquiria já características ítalo-românicas e, no período medieval até o século X, acabou desenvolvendo uma escrita mista entre a forma clássica e a vulgar<sup>14</sup>. Nesse período do latim “circa romançum” as

---

<sup>11</sup> Constantino I, ou Constantino, o Grande (272 – 337), foi imperador romano do ano de 306 d.C até a sua morte.

<sup>12</sup> Teodósio I (346 – 395) foi imperador do Império Romano de 379 até a data de sua morte, sendo ele o último a governar por completo o império romano antes de sua fragmentação.

<sup>13</sup> Decretado por Carlos Magno em 813, o *Consiglio di Tours* é considerado o ato de nascimento das línguas vulgares e foi o que permitiu aos religiosos a autonomia para proferirem as missas nessas línguas que se diferenciavam do latim culto.

<sup>14</sup> Desses documentos escritos que não apresentavam uma língua definida, o Indovinello Veronese, datado entre o século VIII e início do século IX, representa, provavelmente, uma das primeiras tentativas de escritura em língua italiana. Esse pequeno enigma encontrado em um livro litúrgico e conservado na Biblioteca Capitular de Verona, foi escrito por um copista e nele lemos uma comparação entre as fadigas de arar o campo com o trabalho dessa categoria de trabalhadores de grande importância para a difusão de textos não somente literários.

línguas românicas tiveram seus espaços para experimentação, um período que foi, como aponta Tesi, um laboratório das escrituras românicas (2007, p. 23). As línguas surgiam de forma contínua, sendo impossível apontar uma ruptura abrupta com o latim, algumas características dessas línguas, como a própria grafia, mostram que essa evolução se deu sem negar as origens. Falando em termos geográficos, a área que compreendia a maioria das evidências da língua italiana era aquela entre Monte Cassino e a Úmbria, por essa ser uma zona “[...] fortemente caracterizada pela presença de monastérios beneditinos, dos quais os arquivos oferecem os documentos mais antigos da nossa língua”<sup>15</sup> (TESI, 2007, p. 24). Com essa afirmação de Tesi, posso confirmar (mais uma vez) as impressões sobre a interferência direta do sistema religioso no sistema literário-linguístico italiano. E, além disso, com suporte na teoria de Even-Zohar, posso perceber que essa tendência do sistema religioso atuar na definição literário-linguística da Itália inicia nesse longínquo tempo diacrônico e se repetirá, por exemplo, durante o século de Dante.

Se com o *Indovinello Veronese* tínhamos o primeiro registro de uma língua híbrida, com os textos encontrados no arquivo da abadia de Monte Cassino, os quais datam de 960-963, temos os primeiros registros que reproduzem conscientemente uma nova língua. Os *placiti cassinesi*<sup>16</sup>, ou *Placito Capuano*, considerados o “ato de nascimento da língua italiana” (MARAZZINI, 2004, p.51), tratam de uma transcrição feita, em juramento, que finaliza uma disputa de terras entre um agricultor e o monastério de Monte Cassino. O vulgar vem transcrito com a finalidade de escrever da maneira mais fiel possível o depoimento do agricultor, representando assim a aproximação de uma língua que era essencialmente oral a um registro escrito.

Com efeito, Marazzini (2004, p.58) acrescenta que muitos dos primeiros documentos da língua italiana pertenciam a um âmbito jurídico, questão que não se dá de forma arbitrária, pois a categoria dos tabeliões era uma das que mais participava de atividades de uso da

---

<sup>15</sup> Assim como esta, as traduções dos teóricos que aqui seguirão serão traduções minhas, acrescento na nota de rodapé a citação no original: “[...] *una zona fortemente caratterizzata dalla presenza di monasteri benedettini, dai quali archivi spesso provengono i documenti più antichi della nostra lingua*”.

<sup>16</sup> “*Sao ko kelle terre, per kelle fini que ki contene, trenta anni le possette parte S(na)c(t)i Benedicti*” (apud TESI, 2007, p.25).

escritura e, “[...] propriamente pela função deles, eram continuamente empenhados em um trabalho de codificação da língua quotidiana à formalização jurídica do latim.”<sup>17</sup>

Vale lembrar que a presença do latim como língua oficial se dará até praticamente o século XV, quando o seu enfraquecimento permitirá as efervescentes disputas em torno da língua italiana no século seguinte. Podemos então, acrescentar mais um elemento, no polissistema italiano, que atuava de forma direta na constituição da língua vulgar, o sistema jurídico; como dito anteriormente, este tinha um papel hegemônico para a circulação das línguas de forma escrita e oral, pois os tabeliões detinham o poder de transcrever a língua vulgar e, dessa forma, possivelmente atuavam na moldagem dela, acabavam conferindo um aspecto para essa nova língua que ainda oscilava entre latim e vulgar e que ainda era majoritariamente oral. Já nesse período temos exemplos de como um polissistema vai se construindo de forma heterogênea: antes mesmo do século XI, o polissistema linguístico-literário italiano era movimentado por principalmente três sistemas: o literário, o político e o religioso.

No final do século XII começam a surgir os primeiros registros de uma escrita literária na língua italiana, também na região compreendida entre Monte Cassino e Úmbria. As composições, em sua maioria anônimas, chamadas de *Ritmi*, inauguram a escrita poética, mesmo que de estrutura não regular e métrica não definida, eram ligadas à oralidade e transcritas a partir da memória do poeta (TESI, 2007, p. 37). Essa característica de uma métrica ainda não definida permanecerá em poetas do século XIII, como Jacopone da Todi (1230-1306)<sup>18</sup>.

Já com Enei, podemos observar que os sistemas de maior destaque dentro do polissistema italiano não circulavam de forma independente; desde o início da literatura, os sistemas políticos e religiosos atuam de forma direta na formação do sistema literário italiano. Acredito que este fenômeno se deva ao fato de que a literatura

<sup>17</sup> No original: “[...] proprio per le loro funzioni erano continuamente impegnati in un lavoro di transcodificazione dalla lingua quotidiana alla formalizzazione giuridica del latino.”

<sup>18</sup> Jacopone da Todi converteu-se à vida religiosa após a morte de sua esposa, passou de frequentador da vida rica e de festas exuberantes para uma vida de um homem que viu na dor da perda de sua esposa uma inspiração para uma nova vida, como aponta Bruno Enei em seu livro *Aulas de Literatura Italiana e Desafios Críticos* (2010, p. 47).

deveria servir a um propósito, ainda não havia espaço para a “arte pela arte”, a literatura tinha uma função didascálica e prática. Com efeito “Toda a literatura medieval se caracteriza por um espírito prático de educação e por uma tendência ao Enciclopedismo. A arte não era autônoma. Tinha finalidade de instruir, de educar, de iluminar. Era a “veste” da verdade. Era um “meio” a serviço da religião e da moral [...]” (ENEI, 2010, p. 34-35).

Se na produção poética dos *Ritmi* a característica dominante era aquela de uma irregularidade métrica, no final do século XII, os trovadores provençais, muito lidos nas cortes italianas, inauguram os versos regulares que serviram de modelo para os poetas da Escola siciliana. Aqui posso dizer, então, que o polissistema italiano esteve aberto ao polissistema francês e dele retirou modelos para o início de sua literatura, temos então um exemplo de um dos “postulados básicos” da teoria dos polissistemas: um polissistema é constituído por sistemas que se relacionam entre si e com outros polissistemas paralelamente.

As primeiras estrofes regulares escritas na língua dos italianos datam de antes de 1194 e foram empreendidas por um trovador provençal não italiano, Rambaldo di Vaqueiras, e aparecem na composição *Contrasto*, nas falas de uma senhora genovesa (MARAZZINI, 2004, p.63).

Durante o reinado de Federico II, o rei da Sicília, no século XIII, os poetas de sua corte, conhecidos como os poetas da Escola siciliana, entre os anos de 1230 e 1250 atingiram o esplendor da língua literária italiana (DE SANCTIS, 2006, p.62), criaram modelos líricos, dentre os quais, provavelmente um dos mais difundidos, o soneto. E propriamente a partir desse século que uma verdadeira literatura italiana começa a surgir, como aponta Bruno Enei:

A verdadeira literatura em língua vulgar (em língua, isto é, italiana) começa somente no século XIII. É justamente nesse período que encontramos, pela primeira vez, obras e autores que manifestam uma espiritualidade, um conjunto de motivos, uma expressão e um modo de pôr e resolver problemas que merecem o nosso estudo e a nossa apreciação. É justamente neste período que encontramos a poesia e a prosa dos escritores de literatura épica, didática e moral, religiosa, amorosa, popular e burguesa, que apresentam os



vários momentos e períodos da primeira fase da história literária italiana. (ENEI, 2010, p. 25)

Enquanto a língua literária italiana estava iniciando, as literaturas francesas em língua d'oil e a provençal em língua d'oc já eram bem estabelecidas. A língua d'oc, como bem ressalta Marazzini (2004, p.65) fascinava por ser considerada a língua da poesia, capaz de falar do amor de forma refinada e com estilo, fato que fazia com que os poetas italianos escrevessem versos imitando os provençais. Portanto, posso pensar que o polissistema francês já havia adquirido uma maturidade que contribuía para a formação de um polissistema em fase de estruturação.

Acerca dessa prática de imitação, podemos trazer à luz o nome de Erich Auerbach. Em sua obra *Introdução aos estudos literários* (2015, p. 37), o filólogo alemão nos lembra que desde a Antiguidade tendia-se “[...] a estabelecer, para cada gênero, um modelo imutável [...] e encarava a arte literária como imitação de um modelo – modelo concreto se existisse uma obra ou um grupo de obras (“a Antiguidade”) consideradas perfeitas [...]” e ainda, mais especificamente sobre a poesia, ele acrescenta:

Era precisamente na alma do poeta inspirado que se realizava o modelo perfeito, de sorte que sua obra se tornava perfeitamente bela [...] a ideia da imitação de um modelo perfeitamente belo dominava por toda parte, tanto entre os teóricos da Antiguidade como entre os da Idade Média e da Renascença, e também os do século XVII. (AUERBACH, 2015, p. 37)

Partindo dessa prática da imitação, o que diferenciou os poetas da Escola siciliana dos outros poetas da península itálica que já escreviam poesias, foi o fato de que eles foram os primeiros a transpor aquele modelo provençal, considerado perfeito, para o vulgar italiano, mais especificamente para o vulgar falado na ilha da Sicília, ao sul da Itália. Logo, a língua por eles usada era de caráter áulico, mas com características sicilianas que foram apagadas pelos copistas quando as obras chegaram à Toscana (TESI, 2007, p. 41). Desse modo, acreditava-se que foram os próprios poetas daquela escola que apagaram suas características em busca de uma identificação com a língua toscana. Acerca disso, Tesi (2007, p.45) afirma: “É natural (ainda que

incompreensível para um moderno) que um copista toscano ou não siciliano, deparado com as formas que soavam estranhas ao seu patrimônio linguístico tendesse a “normalizar” o texto que tinha em suas mãos”.<sup>19</sup>

Passando do sul para o centro da Itália, quando Federico II morreu em 1250, a Escola siciliana praticamente desapareceu, deixando apenas algumas marcas locais e aspectos na produção literária das regiões centrais, como a Toscana e a Emilia-Romagna. Desse momento da história italiana, acredito poder extrair um claro exemplo de como os sistemas se relacionam entre si a ponto de criarem uma interdependência: a Escola Siciliana existia graças ao reinado de Federico II, logo, o sistema literário dependia do poder exercido pelo sistema político dentro do polissistema siciliano. A poesia central da Itália se fez mais voltada às questões religiosas do que às amorosas, como se fez na Escola do sul. Após a segunda metade do século XIII, foram os poetas de Florença que passaram a ter uma produção literária central, isso aconteceu porque, como afirma Marazzini (2004, p.71), na região da Toscana se agrupava toda a tradição lírica disponível, fato que contribuiu para o desenvolvimento da língua literária daquela região. Ainda sobre a centralidade da região da Toscana e do vulgar florentino, cabe lembrar as palavras de Bruno Enei:

Na “maré” dos dialetos – como sempre acontece – veio, então, prevalecendo aquele da região mais organizada, mais viva e exuberante, imprimindo uma diretriz e um caráter de disciplina e de uniformidade aos demais. É esse o passo lento e histórico da formação da língua nacional de um povo. Na Itália, por exemplo, existiam vários dialetos. Uns deles eram até anteriores ao do Lácio, ao latim. Mas quando a língua de Roma decaiu e se desfez, nessa maré de dialetos itálicos (o dialeto siciliano, o dialeto sardo, o dialeto napolitano, o dialeto umbro, o dialeto vêneto, etc.), foi o dialeto florentino que tomou a dianteira, galvanizando em torno de si os demais,

---

<sup>19</sup> No original: “È naturale (anche se incomprendibile per la sensibilità di un moderno) che un copista toscano o non siciliano di fronte a forme che avvertiva come stranee al suo patrimonio linguistico intervenisse a “normalizzare” il testo che aveva sotto mano.”

dando-lhes uma fisionomia, uma linha, uma disciplina e um vigor de aperfeiçoamento e de nacionalidade. Foi, assim, dialeto florentino que determinou a língua italiana. (ENEI, 2010, p.30)

Além das escritas líricas, o século XIII também ficou marcado pela popularização das prosas narrativas, caracterizadas pela “vulgarização” de textos franceses que, juntamente com latim, serviram de modelo para as prosas vulgares, ou seja, para prosas toscanas medievais<sup>20</sup>.

Expandido os domínios do vulgar escrito, o primeiro texto medieval datado, *La composizione del mondo*, escrito em 1282 por Restoro<sup>21</sup>, na cidade de Arezo, na região da Toscana, mostra já que a língua vulgar tinha uma plasticidade para se adequar não somente a temas literários, mas também científicos e, especificamente nesse caso, astronômicos. Restoro, o autor, no texto fala sobre a forma redonda do mundo, suas partes e o movimento do céu que faz com que enquanto seja dia em uma parte, seja noite em outra. Além da relevância temática, o texto é capaz de enriquecer o vulgar com palavras desse jargão científico de origens latinas. A partir daí, inicia-se uma tradição de escrituras científicas na língua da Itália que chegará ao conhecido Galileu Galilei (1564-1642), considerado o pai da ciência moderna. Já nesse período, acresce-se o sistema científico ao polissistema italiano e sua interferência também direta na *Questione della Lingua*, pois, a partir do texto de Restoro, podemos dizer que a língua vulgar confirma a expansão da sua capacidade para ser usada enquanto expressão de

---

<sup>20</sup> A esse exemplo, Tesi nos apresenta a vulgarização do texto francês *Fait des Romains*, escrito em 1213, que narra a guerra civil romana com aspectos literários que serão retomados pelo romance de Marco (1254-1324) *Polo, Il Milione* (As Viagens de Marco Polo), no qual o veneziano narra as suas viagens pelo Oriente. Graças ao favorável âmbito das grandes embarcações e desbravamentos no século XVI, esse gênero de narrativa de viagem será retomado.

<sup>21</sup> Restoro foi um escritor italiano nascido na cidade de Arezo, responsável por escrever *La composizione del mondo*, o primeiro texto em vulgar de conteúdo geográfico e astronômico. Fonte: <

diversos campos do saber, e assim confirmando o seu fortalecimento enquanto língua.

Com o fortalecimento da língua vulgar e seu uso por autores toscanos dos séculos XIII e XIV, principalmente por Dante Alighieri (1265-1321), Francesco Petrarca (1304-1374) e Giovanni Boccaccio (1313-1375), autores que formam as *Tre Corone* da literatura italiana e que serviram de modelo para a língua comum da Renascença, elevaram o nível e reconhecimento da língua que surgia.

Nesse período, a Itália já tinha bem sua cultura formada, tanto que europeus de outras regiões iam estudar na universidade de Bolonha<sup>22</sup> disciplinas como teologia, filosofia, direito, ciências naturais e estudos clássicos (DE SANCTIS, 2006, p.87), por esse motivo, os temas das novelas de cavalaria pareciam rasos para um povo que se educava com os clássicos gregos e latinos e já desenvolvia sua própria tradição de estudos científicos, como vimos anteriormente. Assim, esses aspectos levam De Sanctis a afirmar que a ciência foi a mãe da poesia italiana e as magníficas descobertas astronômicas se faziam constantes nas poesias dos poetas da segunda metade do século XIII, como em Guido Guinizelli (1230-1276). Portanto, nesse período ciência e literatura eram dois sistemas, de todo um polissistema heterogêneo, que caminhavam lado a lado na formação do perfil literário italiano. Contudo, isso não significa que o tema do amor tenha desaparecido das produções italianas, pelo contrário, ele apenas recebeu uma roupagem platônica e passou a ser visto como contemplação, um olhar filosófico e resgate dos pensamentos clássicos que se fará constante também na Renascença italiana.

Dentre os toscanos aqui citados, uma atenção especial deve ser oferecida ao escritor da *Divina Comédia*, Dante Alighieri (1265-1321) quem, além de uma intensa produção literária, foi o primeiro a teorizar sobre o vulgar e a categorizar os dialetos falados na província itálica em sua época. Ainda sobre Alighieri, conforme Ferroni, Cortellessa, Pantani e Tatti, importante notar que ele:

---

<sup>22</sup> Conforme a história publicada no site oficial da própria universidade, as atividades de ensino teriam iniciado no ano de 1088, sendo esta a primeira universidade do mundo ocidental. Disponível em: <<http://www.unibo.it/it/ateneo/chi-siamo/la-nostra-storia/luniversita-dal-xii-al-xx-secolo>>. Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

sintetiza as tendências essenciais da literatura do século XIII e ao mesmo tempo cria modelos determinantes para toda a literatura italiana. A sua formação cultural e a sua primeira experiência de poeta do “*dolce stil novo*” se desenvolvem no último período do século XIII, mas a maior parte de suas obras (inclusa a *Comédia*) foi escrita nos primeiros vinte anos do século XIV. (FERRONI *et. al.*, 2013, p. 03)<sup>23</sup>

Dessas suas obras do último período do século XIII, a sua obra juvenil, ora em prosa ora em poesia, *Vita nuova*, escrita entre 1392 e 1395 é:

“fervida e apaixonada”. As partes em prosa dão a sensação de terem sido feitas em um jato e prosseguem por “iluminações”, com uma escritura visionária (por outro lado não são negligenciadas as inovações linguísticas, estilísticas e sintáticas que esta literatura leva ao panorama da literatura vulgar). (FERRONI *et. al.*, 2013, p.09)<sup>24</sup>

Falando sobre a língua, o vulgar na obra *Vita nuova* vem usado para falar de um conteúdo específico e em um gênero definido, o amor quando vem tratado de forma lírica, enquanto no *Convivio* o vulgar é usado em todo o primeiro livro dessa obra, assim explicitando a crença do poeta de que a sua língua é muito capaz de desenvolver argumentos filosóficos com a mesma capacidade da língua latina. Na obra *Vita nuova* podemos ver que Dante, defensor de uma língua natural, mostra a necessidade de se usar o vulgar para falar de um sentimento que o poeta

---

<sup>23</sup> No original: “*sintetizza le tendenze essenziali della letteratura del secolo XIII e crea allo stesso tempo modelli determinante per tutta la letteratura italiana. La sua formazione culturale e la sua prima esperienza di poeta del “dolce stil novo” si svolgono nell’ultimo scorcio del secolo XIII, ma la maggior parte delle sue opere (compresa la Commedia) vengono scritte nel primo ventennio del secolo XIV.*”

<sup>24</sup> Original: ““*fervida e passionata*”. *Le parti in prosa danno l’impressione di essere state stese di getto e procedono per “illuminazioni”, con una scrittura visionaria (non vanno d’altra parte trascurate le innovazioni linguistiche, stilistiche e sintattiche che questa scrittura porta nel panorama delle letteratura in volgare.*”

sentia de forma intensa, o amor por sua musa Beatrice; logo, a opção da escrita por um vulgar nos faz perceber que o latim não seria capaz de expressar esse sentimento em toda a sua totalidade. No decorrer da *Vita nuova*, Dante Alighieri “explica” os seus sonetos e confirma essa minha impressão como podemos observar na passagem que segue após o soneto “*Tutti li miei penser*”: “Este soneto pode ser dividido em quatro partes: na primeira eu digo e suponho que todos os meus pensamentos são de Amor [...]”<sup>25</sup>. O próprio poeta se coloca e se afirma enquanto escritor em língua vulgar, Alighieri justamente escreve em vulgar para mostrar como essa língua era digna dos assuntos mais elevados.

Já com o *De Vulgari Eloquentia*, escrito por “um homem que o exílio fez cidadão do mundo”<sup>26</sup> (MARAZZINI, 1993 p.233) no começo do século XIV, entre 1303 e 1305, Dante mostra a necessidade de se definir a língua vulgar para que a literatura possa se desenvolver. Nesse seu livro, o poeta deixa claro que a língua é um dom divino (MARAZZINI, 1993, p.235), é o que distingue o homem das outras espécies, um dom de natureza dupla, é sensível porque nasce de nossos órgãos vocálicos, mas também é racional, serve a um propósito. Assim como todas as línguas vivas derivam da confusão da torre de Babel, ou melhor, a busca por um vulgar ilustre, representado pela língua poética, acontece porque a ferida pós-Babel deve ser curada, como bem nota Umberto Eco (2008, p.53). Dante empreende uma catalogação e análise dos vulgares italianos em busca do melhor entre eles. Dessa catalogação feita do norte para o sul, seguindo a linha dos Apeninos, emergem quatorze vulgares italianos (Sardo, Siciliano, Lombardo, Genovês, Trevisano e Veneziano, Friulano, Romagnolo, Anconetano, Apulo oriental, Apulo ocidental, Toscano, Spoletino e Romano). Contudo, o poeta conclui que o vulgar ilustre buscado por ele não existe nos dialetos falados, mas sim nas escritas dos melhores poetas, como aqueles pertencentes à Escola siciliana no tempo do reinado de Federico II, bem como nas poesias de Guido Guinzelli. Dante parte da gênese, da criação, da língua primeira falada por Adão até a catalogação das línguas de seu tempo com o propósito de se inserir e inserir a sua poesia nessa história linguística tão variada. Esse tratado dantesco permanecerá

---

<sup>25</sup> Texto original: “*Questo soneto in quattro parti si pu dividere: ne la prima dico e soppongo che tutti li miei pensieri sono d’Amore [...]*” (ALIGHIERI, 1932, p. 17).

<sup>26</sup> No original: “*da un uomo che l’esilio ha reso cittadino del mondo*”

oculto por um longo período até a Renascença quando Trissino o traduzirá e o usará como elemento de defesa no debate em torno da *Questione della lingua*. Três séculos mais tarde, Manzoni negará os propósitos linguísticos do *De Vulgari Eloquentia*. Ainda sobre o *De Vulgari Eloquentia*, Devoto e Altieri (1968, p.37) afirmam que no início desse tratado dantesco, o vulgar é considerado mais nobre porque é uma língua aprendida naturalmente, enquanto o latim se aprende por arte. Por ser, então, uma língua natural, Dante parte em defesa de seu próprio vulgar, causando polêmica, pois à sua época os vulgares de prestígio eram o francês e o provençal, como bem notamos no primeiro excerto do primeiro livro do *De Vulgari Eloquentia*, onde Dante distingue língua vulgar de língua gramatical: “Mas também é possível definir mais brevemente e afirmar que a língua vulgar é aquela que, sem a necessidade de alguma regra, se aprende imitando a mãe. Em seguida, temos também, além dessa, uma segunda língua que foi chamada pelos romanos de “gramática”.”<sup>27</sup>. Louvando a língua vulgar, no parágrafo seguinte Dante afirma que esta, entre as duas, é a mais ilustre “seja porque foi a primeira a ser usada pela raça humana, seja porque todo o mundo usufrui dela (mesmo nas diversidades de pronúncia e de vocabulário que a dividem), seja porque nos é natural, enquanto a outra é muito mais artificial.”<sup>28</sup>

Com Dante, então, segundo críticas, podemos dizer que teve início a *Questione della lingua*, um debate que se desenvolverá através da história da Itália e constituirá os momentos marcantes na formação da língua e da literatura italiana. Ou ainda, como nos lembra Umberto Eco em *La ricerca della lingua perfetta nella cultura europea*, o *De vulgari eloquentia*, escrito entre 1303 e 1305, “é o primeiro texto no qual o

---

<sup>27</sup> No original: “*Ma è anche possibile definire più brevemente e affermare che la lingua volgare è quella che, senza bisogno di alcuna regola, si apprende imitando la nutrice. Abbiamo poi anche, oltre a questa, una seconda lingua che fu chiamata dai Romani “gramatica”.*” (tradução para o italiano de Sergio Cecchin. Disponível em:

[http://www.classicalitaliani.it/dante/prosa/vulgari\\_ita.htm#\\_ftn1](http://www.classicalitaliani.it/dante/prosa/vulgari_ita.htm#_ftn1)>).

<sup>28</sup> Texto original: “*sia perché fu la prima a essere usata dal genere umano, sia perché tutto il mondo ne fruisce (pur nelle diversità di pronuncia e di vocabolario che la dividono), sia perché ci è naturale, mentre l'altra è piuttosto artificiale.*” (tradução para o italiano de Sergio Cecchin. Disponível em: [http://www.classicalitaliani.it/dante/prosa/vulgari\\_ita.htm#\\_ftn1](http://www.classicalitaliani.it/dante/prosa/vulgari_ita.htm#_ftn1)>).

mundo medieval cristão confronta organicamente um projeto de língua perfeita”<sup>29</sup> (ECO, 2008, p.41).

Continuando com Umberto Eco e suas observações acerca da obra de Dante Alighieri que confronta a questão do vulgar, o crítico italiano de Alexandria aponta para a questão da língua natural versus a língua artificial, distinção que Alighieri faz na obra em questão:

O *De vulgari eloquentia* se abre para uma constatação óbvia, mas fundamental para o nosso assunto: existe a pluralidade das línguas vulgares, e o vulgar si opõe, enquanto língua natural, ao latim, modelo de gramática universal, mas artificial. (ECO, 2008, p. 41)<sup>30</sup>

Eco aponta para a relevância dessa distinção entre língua natural versus língua artificial, aspecto que, se pensado em um todo diacrônico, veremos que se repetirá nos debates da *Questione della Lingua* durante a Renascença italiana, principalmente no que diz respeito às opiniões de Sperone Speroni e Pietro Bembo: para Speroni, a língua florentina de sua época era a língua de uso e a língua natural, portanto deveria ser eleita a língua “oficial” da Itália, enquanto que para Bembo, a língua que merecia esse estatuto de língua nacional era aquela utilizada pelos escritores do século XIV, portanto uma língua já ultrapassada, que deveria ser aprendida de forma artificial, deveria ser aprendida através da *imitatio*.

Interessante notar como o eco natural versus artificial se repete na obra de Dante Alighieri e ainda, como disse acima, estará presente séculos mais tarde, de certa forma, na base das disputas da *Questione*; contudo, há uma diferença notável entre o poeta florentino e o veneziano Pietro Bembo, enquanto

Dante, ao invés de censurar a multiplicidade das línguas, coloca em relevo a força quase biológica, a capacidade de renovação delas, de mudar no

---

<sup>29</sup> Original: “*Il primo testo in cui il mondo medievale cristiano affronta organicamente un progetto di lingua perfetta*”.

<sup>30</sup> No original: “*Il De vulgari eloquentia si apre su una constatazione ovvia, ma fondamentale per il nostro assunto: esiste la pluralità delle lingue volgari, e il volgare si oppone in quanto lingua naturale al latino come modello di grammatica universale ma artificiale.*”



tempo. Porque é propriamente na base dessa afirmada criatividade linguística que ele pode se colocar como inventor de uma língua perfeita moderna e natural, sem precisar ir à caça de modelos perdidos. (ECO, 2008, p. 53)<sup>31</sup>

Bembo caminha em uma via contrária, ele vai justamente à caça de modelos perdidos, ele se baseia em escritos de Petrarca e Boccaccio para fundar o seu modelo de língua perfeita e, nessa via de mão dupla da naturalidade *versus* a artificialidade pensada também em um todo diacrônico, a artificialidade de Bembo faz sentido: o autor da Renascença não poderia ignorar toda uma tradição literária e linguística italiana, enquanto o florentino, anos antes, estava justamente criando e fazendo parte dessa tradição, logo podemos dizer que havia espaço para Alighieri exercer essa sua criatividade enquanto “inventor de uma língua perfeita”, ao passo que Pietro Bembo vinha de uma era que se fundava justamente nos pilares dessa tradição. Com base no pensamento de Even-Zohar, posso dizer que os textos de Dante, Petrarca e Boccaccio estavam desempenhando o papel fundador de uma literatura canônica que representavam modelos de prosa e poesia que andavam em direção ao centro do polissistema, enquanto Bembo estaria em um processo de identificação com o centro e portanto deveria justamente se espelhar nele e não modifica-lo.

Durante o mesmo período de Dante Alighieri, na Catalunha, o escritor Raimondo Lullo<sup>32</sup> também estava em busca de uma língua perfeita. Cito justamente esse autor para mostrar que a busca por uma língua não era exclusividade do polissistema italiano, mas era sim uma tendência que se repetia em outras regiões da Europa e não somente durante o século XIV, essa busca europeia se manterá nos séculos que se seguem também na Alemanha, por exemplo, quando na Renascença o

---

<sup>31</sup> Texto original: “*Dante, anziché biasimare la molteplicità delle lingua, ne metta in rilievo la forza quase biologica, la loro capacità di rinnovarsi, di mutare nel tempo. Perché è proprio in base a questa asserita creatività linguistica che egli può proporsi di inventare una lingua perfetta moderna e naturale, senza andare alla caccia di modelli perduti.*”

<sup>32</sup> “Lullo é o primeiro filósofo europeu que escreve obras doutrinárias em vulgar [...] A Ars é universal não somente porque deve servir todos os povos, mas também porque se vale de letras alfabéticas e de figuras, e, portanto, estará aberta a todos os iliteratos de qualquer língua.” (ECO, 2008, p. 62).

teólogo Martinho Lutero também atuará em defesa de uma própria língua alemã.

Assim, posso dizer que tanto Dante Alighieri quanto Raimondo Lullo além de pertencerem ao mesmo período histórico, em certa medida eram autores que mostram de forma evidente a relação entre os polissistemas europeus no que diz respeito a uma busca por uma língua perfeita. Alighieri e Lullo eram autores em busca de um preenchimento para o vácuo linguístico que existia no polissistema de cada um, fator que promovia o movimento do mesmo, uma vez que a busca por um modelo que sane as necessidades de um polissistema, é o que contribui para a dinamicidade de suas relações internas (e externas), como aponta Itamar Even-Zohar na sua teoria dos polissistemas.

Com Petrarca, vemos a consolidação do vulgar na escrita poética, mesmo que esse poeta ainda fizesse largo uso do latim. Já com Boccaccio, temos a consolidação do vulgar na prosa. Nos primeiros anos do século XIV, como ressaltam Devoto e Altieri (1986, p.42), a língua toscana passou a ser objeto de cobiça pelas outras regiões da Itália que a consideraram a língua poética por excelência. Essa afirmação linguística de Florença não se deu de forma arbitrária, algumas circunstâncias certamente a influenciaram: uma delas é a própria questão geográfica, sendo a Toscana localizada no centro da península, os seus modelos e sua produção literária se difundiram para as outras regiões sem grandes obstáculos, além da questão da origem do vulgar florentino, que por ser o vulgar que mais se aproximava ao latim, conseguia enriquecer seu léxico com palavras latinas de forma rápida e eficaz, assim assimilando novos termos e enriquecendo o vocabulário vulgar. A esse ponto, com o amadurecimento da língua vulgar nas obras de Dante, Petrarca e Boccaccio, a língua materna desses autores já tinha capacidade de ultrapassar as barreiras da escrita literária e se alargar para os campos filosóficos e científicos, como notam Devoto e Altieri (1968, p.50) no livro *La lingua italiana. Storia e problemi attuali*.

No século XIV, Florença foi a terra dos primeiros grandes escritores italianos a realizarem obras em língua vulgar, esse fator assimilado às questões políticas, como a crise da igreja possibilitando a propagação do pensamento humanista no século XV, fortaleceram ainda mais a centralidade desse vulgar após a segunda metade do século XV, pois na primeira metade do século houve uma espécie de crise linguística e muitos humanistas, como Coluccio Salutati (1331-1406) ainda eram adeptos ao latim baseado em modelos ciceronianos. Para resumir a disputa linguística no século XV, podemos citar a seguinte

frase de Marazzini (2004, p. 92): “O latim era preferido enquanto língua mais nobre, capaz de garantir a imortalidade literária. O uso do vulgar, segundo os cultos, resultava aceitável somente nas escrituras práticas e de negócios, isto é, nas matérias sem pretensões artísticas.”<sup>33</sup>

Portanto, desde o início dos debates da *Questione della lingua*, vemos que todo um polissistema italiano, já bem constituído de sistemas políticos, literários, científicos e religiosos, se movimentava em torno da questão. Ou, ainda, como aponta Umberto Eco:

O sonho de uma língua perfeita ou universal foi sempre definido propriamente como resposta ao drama das divisões religiosas e políticas, ou somente por dificuldades de relações econômicas; aliás, a história da alternância dessas motivações através dos séculos, construirá uma outra contribuição para a compreensão de muitos aspectos da cultura do nosso continente. (ECO, 2008, p. 25)<sup>34</sup>

## 2.2 A *Questione della Lingua* e o humanismo.

*Non consigo entender porque a muitos  
desagrada aquilo que usam, mas louvam o que  
nem entendem e nem se preocupam em entender.*  
Leon Battista Alberti

Com o latim de um lado representando a eternidade da literatura e o vulgar do outro, representando uma língua jovem, ainda incerta, os humanistas que estavam nesse entre lugar, acabaram por produzir uma

---

<sup>33</sup> “Il latino era preferito in quanto lingua più nobile, capace di garantire l’immortalità letteraria. L’uso del volgare, secondo l’opinione di questi dotti, risultava accettabile solo nelle scritture pratiche e d’affari, cioè nelle materie senza pretese d’arte.”

<sup>34</sup> Original: “[...] il sogno di una lingua perfetta o universale si è sempre profilato proprio come risposta al drama delle divisioni religiose e politiche, o anche soltanto alla difficoltà dei rapporti economici; anzi, la storia dell’avvicinarsi di queste motivazioni attraverso i secoli costituirà un altro contributo alla comprensione di molti aspetti della cultura del nostro continente.”

escritura muito peculiar, característica do século XV: o *mistilinguismo*<sup>35</sup>, caracterizado pela mistura do latim com vulgar, com o propósito de enriquecer e reafirmar a língua nova.

Nesse período podemos observar uma interessante movimentação do polissistema italiano. Não obstante a dependência do latim, a “nova” literatura em vulgar estava em busca de sua independência, então, partindo de suas bases latinas, ela justamente buscava aparatos para o seu fortalecimento e, conseqüentemente, para seu impulso para um descolamento do latim; praticamente como se a busca pela independência promovesse um movimento centrífugo da língua vulgar, praticamente como se o *mistilinguismo* fosse uma “saída pela tangente” em busca de um distanciamento da hegemonia latina. E, justamente essas misturas linguísticas que se davam na direção do latim para o vulgar e vice-versa, de uma língua para outra, e vice-versa, mostram um movimento pendular, um ir e vir em busca de uma afirmação enquanto língua vulgar, mas que ainda precisa se afirmar em relação à língua latina.

Como vimos anteriormente, ao final do século XIV a língua florentina alargou seus domínios, e como resultado desse processo, Florença instituiu, a partir de 1414, a obrigatoriedade do uso do vulgar em tribunais e no comércio. Mais uma vez vemos como os sistemas dentro do polissistema italiano estão intimamente ligados. E justamente essas relações extra-literárias que proporcionam a dinamicidade do polissistema italiano. Quando as novas gerações percebem que o tradicional já não é mais capaz de satisfazer todas as demandas do polissistema, há uma necessidade em criar artifícios que sejam capazes de preencher os vácuos; há uma remodelação do antigo para que ele se modifique e sobreviva, o vulgar remodela o latim. E justamente essa

---

<sup>35</sup> Duas foram as principais “escolas” dessa mistura linguística: o vulgar “macarrônico” e o “polifilescó”. A primeira se refere à prática que nasceu na cidade de Pádua e se caracterizava, essencialmente, pela latinização do vulgar dada de forma paródica. Contudo, percebemos que essa mistura linguística não é uma inovação humanista do século XV, ela já existia nos primeiros registros da língua itálica, como vimos no *Indovinello Veronese* e no *Placito Capuano*, porém, a diferença é que a sua realização humanista se dava de forma consciente, a mistura era feita propositalmente e bem cuidada, aquele que a realizava era um latinista que sabia como fazer as interpolações para que elas realizassem seus objetivos: vulgarização da língua latina e credibilidade para a nova língua.

transformação do tradicional é o que permite a sobrevivência do cânone, como aponta Itamar Even-Zohar (2013). Mas, se por outro lado, o cânone permanecer estático, ele não é mais capaz de se manter no centro do polissistema, o que permite esses momentos de ascensão da margem, um movimento de baixo para cima, e fora para dentro do centro.

Continuando com os fatores que movimentaram o polissistema em torno da *Questione della Lingua*, o debate de 1441, o *Certame coronario*, encabeçado pela imponente figura humanista de Leon Battista Alberti (1404-1472), deixou clara a escolha favorável do uso do vulgar também no campo da literatura. Alberti tinha uma sintaxe incerta, escrevia em vulgar ainda com regras da gramática latina, como notam Devoto e Altieri (1986, p.53). Contudo, com essa sua característica de escritura, o humanista italiano realizou uma tarefa que visava uma tradição do uso do vulgar em um nível elevado, seguindo, de certa forma, a onda das misturas linguísticas que vinha com os humanistas de sua época, uma comparação com o latim era feita com o objetivo de melhorar a língua toscana. Artista, humanista e laico, Alberti é a síntese do homem desse século que era “senhor do seu mundo, capaz de representar e julgar e modificar a realidade em cada aspecto, mesmo que humilde.”<sup>36</sup> (DIONISOTTI, 1999, p. 64-65). A figura intelectual de Alberti que, além de ter sido um grande arquiteto, ele foi o responsável pela primeira gramática da língua toscana e primeira gramática humanística em língua vulgar, como aponta Marazzini (2004, p.96). Ao lado *Grammaticetta della lingua toscana*, na defesa da língua vulgar, acrescentamos o Proêmio ao III dos *Libri della Famiglia*<sup>37</sup>, escrito por Alberti entre 1436 e 1437, onde o autor tenta “[...] defender a tese de que o latim não foi somente a língua dos notáveis e da cultura, mas, também, a dos subalternos e a da economia da época. Tenta, então, com vários argumentos, destruir a tese bruniana<sup>38</sup> de que os plebeus não

---

<sup>36</sup> Original: “*signore del suo mondo, capace di rappresentare e giudicare e modificare ella realtà in ogni suo aspetto, anche umile.*”

<sup>37</sup> A primeira tradução para o português brasileiro desses dois textos de Leon Battista Alberti foi empreendida pelo professor Sergio Romanelli e faz parte do primeiro volume da Antologia Bilíngue. Clássicos da Língua italiana, lançado em 2012. Em: ROMANELLI, Sergio (org.) Antologia bilíngue. *Clássicos da língua italiana 1*. Tubarão: COPIART; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012.

<sup>38</sup> A tese bruniana, de Leonardo Bruni (1370-1444), seria de que a língua latina na Roma antiga teria sido capaz de ser falada apenas pelos cultos, era uma língua complexa e a única a possuir uma gramática. Argumento que será negado

conseguiriam declinar o latim afirmando existir a mesma dificuldade com o vulgar; já que o vulgar também possuía uma gramática, desinências e concordâncias específicas.” (ROMANELLI, 2012, p. 13). A *Grammatichetta* de Alberti ganha importância para o desenvolvimento do italiano não somente por ter sido a primeira gramática dessa língua, mas também pelo fato do século XV, se comparado ao século anterior, não ter sido marcado por grandes modelos literários. Aqui vemos justamente um período de vácuo no polissistema italiano: se por um lado o século XIV havia sido produtor de grandes literaturas italianas, o século XV parecia não seguir esta tendência e teria permanecido de certa forma, estagnado com a fossilização de um cânone literário em seu centro. Assim como Alberti, Speroni também se usava do retorno aos clássicos como forma de enaltecer o vulgar.

Nessa crise do vulgar literário, Lorenzo de' Medici, o Magnífico (1449-1492)<sup>39</sup> em seu *Commento ad alcuni sonetti d'amore* celebra a produção literária das *Tre Corone* (Dante, Petrarca e Boccaccio) como responsável pela afirmação da língua toscana em gêneros diversos e faz uma imponente proclamação exigindo o seu direito em escrever na língua de seu nascimento (SERIANNI, 1993, p.481). Essa afirmação de Lorenzo reverberará no século seguinte, por exemplo, nos escritos de Sperone Speroni e de Nicolau Maquiavel, autores que defendiam o uso

por Alberti ao escrever a sua *Grammatichetta* por volta de 1438. O genovês mostra como o vulgar já havia atingido a sua maturidade ao defender que esta língua também teria sua própria gramaticalidade e o faz de forma muito eficaz, Alberti se baseia nas categorias gramaticas propostas por Prisciano nos livros X a XVI das *Institutiones* e preenche todas elas com exemplos em língua vulgar. Homem atento a seu tempo, Alberti, quase que como um flâneur do humanismo, observa como “O latim, que estava a ponto de se apagar da vida cotidiana em benefício das línguas vernáculas [...]” (LE GOFF, 2015, p.55) e afirma que “busco ser mais útil aos demais do que agradar a poucos, pois é sabido que são realmente poucos os que hoje em dia sabem ler e escrever em latim” (ALBERTI, 2012, p. 23), e assim justifica a sua opção por escrever uma *Grammatichetta* justamente em vulgar.

<sup>39</sup> Lourenço, o Magnífico governou a cidade de Florença de 1469 a 1492, quando faleceu precocemente aos 43 anos. Foi mecenas de muitos artistas, pintores, escritores italianos durante o seu reinado, como bem nos lembra o professor Bruno Enei (2010, p.111). Além da valorização dos artistas, Lourenço ficou marcado por ter sido o imperador que foi capaz de manter a paz entre os vários reinos da Itália.

de uma língua natural e refutavam de forma contundente a defesa de uma língua artificial, a qual era sustentada pelo veneziano Pietro Bembo.

### 2.3 A Renascença e a *Questione della Lingua*.

Antes de chegar propriamente ao debate em torno da língua italiana, julgo necessário trazer a definição da Renascença proposta por Erich Auerbach (2015, p.227) e Jacob Burckhardt (2009, p. 177). Sendo assim, acredito ser de suma relevância apresentar a diferença terminológica entre *Renascimento* e *Renascença*, enquanto Auerbach fala de *Renascença* e Burckhardt de *Renascimento*. Para o filólogo alemão a *Renascença* se refere muito mais do que somente à redescoberta da civilização greco-romana, para ele, o termo dá conta também desse aspecto, mas engloba as questões religiosas, políticas, redescobertas e movimentos gerais que foram necessários para o desenvolvimento do homem moderno, da nova humanidade que surgia, como o autor aponta, ou seja, Renascença me parece ser um termo mais adequado por justamente englobar os vários sistemas que formam o polissistema italiano. Já para o historiador suíço, o termo *Renascimento* parece estar muito mais ligado à questão do *redespertar da antiguidade* e nos passa a impressão de um movimento muito mais relevante por questões artísticas. Por esse motivo, aqui darei preferência ao termo Renascença, embora não deixe de considerar a publicação do professor de Nietzsche, *A Cultura do Renascimento no Itália*, obra de 1860, pioneira no traçado de uma origem para um dos movimentos mais marcantes da história italiana e que claramente influenciou Erich Auerbach em seu livro de 1944.

Auerbach na obra *Introdução aos Estudos Literários* dedica um extenso capítulo ao século XVI e à Renascença, século por ele considerado o princípio dos tempos modernos na Europa. O movimento da Renascença marcado pelo *redespertar* dos modelos da Antiguidade greco-romana, pela reforma protestante de Lutero, pela difusão da imprensa criada por Gutenberg (1398-1468) no século anterior, pela afirmação do vulgar, pelo surgimento de uma nova classe social, pela grandiosidade da arte, dentre outros, aspectos que formam um dos períodos de maior esplendor de nosso tempo.

Acerca da imprensa de Gutenberg que no século anterior foi responsável pela difusão maciça da *Divina Comédia* e da *Bíblia*, devo apontar que essa influenciou no campo da literatura não somente no sentido de facilitar a divulgação do texto, mas também na criação de

uma forma padrão que o texto impresso agora impunha sobre o texto manuscrito. Já nos primeiros anos do século XVI temos a presença de uma verdadeira indústria literária (em escalas pequenas, mas essencialmente já formada) com produção e difusão de textos selecionados e literatos atuando na revisão e correção desses textos. Vemos, então, uma verdadeira *República das Letras* já bem estruturada e capaz de movimentar o polissistema em âmbitos extraliterários.

Com esse movimento de imprensa, a língua também sofre mudanças, um padrão tipográfico foi estabelecido, como aponta Riccardo Tesi (2007, p. 187). Um dos editores de maior relevância no início do século XVI foi Aldo Manuzio (1449-1515), para quem Pietro Bembo exercia a atividade de revisão e curadoria editorial. Das obras publicadas por Manuzio, o caso mais conhecido é do Petrarca aldino, de 1501. Essa publicação de um soneto dos *Rerum vulgarium fragmenta*, baseada numa versão em vulgar de 1478, passou por diversas mudanças, como os acréscimos das apóstrofes e de pontuações, mas a mudança que nos salta aos olhos é a própria grafia, completamente distinta daquela medieval. A esse exemplo acresce-se o da revisão da *Divina Comédia* de Alighieri, realizada no ano seguinte por Bembo, seguindo as mesmas mudanças realizadas no texto de Petrarca (TESI, 2007, p. 191). Com essas mudanças gráficas e editoriais, temos o nascimento da filologia de textos vulgares que permitem a consolidação da cultura de produção de gramáticas nesse século. Além dessa influência direta da imprensa, Auerbach aponta para “a necessidade de remontar às fontes, experimentada tanto pelos humanistas como pelos reformadores [...]” (2015, p.235) como outra característica fundamental para a fundação da disciplina filológica. Ainda sobre a imprensa, podemos dizer que “[...] a reprodução técnica é capaz de colocar a cópia do original em situações impossíveis ao próprio original.” (BENJAMIN, 2012, p. 14), como bem ocorreu com a apropriação feita pela tipografia de Aldo Manuzio dos clássicos italianos, ela trouxe Petrarca, por exemplo, de uma forma que o poeta passou a ser utilizado como argumento de defesa de uma das correntes de disputa da *Questione della lingua* no século XVI, fato que seria impensável em seu contexto original, dois séculos antes.

Em âmbito religioso devemos recordar que a Reforma protestante do alemão Martinho Lutero entre os anos 1517 e 1522 também esteve ligada à questão da afirmação do vulgar, fato esse ocorrido na Alemanha e que nos faz perceber que o desejo de afirmação da língua materna de um povo que não mais fazia parte daquela cultura da dominação latina, não era apenas desejo italiano. Dentre as exigências dessa Reforma que



criticava duramente os excessos da Igreja, de uma Igreja católica já distante de suas origens, figurava justamente o desejo de realizar os cultos em língua materna, como bem aponta Auerbach (2015, p. 235). Logo, os polissistemas italiano e alemão se correlacionavam pelo mesmo filão de busca por uma língua que de fato representasse seu povo, respectivamente.

E o desejo de falar em uma língua materna é o que bem marca a Renascença, período que:

[...] é, antes de tudo, a época durante a qual as línguas românicas (como, de resto, também as outras línguas vulgares europeias, o alemão e o inglês, por exemplo) adquirem definitivamente a posição de línguas literárias, científicas e oficiais, e em que a supremacia do latim é definitivamente destruída. (AUERBACH, 2015, p.227).

O período da Renascença, chamado por Marazzini de período de triunfo da literatura vulgar, nos presenteou com obras como as dramaturgias de Nicolau Maquiavel, capazes de explicitar o estilo desse autor florentino, a prosa de Francesco Guicciardini (1483-1540), Ludovico Ariosto (1474-1533) e sua poesia *Orlando Furioso* que teve três edições (1516, 1521 e 1532) com mudanças linguísticas, esses três autores formam, se assim podemos dizer, as *Tre Corone* literárias renascentistas e com os quais o “vulgar não tinha apenas amplamente vencido, mas se tinha afirmado com maturidade e com espontaneidade e naturalidade.”<sup>40</sup> (DEVOTO e ALTIERI, 1968, p.64).

Nesse contexto e com esse espírito e desejo de se expressar em língua materna, continuou o questionamento sobre qual, então, seria a língua capaz de representar um povo que pertencia a uma realidade plurilíngua. Intelectuais e nobres passaram a fazer parte do período mais fervoroso em busca da língua unitária e justamente no século XVI o debate da *Questione della lingua* apresentou correntes de defesa consistentes: a dos latinistas que defendiam a retomada dos modelos clássicos latinos e que teve como maior representante o veneziano Pietro Bembo, a corrente dos que defendiam o uso do vulgar literário florentino do próprio século XVI, na qual figuravam Nicolau Maquiavel

---

<sup>40</sup> Original: “[...] volgare aveva non solo ampiamente vinto, ma si era affermato com maturità e insieme com spontaneità e naturalezza.”

e Sperone Speroni e, por fim, a corrente cortesã que defendia o falar da corte e que teve como seu maior representante Baldassar Castiglione.

Sobre a primeira corrente, é importante notar que ela foi a definidora da questão não somente por aspectos literários, mas principalmente por questões políticas, pois era a proposta que melhor identificava uma burguesia que surgia. Sobre essa nova classe, Auerbach ressalta que era uma:

[...] camada social, a princípio pouco numerosa, mas que aumentava continuamente, composta de aristocratas e burgueses enriquecidos, que sabia ler e escrever, tomava parte na vida intelectual, estimava a arte e a literatura, desenvolvia um gosto e se tornava, sem ser erudita, instruída e vigorosa o bastante para se constituir pouco a pouco árbitro da arte e da vida literária. (AUERBACH, 2015, p. 236)

O literato Pietro Bembo (1470-1547), humanista, escritor da poesia *Asolani*, baseada nos modelos de Petrarca, encabeçou essa corrente, ele havia trabalhado com Manuzio na normatização de clássicos da literatura italiana, quando provavelmente desenvolveu a sua teoria, foi o escritor do *Prose della volgar lingua*, publicado em 1525, escrito em forma de diálogo, no qual o autor defende a retomada dos modelos literários de Boccaccio para a prosa e de Petrarca para a poesia, retomada que não engloba completamente as *Tre Corone* italianas, pois, para Bembo, Dante não manteve uma estabilidade linguística, como apontam Giacomo Devoto e Maria Luisa Altieri:

*As Prose della volgar lingua*, de Pietro Bembo, são uma coletânea de diálogos publicada em Veneza em 1525. Decidido o vulgar, este deve, segundo Bembo, ser toscano, mas arcaico, inspirado nos modelos de Petrarca, de Boccaccio de outros escritores do século XIV. Desses modelos arcaicos, Dante deve ser mantido de fora, pois nem sempre se mantém em um nível

suficiente para agir como fator de estabilidade linguística. (DEVOTO e ALTIERI, 1968, p. 66)<sup>41</sup>

Esses autores da áurea literatura do século XIV foram retomados como modelo de língua italiana, conforme a exposição feita nos livros que compõem a obra bembiana, os quais como bem ressaltam Cecchi e Sapegno (1976, p. 139), iam além da proposta de ser uma simples gramática da língua, formavam uma grande obra sobre a retórica em vulgar, e além disso, como define Marazzini (2004, p. 112) o *Prose della volgar lingua* “não é uma gramática esquemática e metódica, mas uma série de normas e regras expostas na ficção do diálogo, das quais, portanto, emerge um claro perfil do italiano, tal qual Bembo teorizava”<sup>42</sup>. Deste diálogo ocorrido entre Giuliano de’ Medici, Federico Fregoso, Ercole Strozzi e Carlo Bembo, todos eles personagens reais envolvidos na *Questione della lingua* e da aguçada capacidade retórica de Bembo, surge uma análise histórica e linguística do vulgar e, especificamente, do vulgar toscano utilizado pelos grandes autores do século XIV italiano; nomes estes que serviram de modelo para a proposta arcaizante defendida pelo veneziano, o qual acreditava que uma língua não se adquire do povo, mas sim dos modelos literários (MARAZZINI, 2014, p. 114).

A obra de 1525, de Pietro Bembo, dedicada ao Papa Clemente Sétimo, dividida em três livros é justamente a obra definidora do debate. No início de seu primeiro livro do *Prose della volgar lingua*, Pietro Bembo já atenta para a dificuldade de se entender as variedades dos falares e que, por essa razão, deveria haver uma língua comum a todos os homens. Língua esta que deveria ser baseada em escritos, por serem mais duráveis do que a fala, além disso, segundo Bembo, o escrito é um pensamento que se desenvolve de forma mais cuidada. Essa língua escrita teria sido justamente a dos escritores de Florença, diz Bembo a

---

<sup>41</sup> Texto original: “*Le Prose della volgar lingua di Pietro Bembo, sono una raccolta di dialoghi uscita a Venezia nel 1525. Affermato il volgare, questo deve, secondo il Bembo, esser toscano: ma arcaico, ispirato ai modelli di Petrarca, del Boccaccio e di altri trecentisti. Da questi modelli arcaici deve esser tenuto staccato Dante, che non sempre si mantiene a un livello sufficiente, per agire come fattore di stabilità linguistica.*”

<sup>42</sup> Original: “*Non è dunque una grammatica schematica e metodica, ma una serie di norme e regole esposte nella finzione del dialogo, dalle quali tuttavia emerge un chiaro profilo dell’italiano, quale Bembo teorizzava*”.

Papa Clemente, que essa língua teria sido a mais perfeita<sup>43</sup>. Conforme Casini,

A proposta bembiana acabou prevalecendo principalmente por razões práticas (a facilidade de divulgação via imprensa do cânon escolhido, por conta da grande notoriedade e difusão em toda a Itália das obras dos clássicos toscanos) e políticas (o fim da liberdade italiana e o clima de “normalização” política e cultural já dominante. (CASINI, 2012, p. 164).

A segunda corrente, a chamada corrente cortesã ou italiana, foi defendida por Castelvetro<sup>44</sup>, Calmeta<sup>45</sup>, Equicola<sup>46</sup>, Castiglione<sup>47</sup> e Trissino<sup>48</sup>. Para estes estudiosos, o melhor vulgar seria aquele utilizado nas cortes, principalmente aquele da corte de Roma, a *urbs aeterna* e cidade cosmopolita que favorecia a mistura de dizeres diversos. Equicola defendia que o italiano deveria ser uma língua capaz de acolher os vocabulários de todas as regiões italianas, tese também

---

<sup>43</sup> “[...] *che della vostra Citta di Firenze; et de suoi scrittori piu che d'altro si fa memoria in questo ragionamento: dalla quale et da quali hanno le leggi della lingue, che si cerca, et principio et acrescimento et perfettione havuta.*” (BEMBO, 2001, p. 5)

<sup>44</sup> Ludovico Castelvetro foi um literato italiano nascido na cidade de Modena e que viveu de 1505 a 1571.

<sup>45</sup> Vincenzo Colli, conhecido como o Calmeta, foi um poeta italiano que viveu de 1460 a 1508.

<sup>46</sup> Mario Equicola (1460-1525) participou das atividades das cortes dos Estensi, da corte de Alfonso I (duque de Ferrara) e dos Este, nas quais aprendeu as regras da vida e da língua cortesã.

<sup>47</sup> Baldassare Castiglione (1478-1529) foi um literato italiano nascido na cidade de Mântua, “[...] é o autor de *O Cortesão*, obra que o tornou famoso pelo sucesso alcançado na Europa e nas Américas. Sua vida é repleta de experiências devido às numerosas missões diplomáticas em serviço de algumas das mais prestigiosas famílias como as do Gonzaga de Mântua, as dos Montefeltro de Urbino e as dos Della Rovere, a quem serviu como diplomata e letrado.” (BASTIANETTO, 2012, p.96).

<sup>48</sup> Giovan Giorgio Trissino (1478-1550) foi um literato italiano responsável pela descoberta e tradução da obra escrita em latim *De vulgari eloquentia*, de Dante Alighieri para o vulgar florentino. Atuando em defesa da língua cortesã, escreveu a sua obra *Il Castellano* em 1529.

defendida por Baldassare Castiglione em seu *Cortegiano*, de 1528; Trissino, por sua vez, além de ser reconhecido por redescobrir e traduzir para o vulgar o *De Vulgari Eloquentia*, defendia que a língua utilizada por Petrarca era uma mistura de vários vulgares e por isso não poderia ser considerada uma língua “florentina”, mas sim uma língua “italiana”, sendo ele a inaugurar o termo “italianidade”, que se refere à essência desta língua tão buscada. Outra importante contribuição de Trissino foi a primeira publicação, em 1515, de uma tragédia clássica em língua vulgar, “a *Sofonisba*, imitação da tragédia grega, com unidade de ação, de tempo, e de lugar. Muitos outros lhe sucederam; fizeram-se também comédias no estilo antigo, por essa época, e algumas excelentes; a mais divertida é *A mandrágora*, de Maquiavel (1513).” (AUERBACH, 2015, p.249).

Dessa segunda corrente, gostaria de trazer à luz os escritos de dois autores, Baldassar Castiglione (1478-1529) e de Giangiorgio Trissino (1478-1550), os quais acredito terem sido os maiores defensores da mesma, pois, além de detentores de uma retórica bem articulada, também eram homens de relevante participação política.

No que diz respeito à Castiglione, este:

[...] foi enviado pelo papa Clemente VII para a Espanha na qualidade de núncio apostólico. Logo em seguida, as relações entre a Espanha e a França deterioraram-se, alcançado o ápice em 1527 com o saque de Roma. Castiglione foi responsabilizado pelo papa por não ter conseguido mediar o conflito, mas foi por ele perdoado após comprovar o quanto se havia empenhado. (BASTIANETTO, 2012, p. 96)

O diplomata de Casatico, portanto, além de participar do sistema literário, pela ocupação que ele tinha, também circulava em sistemas políticos e religiosos, dentro e fora do polissistema italiano, fato este que provavelmente pode ter contribuído para a sua defesa em prol de uma língua cortesã. O seu *Cortesão* não foi apenas um livro sobre a língua em si, mas ele englobava questões que iam além; como aponta a professora Patrizia Collina Bastianetto (2012, p. 97) em sua introdução à tradução da obra de Castiglione, o livro em questão é:

Um dos mais importantes livros renascentistas, tratado como um guia de conduta da época, que

aponta posturas e expressa valores políticos e sociais. O tema central é o de construir e de representar um modelo exemplar do cortesão do século XVI em todos os âmbitos de sua vida e o da perfeita cortesania conforme a qual, em qualquer caso, era importante conciliar razão com a elegância. (BASTIANETTO, 2012, p. 97)

E, justamente, para Castiglione um dos elementos essenciais para essa boa conduta é a língua, argumento este que será tratado do capítulo XXVIII ao capítulo XXXIX do livro *O Cortesão*. Castiglione inicia contextualizando sua obra, ele narra que os debates em torno da língua ocorreram enquanto ele frequentava a corte de Urbino. De início, já podemos observar que Castiglione critica diretamente aqueles que defendiam as outras linhas de defesa da *Questione della lingua*:

Os homens se comprazem tanto em repreender que repreendem também o que não merece repreensão, para aqueles que me censuram porque não imitei o Boccaccio, nem me senti obrigado ao costume do falar toscano de hoje em dia, não deixarei de dizer que ainda que Boccaccio fosse de gentil temperamento, segundo aqueles tempos, e que em alguma parte escrevesse com discrição e sagacidade, escreveu bastante melhor quando se deixou guiar somente por sua sagacidade e por seu instinto natural – sem a preocupação ou o cuidado de limar seus escritos –, mais do que, quando com diligência e fadiga, se esforçou para ser mais culto e castiço. (CASTIGLIONE, 2012, p. 109)

Além da crítica aos outros participantes do debate, nessa breve afirmação de Castiglione podemos ver o retorno do eco natural *versus* artificial, dicotomia que nasce pelas mãos de Dante Alighieri e sobrevive no debate, ou ainda, atinge sua maturidade na Renascença. E, como aponta Castiglione “a força e a verdadeira regra do falar bem consistem mais no uso do que em outra coisa, e sempre é vício usar palavras que não estejam em uso.” (2012, p. 109), logo a naturalidade do uso é o que, essencialmente permite um bem falar. Continuando com *O Cortesão*, cabe notar a lucidez do pensamento de Castiglione no seguinte parágrafo:

Eu ainda não quis obrigar-me ao costume do falar toscano de hoje; porque o comércio entre as diversas nações sempre teve a força de transportar de uma a outra, quase como as mercadorias, também vocábulos novos, os quais depois duram ou desaparecem segundo são aprovados ou reprovados pelo costume. (CASTIGLIONE, 2012, p. 110)

Baldassar Castiglione, homem religioso, diplomata e bem estudado, consegue, em poucas palavras, apontar para as relações entre os polissistemas e a interferência de sistemas comerciais em sistemas linguísticos. A mutabilidade do polissistema italiano, portanto, atrelada à movimentação dos mercados, promovia um ir e vir da língua vulgar e, para que se torne possível acompanhar esse movimento, seria impossível fincar as raízes de seu falar em apenas um vulgar (puro). Assim, relacionando essa afirmação de Castiglione ao seguinte pensamento de Even-Zohar:

[...] as relações existentes dentro do polissistema não só dão conta de processos do polissistema, como também de procedimentos no nível do repertório. Isso quer dizer que as restrições do polissistema resultam relevantes em relação aos procedimentos de seleção, manipulação, amplificação, eliminação, etc, que tem lugar nos produtos de feitos (verbais e não verbais) pertencentes ao polissistema (ZOHAR, 2013, p.07).

Posso, então, apontar para o fato de que o sistema mercantil na Renascença italiana poderia ter sido um dos responsáveis pelas mudanças linguísticas daquela época, era um sistema que permitia diálogos, amplificação de repertórios literários-linguísticos e que produziam mudanças dentro de um polissistema. A corrente cortesã, segundo o pensamento de Castiglione, seria uma corrente de acordo, enquanto que a corrente arcaizante de Bembo, não estaria de acordo e não seguiria o fluxo natural da língua e da literatura. Ainda com Castiglione e sua visão polissistêmica da língua italiana, o autor afirma que “o costume do falar das outras cidades nobres da Itália – nas quais se encontram homens sábios, engenhosos e eloquentes e que tratam de coisas grandes de governo de Estados, de letras, e armas e de negócios

diversos – não deve ser totalmente desprezado.” (2012, pg. 111), onde se vê que o bem falar defendido pelo autor do *Cortesão* não se restringe a somente um ou dois modelos de língua, e modelos de língua literários, mas sim é um bem falar que circula, é maleável e se adapta aos diferentes contextos, ou seja, aos diferentes sistemas que compõem o polissistema da Renascença.

Em seguida, Castiglione aponta para a sua preferência de ser lombardo e falar justamente como um lombardo, ou seja, falar de forma natural enquanto usa a sua língua materna, do que falar como um não toscano que corre o risco de falar demasiadamente toscano, ou seja, falar um toscano artificial apreendido dos modelos literários. Acerca dessa questão, ele ainda traz como exemplo o fato de que o poeta Teofrasto, por falar um ateniense exacerbado “foi reconhecido por uma simples velhinha como não ateniense” (CASTIGLIONE, 2012, p.113). Este mesmo exemplo será trazido por outro defensor da corrente cortesã, será trazido por Trissino no seu diálogo *Il Castellano*.

Dando continuidade ao texto de Baldassar Castiglione, por meio da fala do personagem Federico, vemos uma defesa da corrente arcaizante, enquanto que por meio da participação do Conde, vemos a expressão em defesa da língua toscana, conforme posso exemplificar através das seguintes falas: o Conde afirma que “louvaria o homem que, além de evitar muitas palavras toscanas antigas, tratasse ainda de usar, tanto escrevendo como falando, as que hoje estão em costume na Toscana e nos outros lugares da Itália, e que têm alguma graça na pronúncia.” (2012, p. 125), enquanto Federico afirma que “quando se escreve, creio eu que convenha usar as palavras toscanas, mas somente as empregadas pelos antigos toscanos, porque constituem um testemunho grande e aprovado pelo tempo de que são boas e significativas daquilo pelo que são ditas [...]” (2012, p. 125). Ambos os personagens concordam que ao usar o toscano antigo na escrita, o texto se torna muito mais majestoso do que se fosse escrito em língua vulgar toscana moderna, mas os personagens não entram de acordo no nível da fala, enquanto o Conde defende o falar vivo e natural, Federico defende um falar arcaizante e artificial, retirado dos modelos do toscano antigo.

Ainda com Federico, este personagem aponta que para estar seguro, basta imitar algum modelo que já tenha a aprovação de todos e aquele que assim o fizer, terá esse modelo como guia e escudo contra a repreensão. Novamente aqui vemos que o centro, apoiado em uma tradição, gera modelos para uma língua em formação, jovem e ainda em busca de sua estruturação e, justamente, a tradição sustentada não



somente pelo sistema literário, mas também por sistemas arquitetônicos, artísticos, como bem afirma Federico<sup>49</sup>, se apresenta como ponto de partida mais seguro para o desenvolvimento de um novo sistema. A segurança da sobrevivência através do tempo. Novamente, com a fala de Federico vemos a questão da aproximação do centro do polissistema, ele aponta que “quem se afasta desses dois [Petrarca e Boccaccio], vai às apalpadelas como quem caminha no escuro e sem luz, e, por isso, muitas vezes erra o caminho.” (CASTIGLIONE, 2012, p. 129). Vemos aí o efeito do foco sobre o cânone, a segurança oferecida pela tradição que persiste contra as sombras das margens que buscam um caminho claro, mas que ainda não estão consolidadas a pontos de permitir essa busca sem falhas e tropeços. Em seguida, o Conde ainda defende que o cortesão usasse palavras espanholas e francesas, além de palavras de todas as partes da Itália: “Eu queria que o nosso cortesão falasse e escrevesse dessa maneira, e que não somente usasse palavras esplêndidas e elegantes de todas as partes da Itália. Eu o louvaria se ele usasse, às vezes, alguns daqueles termos franceses e espanhóis que já são aceitos pelos nossos costumes.” (CASTIGLIONE, 2012, p.139). Logo vemos que a abertura da língua vulgar italiana em formação, permitiria a ela, de certa forma, um enriquecimento a partir de empréstimos tomados de outros polissistema, um artifício apontado pelo Conde Ludovico e que se assimilaria à prática do mistilinguismo realizada no século anterior, porém, desta vez, o mistilinguismo não englobaria somente as misturas com o latim, mas também com línguas de outras sociedades (de outros polissistemas). Após a discussão entre Federico e Conde Ludovico, o diálogo chega ao seu fim sem que ambos acordem sobre a língua que o perfeito cortesão deveria usar, até a última linha do diálogo, Federico é defensor voraz de que se devem imitar os clássicos, enquanto que o Conde, por sua vez, aponta para que nem os clássicos fossem detentores de somente uma língua, cada um tinha sua própria e natural forma de falar. Logo, se quisermos colocar o debate

---

<sup>49</sup> “[...] quando se escreve, creio eu que convenha usar as palavras toscanas, mas somente as empregadas pelos antigos toscanos, porque constituem um testemunho grande e aprovado pelo tempo de que são boas e significativas daquilo pelo que são ditas; e, além disso, elas possuem aquela graça e veneração que a antiguidade presta não somente às palavras, mas também aos edifícios, às estátuas, às pinturas e a toda coisa que é capaz de conservar referido testemunho” (CASTIGLIONE, 2012, p. 127).

entre Federico e Conde Ludovico em uma dicotomia, veremos, mais uma vez, o eco do natural *versus* o artificial, que vem desde o *De Vulgari Eloquentia*.

Já no que diz respeito ao segundo defensor da corrente cortesã, Giangiorgio Trissino marca a sua participação no debate da *Questione della Lingua* com a escritura de seu diálogo “Il Castellano”, de 1529. Trissino (Vicenza em 1478 - Roma em 1550) desenvolveu atividades diplomáticas para o Papa Leão X<sup>50</sup> e para o primo de Leão, Papa Clemente VII. Justamente para este segundo Papa que Trissino dedica a sua *Epístola das letras novamente adicionadas à língua italiana*, texto menor, mas também em defesa do vulgar. Trissino afirma que acrescentou novas letras<sup>51</sup> ao alfabeto após as suas observações concluírem que havia uma fraqueza na pronúncia e na escritura da língua vulgar. Sobre esses acréscimos, o autor afirma: “E assim fazendo em todas as prolações entre os *o* e os *e*, admiravelmente nos ajudará a executar a pronúncia Toscana e a Cortesã, as quais, sem dúvida, são as mais belas da Itália.”<sup>52</sup> (DAELLI, 1864, p. XII). Assim, de início já somos levados ao pensamento de Trissino acerca da *Questione della Lingua*; ainda, notar como o autor se utilizava do alfabeto grego para dar legitimidade as línguas vulgar Cortesã e Toscana, defendidas por ele. Novamente aí vemos como os autores que partiam em defesa de uma nova língua buscam modelos em línguas antigas e que formam um cânone a ser seguido, para justamente legitimarem as afirmações positivas que eles teciam acerca de um vulgar novo com potencial para se afirmar enquanto língua de todo um território. Continuando com a Epístola de Trissino, o autor diz:

---

<sup>50</sup> O papa humanista Leão X, filho de Lorenzo dei Medici, exerceu seu pontificado de 1513 até 1521, quando faleceu. Foi defensor da ideia de realizar práticas litúrgicas em língua vulgar.

<sup>51</sup> As letras acrescentadas por Trissino foram cinco: E e O com diferença entre a pronúncia aberta e fechada, a diferenciação entre duas pronúncias do Z e a diferença entre I e J e U e V.

<sup>52</sup> A tradução do texto de Trissino está sendo realizada por mim e por meu orientador, prof. Dr. Sergio Romanelli. Utilizamos como referência a seguinte edição do *Castellano*: DAELLI, G. (a cura di). Biblioteca rara. *Il Castellano e Il Cesano. Dialoghi intorno alla lingua volgare d'Italia*. Milano: Arnaldo Forni Editore, 1864. Portanto, os trechos traduzidos e citados do texto de Trissino ainda não estão disponíveis e não foram publicados.

Mas alguns deles dirão que não lhes agrada a inovação e outros, ainda, que tal diferença de pronúncia se poderia manifestar por outro modo mais fácil, a esses eu respondo: primeiramente aos que dizem não gostar de inovação, pergunto se eles usam as mesmas roupas e fazem tudo tal qual faziam seus pais, ou se do contrário cada dia vão inovando muitas coisas de acordo com o tempo e a necessidade. E ainda lhes pergunto se tem consciência do fato de que na cidade deles muitas artes, muitos costumes e muitas leis foram já alguma vez inovados. Portanto, se não somente na vida privada, mas nas artes, nos costumes e nas leis públicas todos os dias se inova, por que não se deve fazer o mesmo com a escritura? A qual demonstra e conserva os nossos conceitos. (DAELLI, 1864, p. XVII)

O poeta e escritor da primeira tragédia em vulgar, assim nos mostra como já naquela época existia uma concepção sistêmica da língua, bem como eu apresentei nas primeiras páginas deste capítulo na citação de Itamar Even-Zohar (Cf. página 1). Séculos mais tarde o israelense também atentará para a impossibilidade de se estudar a língua e a literatura como fenômenos isolados da sociedade, e é essencialmente esta mesma afirmação que nos faz o autor italiano. Trissino atenta para a mutabilidade de dinamicidade dos sistemas e contextos sociais, artísticos, culturais, jurídicos que formam o polissistema italiano e, não podendo permanecer estática, a língua deve acompanhar as mudanças que ocorrem dentro e fora de seu polissistema.

Partindo diretamente para *Il Castellano*, o diálogo que acontece entre Filippo Strozzi, Castellano<sup>53</sup> e Jacopo Sannazaro, e se estrutura no modelo platônico, através de uma retórica repleta de silogismos e metáforas, forma um debate, principalmente entre Filippo Strozzi e Castellano, sendo que o primeiro personagem atua em defesa da corrente arcaizante e o segundo atua em defesa dos pensamentos do próprio Trissino, ou seja, podemos pensar que Filippo Strozzi faz falar a

---

<sup>53</sup> O personagem, que no diálogo aparece representado como *Il Castellano*, refere-se ao humanista Giovanni Rucellai.

voz de Bembo, enquanto o Castellano é atravessado pelo discurso de Trissino. No início do diálogo, Filippo já indignado com a epístola de Trissino, critica o fato dele ter dito “letras acrescidas à língua italiana”, enquanto que, na percepção de Strozzi, o autor deveria ter dito “letras acrescidas à língua toscana”; já deste ponto, Strozzi, muito incomodado com a nomenclatura dada por Trissino, tentará convencer o Castellano no decorrer do diálogo de que Trissino falhou ao falar da língua italiana ao lugar da língua toscana. O Castellano, por sua vez se defende e aponta para a questão do gênero *versus* a espécie e ainda nos mostra a concepção da língua italiana em comparação com outras línguas, ou, ainda, em comparação com outros polissistemas, além de nos apresentar o funcionamento de cada língua particular da Itália, de cada sistema particular que formam o polissistema heterogêneo dos vulgares italianos:

Na verdade todo mundo diz língua italiana, assim como ainda se fala língua grega, língua hebraica, língua árabe e assim por diante. E ainda os Alemães, os Espanhóis e as outras nações que possuem um pouco de conhecimento das línguas da Itália, toda coisa que veem escrita em algumas dessas línguas dizem estar escrita em língua italiana e dizem a verdade; e isso acontece porque é mais fácil conhecer o geral que o particular. E direi mais, que quando a língua se nomeia como se fosse gênero e é comparada com o gênero, não se pode nomeá-la de outra forma se não diretamente pelo nome de gênero; como é a língua italiana, a espanhola, a francesa e assim por diante. E quando se nomeia como se fosse espécie e à espécie é comparada se deve nomeá-la com o nome de espécie, como no caso da língua siciliana, toscana, castelhana, provençal e outras. (DAELLI, 1864, p. 12)

Outro aspecto dos argumentos de Filippo criticado por Castellano, é justamente o fato de Strozzi considerar Dante, Petrarca e Boccaccio como os primeiros escritores da Itália e a partir dessa afirmação o personagem parece querer justificar o porquê de sua defesa pela língua toscana; contudo, Castellano usa citações dos próprios Dante, Petrarca e Boccaccio para mostrar a Filippo que a literatura italiana não teve início e tão pouco foi representada somente por autores

da Toscana, mas ele aponta para os registros em siciliano e em outros vulgares que antecedem as *Tre Corone*. Em seguida, Filippo argumenta que, de fato, existem outros vulgares na Itália e é justamente por isso que Trissino errou ao nomear a língua italiana no singular, pois essa nomenclatura não é capaz de dar conta de toda a variedade linguística da Itália. Mas, Castellano, debatedor atento, observa como Filippo se contradiz no andar do diálogo: se por um lado Strozzi defende a pluralidade linguística da Itália, por outro, ele ignora toda a variedade linguística da Toscana e quer usar o vulgar toscano para indicar todas as línguas da região de Florença.

Não podendo permanecer fora do debate, Maquiavel participou das discussões, escreveu o seu *Dialogo o discorso intorno alla nostra lingua*, no qual ele mesmo conversa com Dante Alighieri sobre os presumidos erros cometidos pelo poeta em seu *De Vulgari Eloquentia*, forma encontrada por Maquiavel para defender o florentino vivo. Este texto, embora pouco debatido no âmbito brasileiro dos estudos italianistas, mostra mais uma vez a capacidade de Maquiavel de manter-se atual e atento aos debates políticos de sua época, seja na escrita dialógica, seja na escrita dramática como em suas duas peças baseadas em Plauto, a *Mandrágora* e a *Belfagor*, ambas de conteúdo aparentemente apenas cômico, mas que tecem críticas pontuais à sociedade renascentista italiana. No que concerne diretamente o *Diálogo sobre a nossa Língua*<sup>54</sup>, embora Maquiavel teça duras críticas a Dante e acusa o poeta de ter traído a sua pátria, ambos concordam na defesa de uma língua por via da naturalidade, enquanto a proposta vencedora do debate, a proposta de Bembo, defende a língua por via da “arte”, ou seja, por uma via artificial, e aí temos novamente o eco naturalidade *versus* artificialidade. As semelhanças entre Maquiavel e Dante continuam, assim como o poeta florentino catalogou os vulgares da Itália de acordo com suas regiões, Maquiavel divide a Itália em suas províncias

---

<sup>54</sup> Título em português de acordo com a tradução da professora Cecilia Casini, disponível na Antologia Bilíngue. *Clássicos da Língua Italiana*. Volume 1, publicado em 2012 pela editora Copiart. Conforme a introdução da professora Casini para a sua tradução “De fato, a obra ficou indiferentemente conhecida como *Diálogo* ou *Discurso*, dependendo do gênero literário com o qual cada estudioso quis associar. Para a tradução em português, preferimos o termo *Diálogo*, por ele remeter ao modelo privilegiado pelos humanistas para a troca de opiniões e de experiências concretas, a conversação entre pares, como fundamento da vida civil da Renascença” (CASINI, 2012, p. 161).

(Lombardia, Romanha, Toscana, região de Roma e o Reino de Nápoles) para que se torne mais fácil observar a diferença dos falares de cada lugar:

É, ao examinarmos bem cada uma dessas províncias, dar-nos-emos realmente conta das grandes diferenças que existem em suas falas; querendo ver qual é a razão disso, é preciso avaliar antes algumas das causas responsáveis pela semelhança que existe entre elas, o que leva os escritores hodiernos a afirmar que aqueles que escreveram no passado tinham falado nesta língua comum italiana; e sendo por isso que, no meio de tantas diferenças, nós nos entendemos. (MAQUIAVEL, 2012, p. 173).

Para provar a sua teoria de que a língua de Dante não era puramente florentina, Maquiavel chama o poeta para o seu diálogo e diz: “[...] como eu quero falar um pouco com Dante, colocarei os interlocutores frente a frente, para evitar “ele disse” e “eu respondi” (MAQUIAVEL, 2012, p. 185), assim inicia propriamente o diálogo, de forma direta, seguindo a estrutura preferida pelos humanistas, como ocorre nos textos de Castiglione, Trissino e Speroni.

Maquiavel coloca Dante em um interrogatório, começa questionando o poeta sobre quais vocábulos de sua *Divina Comédia* são de outras regiões da Itália e até mesmo empréstimos latinos ou, ainda, invenções do próprio poeta. O escritor de *O príncipe* questiona Dante sobre qual língua, então, ele usou para escrever sua obra, e ele responde que é uma língua curial, ou seja “[...] a língua falada pelos homens da corte do papa ou do Duque, que os quais, sendo homens letrados, falam melhor de que se fala em qualquer região da Itália” (MAQUIAVEL, 2012, p. 187). Mas em seguida Maquiavel desbancará essa afirmação e convencerá Dante de que ele escreveu em um florentino com interferências de outras línguas, fato este que é elogiado por Maquiavel. Por fim, a conclusão de Nicolau Maquiavel é a:

[...] de que não existe uma língua que se possa chamar de comum da Itália ou de curial, pois todas que assim poderiam ser chamadas têm seus **alicerces nos escritores e na língua florentina, à qual precisam recorrer como à verdadeira fonte e fundamento todas as vezes que sua**

**própria língua se demonstre insuficiente;** e não querendo ser realmente teimosos, tem de se admitir ser esta língua a florentina. (MAQUIAVEL, 2012, p. 205 – grifo meu)

Novamente vemos com a conclusão do florentino o movimento do polissistema italiano de acordo com a teoria de Itamar Even-Zohar: quando um sistema está em formação, ele busca na tradição ou em sistemas estáveis elementos que deem conta do preenchimento das falhas desse novo sistema que está por vir.

Assim como Pietro Bembo escreveu sua poética sobre o amor, os *Asolani*, e Maquiavel escreveu suas peças teatrais, outro autor que participou ativamente da *Questione*, Sperone Speroni (1500-1588), escreveu a tragédia *Canace* inspirada claramente nas *Heroides* de Ovídio, como bem nota Carpeux (2012, p.73) em seu livro *O renascimento e a reforma*. Speroni foi um paduano escritor de diálogos sobre os mais variados temas, além de ter uma produção epistolar e literária, foi o presidente da *Accademia degli Infiammati*, a academia de Pádua que, apesar de sua curta duração (1540-1550), foi importante no período por defender o florentino do século XVI, indo de encontro às ideias da *Accademia della Crusca*, de Florença, responsável pela defesa da língua erudita e arcaica (MARAZZINI, 2014, p. 123). Logo, nota-se o engajamento do paduano nos debates, participação que se reflete de forma muito clara principalmente em dois de seus diálogos, no *Diálogo das línguas*, escrito em 1542 e no *Diálogo acerca da retórica*, de 1558. Ambos escritos aos moldes dos diálogos platônicos, quando o autor elimina a sua participação para que haja uma maior fluidez da discussão, combatendo veementemente a proposta vencedora da questão, deixando clara a posição em defesa do florentino do século XVI. Speroni, homem culto e que escrevia com riqueza e forte posicionamento (CECCHI e SAPEGNO, 1976, p. 129), foi capaz de recolher em seus diálogos todas as posições daqueles que eram contra o vulgar, além de se colocar como personagem de seus próprios diálogos, como, por exemplo, em seu *Diálogo acerca de retórica* do qual participam Valerio, Brocardo e Soranzo, sendo Brocardo o personagem atravessado pelo próprio autor, posição esta que fica clara quando Brocardo diz que as palavras representam os conceitos de nossos corações (SPERONI, 1978, p. 208), uma frase curta capaz de sintetizar um dos pensamentos de Speroni: para ele, as palavras refletem o mundo, portanto não haveria como retomar palavras usadas em 1300 para refletir a realidade de uma Itália

de 1500, explicitando, mais uma vez, o seu posicionamento totalmente contrário à proposta escolhida como definidora temporária da *Questione della lingua*, aquela arcaizante de Pietro Bembo. A posição de Speroni será explorada no terceiro capítulo desta dissertação, o qual se dedica à uma análise de diálogos e da tragédia de Sperone Speroni relacionados à *Questione della lingua*.

A *Questione* na Renascença atingiu seu ápice e das fervorosas disputas entre seus participantes surgiu a primeira solução, uma proposta arcaizante e purista que teria sido uma das razões pelas quais, a partir do final do século XVI até o século XVIII a grande literatura italiana teria entrado em decadência, como aponta Auerbach (2015, p.253).

Essa decadência não teria ocorrido arbitrariamente, ela pode também ser justificada a partir da teoria de Even-Zohar que aponta para o fato de que quando:

Os repertórios canonizados de um sistema qualquer se tornariam estanques muito provavelmente passado certo tempo, se não fosse pela competência dos rivais não-canonizados que ameaçam frequentemente substituí-los. Pela pressão que sofrem, os repertórios canonizados não podem permanecer inalterados. Isso garante a evolução do sistema, que é o único modo de conservá-lo. Em contrapartida, quando não se dá saída à pressão, frequentemente somos testemunhas ou do abandono gradual de um sistema e do deslocamento até outro (por exemplo, o latim é substituído por suas diferentes variedades vernáculas românticas), ou de seu total colapso por meio de uma revolução (deposição de um regime ou desaparecimento total de modelos conservados até o momento, etc.). (EVEN-ZOHAR, s/d, p. 8-9)

Assim, o movimento promovido por Pietro Bembo e a sua escolha de uma língua que retorna ao cânone em seu surgimento, impediu que este mesmo cânone se adequasse às necessidades da literatura e da cultura da Renascença italiana. O veneziano, ignorando a necessidade das inovações do cânone, impediu que o mesmo se mantivesse dinâmico e acabasse se fossilizando, e, justamente:



Para o sistema, a fossilização é um transtorno operacional: a longo prazo, impede fazer frente às cambiantes necessidades da sociedade na qual funciona. Caso se conceba esta incapacidade em termos de incapacidade cultural - conceito superficialmente explicado até o momento-, há varias manifestações possíveis dela. No caso da literatura, um dos principais organizadores da cultura humana, isso não significa necessariamente que a desintegração imediata se torne iminente. A literatura como instituição sociocultural pode continuar existindo para sempre, mas seu grau de “adequação” pode muito bem ser julgado segundo sua posição na cultura. (Por exemplo, ser empurrada à periferia no seio de uma cultura pode ser claro indício de tal inadequação.). (EVEN-ZOHAR, s/d, p. 9)

Antes de passarmos ao próximo capítulo, acredito que alguns aspectos devam ser reforçados e brevemente retomados. O primeiro deles diz respeito ao aspecto temporário da definição proposta por Bembo, pois com Manzoni a *Questione della lingua* terá uma nova solução. A *Questione* que, segundo a crítica, foi pela primeira vez tratada de forma consciente por Dante Alighieri no século XIV, continuou no século XV, quando a língua latina ainda era a preferida enquanto língua nobre e capaz de garantir a imortalidade literária (MARAZZINI, 2014, p. 92); o vulgar, embora tenha sofrido desprezo por parte de muitos intelectuais, enriqueceu em muitos aspectos e se tornou cada vez mais capaz de ser usado em âmbitos variados, como no âmbito científico, jurídico, religioso e literário, âmbitos que eram exclusivos da dominação latina, assim se disseminando entre os vários sistemas da cultura italiana. Importante lembrar que no século XV Leon Battista Alberti escreveu a primeira gramática da língua italiana<sup>55</sup>, enquanto a primeira gramática da língua portuguesa, por exemplo, seria escrita somente no século seguinte por João de Barros, em 1540.

---

<sup>55</sup> Texto já traduzido para o português pelo professor Sergio Romanelli e publicado no primeiro volume da antologia bilíngue dos clássicos da língua italiana, no ano de 2012, pela editora Copiart em parceria com o Programa de Pós-graduação em tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Por fim, não obstante o adiantamento da Itália, em relação a outros polissistemas no que diz respeito ao debate em busca de uma consciência linguística, e da sua centralidade enquanto capital da cultura, o momento da fossilização do seu cânone deve ser visto como um momento de virada, pois, estando a Itália localizada em uma rede de polissistemas, a dinamicidade entre eles deve ser mantida para que essa rede sobreviva e, assim como o latim perdeu sua hegemonia e foi dominado pelos vulgares, também chegou o momento em que a Itália deixa essa centralidade para que ela seja assumida por outro polissistema.

Nesse movimento, Speroni circulava em um debate que era central na Itália e, por defender não a língua do cânone, mas sim o vulgar do seu período, podemos entender que o paduano atuava muito mais no sentido de manter a centralidade da Itália no polissistema europeu ao ser difusor de uma ideia que contribuiria para a dinamicidade do polissistema italiano e não para a sua estagnação, como a ideia de retrocesso ao cânone do século XIV.

### 3 Sperone Speroni: um autor periférico ou central?

Após o histórico acerca da *Questione della lingua* que apresentei no capítulo anterior, considero oportuno, neste terceiro capítulo, desenvolver a ideia da posição periférica (de acordo com o que defini como periférica na introdução com base no pensamento de Eagleton) ocupada pelo paduano Sperone Speroni em todo este contexto de debates sobre a língua durante a Renascença italiana.

Para satisfazer esse meu objetivo, basear-me-ei na obra *A República Mundial das Letras*, de Pascale Casanova, mas não abandonando a teoria dos polissistemas que foi norteadora de meu pensamento no capítulo primeiro; além destas, também pretendo relacionar algumas características da personalidade do autor foco desta dissertação, utilizando os escritos de Francesco Cammarosano, autor da única biografia de Speroni até o momento encontrada e que data de 1920, e de Mario Pozzi, curador da edição do *Dialogo della Rettorica*, de 1978, na qual constam algumas notas biográficas na introdução.

Gostaria, ainda, de ressaltar que a ideia principal aqui não é escrever uma biografia detalhada do paduano, pois, para tanto, seria necessário acesso a documentos dos quais eu não disponho no Brasil, mas sim entender melhor sua posição no polissistema de sua época através de dados biográficos. Embora, como bem aponta François Dosse<sup>56</sup> em seu livro *O desafio biográfico. Escrever uma vida* (2015, p.7), a produção biográfica parece viver a sua idade heroica desde 2005, quando passou a ser um dos gêneros mais publicados pelo mercado editorial.

Partindo da ideia de que uma biografia é um “universal singular” (SARTRE *apud* DOSSE, 20015, p. 08) podemos ver, a partir da singularidade da vida de Speroni, as diferentes formas do debate da *Questione della Lingua*, expandindo o entendimento dessa questão para além daquele proposto pelo cânone. Portanto, se:

---

<sup>56</sup> Dosse ainda nos lembra que entre os anos de 2000 a 2009 as biografias mais publicadas e vendidas foram aquelas de Napoleão Bonaparte, Sartre, Charles de Gaulle, Luís XIV, Catarina de Médici, Michael Jackson, João Paulo II, Sigmund Freud, François Mitterrand e Jesus, em ordem decrescente. Interessante observar como em plenos anos 2000 figura entre as biografias mais publicadas e vendidas pelo mercado a de Catarina de Médici, uma personagem das Renascenças italiana e francesa.

A biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias. Walter Benjamin via no historiador aquele que promove uma desconstrução da continuidade de uma época para, nela, distinguir uma vida individual com o objetivo de “demonstrar como a existência inteira de um indivíduo cabe numa de suas obras, num de seus fatos [e] como, nessa existência, insere-se uma época inteira”. No século XIX, Dilthey dizia exatamente isso, considerando a biografia um meio privilegiado de chegar ao universal. (DOSSE, 2015, p. 11)

Entendo Speroni como um dos representantes de uma margem, e ver neste indivíduo em específico um outro olhar, uma outra interpretação sobre a *Questione* no século XVI que se difere daquela preferida pela literatura canônica.

### 3.1 O percurso de Sperone Speroni na cidade letrada italiana da Renascença.

Com o intuito de apresentar algumas informações que julgo relevantes sobre a trajetória de Speroni, como dito acima, partirei da biografia escrita por Francesco Cammarosano em 1920, intitulada *La vita e le opere* di Sperone Speroni, mas focando principalmente na sua trajetória enquanto literato e deixando de lado questões mais pessoais e intrigas familiares.

Nascido em Pádua, cidade situada na região norte da Itália, em 12 de abril de 1500 e falecido em 2 de junho de 1588, Sperone Speroni foi um típico homem poliédrico renascentista, dominava não somente as artes das letras, mas também a medicina e a matemática. Desde muito cedo viajou por diversas cidades italianas em busca dos melhores tutores para os seus estudos.

Em Bologna, sob a supervisão de Pomponazzi, Speroni estudou Aristóteles e, em seguida, quando retornou para sua cidade natal, aos 19 anos já obtinha o título de doutor em filosofia. Ainda em Pádua, Speroni, aos 20 anos se formou nas duas universidades daquela cidade, sendo uma delas onde desenvolveu seus estudos filosóficos, teológicos e médicos e, na outra, seus estudos das leis; neste mesmo ano, em 1520, o paduano foi convocado a assumir a cátedra de lógica na primeira universidade. Renunciando a cátedra, Speroni volta para Bologna para

ser discípulo de Peretto, mas quando este morre em 1525, o autor do *Diálogo acerca da Retórica* volta para a sua cidade e assume a cátedra.

Nas idas e vindas pelos importantes centros da Itália renascentista, Speroni conheceu intelectuais que formaram o elenco dos personagens participantes dos diálogos escritos pelo paduano, tais quais Priuli, Navagero, Brocardo, Contarini e Peretto que conheceram o autor do *Diálogo acerca da Retórica* em Veneza, por volta de 1529 (CAMMAROSANO, 1920, p. 18) e, anos mais tarde, serão as vozes que Speroni utilizará justamente na escritura deste diálogo em defesa da língua vulgar florentina viva. Speroni frequentou e se formou nas mais importantes cidades letradas da época, até este momento estava inserido no centro da cidade letrada. A *cidade das letras*, conforme Ángel Rama, era uma cidade de letrados que se constituía autonomamente dentro da cidade administrativa e estes letrados eram “desenhistas de modelos culturais, destinados à constituição de ideologias públicas” (RAMA, 2015, p. 42), ou seja, neste caso, estes intelectuais que faziam parte do círculo no qual Speroni se inseria e que constituíam os letrados de uma *cidade letrada* eram formadores de modelos dentro da *Questione della Lingua*.

Outra característica peculiar e de certo modo inovadora que diz respeito ao intelectual paduano apontada por Cammarosano (1920, p.18) é a consideração do autor renascentista para as mulheres, ele acreditava que o sexo feminino era igualmente merecedor de estudos tal qual o masculino e por isso criticava as mulheres que serviam apenas como decoração, tanto que ao fim de sua vida, o intelectual deixou seus manuscritos para uma de suas filhas.

Homem de vida pública com intensa participação na política de sua cidade natal de 1532-1548, Speroni foi eleito deputado graças a sua ilustre capacidade argumentativa e retórica. E justamente durante este período, o autor escreveu a sua tragédia em língua vulgar aos moldes da literatura grega, a *Canace*, além de uma série de diálogos, dentre eles, o *Diálogo acerca da Retórica*, que além de ser um diálogo em defesa do valor moral desta arte, é também um diálogo em defesa da capacidade argumentativa da língua vulgar. Mais uma vez observamos como os sistemas estão interligados e configuram um polissistema renascentista: todos os letrados da época eram também administradores e políticos, participar da administração e da vida política era indispensável para adquirir o prestígio necessário para alcançar o centro literário. Conforme Rama:

Creio indispensável manejar uma relação mais fluida e complexa entre as instituições ou classes e os grupos intelectuais. Inclusive por sua condição de servidores de poderes, estão em contato imediato com o forçoso princípio institucionalizador que caracteriza qualquer poder, sendo, portanto, os que melhor conhecem seus mecanismos, os que mais estão treinados em suas vicissitudes e, também, os que melhor aprendem a convivência de outro tipo de institucionalização o do restrito grupo que exerce as funções intelectuais. (RAMA, 2015, p. 42)

Cammarosano, o biógrafo de Speroni, aponta para o fato de que o escritor renascentista não desejava que seus diálogos fossem publicados, porém, contra seu desejo, os mesmos foram publicados pelos filhos de Aldo Manuzio, um dos mais importantes tipógrafos daquele período, e, além disso, em seguida, alguns foram traduzidos para o francês, primeiramente na cidade de Lion e depois em Paris.

Em 1588, com o falecimento de Sperone Speroni, seu neto Ingolfo entra em contato com um amigo íntimo de seu avô, Giasone de Nores, aluno de Speroni e tutor de filosofia moral em Pádua, o qual auxiliaria Ingolfo na publicação de uma edição completa dos escritos de Speroni; contudo, de Nores falece e o neto desiste da ideia, passa assim a publicar os escritos aos poucos e lança uma edição em 1596, com dezessete diálogos divididos em duas partes, sendo a primeira composta pelos seguintes: *Dialogo dell'amore*, *Dialogo della dignità delle donne*, *Dialogo del tempo del partorire*, *Dialogo della cura familiare*, *Dialogo della discórdia*, *dialogo delle lingue*, *dialogo della rhettorica*, *dialogo del Cathaio*, *Dialogo intitolato Panico & Bichi*, e a segunda parte: *Dialogo della vita attiva & contemplativa*, *Dialogo del giudizio di Senofonte*, *Dialogo primo sopra Virgilio*, *Dialogo secondo sopra Virgilio*, *Dialogo primo dell'Historia*, *Dialogo secondo dell'Historia*, *Dialogo delle lodi delle donne* e *Dialogo della fortuna*<sup>57</sup>. Essa edição completa torna-se possível somente após a morte de Speroni, pois o autor “havia desprezado a imprensa e havia preferido confiar o seu

---

<sup>57</sup>

Disponíveis online em [http://imagohistoriae.filosofia.sns.it/TOC\\_Speroni\\_Dialoghi.php](http://imagohistoriae.filosofia.sns.it/TOC_Speroni_Dialoghi.php). Acesso em 11 de setembro de 2016.

ensinamento e a sua produção literária a conversas livres e a manuscritos que circulavam em um estreito círculo de amigos”.<sup>58</sup> (POZZI, 1978, p.V)

A edição completa, então, passará a ser publicada somente em 1740, quando Natal dalle Laste e Marco Forcellini, empreenderão a tarefa da organização dos manuscritos *speronianos* em 24 volumes, após três anos de organização dos mesmos.<sup>59</sup>

Speroni, então, letrado e intelectual, participou ativamente dos debates da *Questione della Lingua* que “no século XVI ocupa não somente as atividades dos estudiosos, ocupa uma larga literatura, mas suscita um vivo interesse também nos círculos mundanos [...]”<sup>60</sup>(CAMMAROSANO, 1920, p. 53). O paduano escreveu então dois diálogos que versam justamente sobre essa polêmica questão. No primeiro deles, no *Diálogo das Línguas*<sup>61</sup> “[...] Speroni prevê as opiniões então correntes, mas suscita também, aqui e ali, novas ideias no debate”<sup>62</sup> (CAMMAROSANO, 1920, p. 53), dentre os personagens deste diálogo estão Pietro Bembo, defensor da soberania da língua literária e canônica da Itália do século XIV sobre a língua toscana do

<sup>58</sup> Original: “aveva disdegnato l'onore della stampa e aveva preferito affidare il suo insegnamento e la sua produzione letteraria alle libere conversazioni e a manoscritti che circolavano in ristrette cerchie di amici.”

<sup>59</sup> Conforme Mario Pozzi (1978, p. VI), os manuscritos de Speroni estão atualmente conservados na Biblioteca Capitular da cidade de Pádua e estão divididos em tomos. O catálogo das obras pode ser consultado on-line no site da própria biblioteca, disponível em: <[http://catalogo.unipd.it/F/?func=find-e&LOCAL\\_BASE=sbp01&find\\_scan\\_code=FOUND\\_WAU&request=sperone+speroni+&filter\\_code\\_4=WTY&filter\\_request\\_4=+](http://catalogo.unipd.it/F/?func=find-e&LOCAL_BASE=sbp01&find_scan_code=FOUND_WAU&request=sperone+speroni+&filter_code_4=WTY&filter_request_4=+)>. Acesso em 01 de fevereiro de 2017.

<sup>60</sup> Original: “nel secolo XVI occupa non solo l'attività degli studiosi, sì da dar luogo ad una larga letteratura, ma suscita vivo interesse anche nei circoli mondani [...]”.

<sup>61</sup> O Diálogo das Línguas teve um excerto traduzido e publicado no volume 4 da Antologia Bilingue: *Clássicos da Teoria da Tradução*, organizado pelo NUPLITT (Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução) da UFSC. FURLAN, Mauri (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006.

<sup>62</sup> Original: “[...] Speroni prospetta le opinioni allora correnti, non senza che balenino, qua e là, nel dibattito, idee nuove.”

século XVI e o Cortigiano, defensor da língua cortesã que deveria misturar vários dos dialetos falados na província itálica; deste modo, Speroni é capaz de resumir as principais correntes do debate em apenas um diálogo. Além disso, Conti relata que:

Sperone Speroni no seu *Diálogo das Línguas* prova invencivelmente aos admiradores e supersticiosos das línguas grega e latina que a Itália era capaz de exprimir com dignidade e beleza não somente tudo na poesia, mas também na história, nas ciências e nas artes. (CONTI *apud* POZZI, 1978, p. XIII)<sup>63</sup>

Como mais um exemplo dessa confluência de vários sistemas envolvidos na *Questione*, a fala de Bembo no diálogo de Speroni é significativa: o veneziano, em certo momento afirma que “O vulgar está ligado à decadência política da nossa pátria: ele é um testemunho da nossa vergonha [...]”.<sup>64</sup> Afirmação que de certo modo prenunciava a perda da posição central que a Itália ocupava e que seria tomada pela França nos séculos seguintes. Se a Itália até a Renascença era a capital mundial das letras, o processo que permitiu essa posição não poderia ter sido um fato isolado, mas a relação entre os vários sistemas durante toda a constituição de uma identidade literária permitiu que o polissistema italiano adquirisse força e, principalmente, uma tradição que lhe permitiu ter prestígio e hegemonia para se manter no centro por tantos séculos. Assim, partindo do pensamento de Casanova, a tradição pode ser vista como enobrecedora e garantia de reconhecimento de uma determinada literatura:

A antiguidade é um elemento determinante do capital literário: testemunha a “riqueza” – no

---

<sup>63</sup> Original: “*Sperone Speroni nel suo Dialogo delle Lingue prova invincibilmente agli ammiratori superstiziosi della lingua greca e latina che l'Italia era capace d'esprimere con dignità e bellezza non solo tutto ciò che v'era nella poesia ma ancora nella storia, nelle scienze e nell'arti.*”

<sup>64</sup> Original: “*Il volgare si colega ala decadenza politica dela nostra patria: esso è un testimonio della nostra vergogna [...]*” (SPERONI *apud* CAMMAROSANO, 1920, p. 57)



sentido do número de textos -, mas também e principalmente a “nobreza” de uma literatura nacional [...]. “os nomes de Shakespeare, Dante ou Cervantes resumem ao mesmo tempo a grandeza de um passado literário nacional, a legitimidade histórica e literária conferida por tais nomes a uma literatura nacional e reconhecimento universal. (CASANOVA, 2002, p. 29)

Logo, por este viés podemos pensar em outra justificativa para que a posição de Speroni no debate tenha sido marginalizada: se a tradição, o passado e a antiguidade são legitimadores de uma nobreza cultural, valorizam uma cultura dentro de um mercado intelectual, justamente a proposta arcaizante de Bembo significaria uma segurança para manter o valor da Itália dentro deste mercado, enquanto a proposta do paduano, por outro lado, não partia do resgate deste capital econômico e intelectual, econômico porque a tradição cultural estava diretamente ligada à representação de uma classe social em ascensão na Renascença italiana, a burguesia. Contudo, a nobreza para Bembo não estava atrelada ao nome de Dante, como exemplifica Casanova no trecho citado acima, mas sim para o autor veneziano ela estava ligada aos nomes de Petrarca e Boccaccio. Assim como Casanova, entendo que:

O “clássico” encarna a própria legitimidade literária, isto é, o que é reconhecido como A literatura, a partir do que serão traçados os limites do que será reconhecido como literário, o que servirá de unidade de medida específica. (CASANOVA, 2002, p. 30)

Se as *Tre Corone* italianas compostas por Dante Petrarca e Boccaccio são o cânone, a literatura italiana, o modelo de Bembo está dentro do limite do que é legítimo, portanto digno de ser utilizado como um modelo linguístico a ser copiado, ao passo que Speroni estava fora desse limite, não se adequava à essa rígida unidade de medida, ou seja, por esse filão, Speroni não oferecia nenhuma garantia de que sua proposta teria algum valor dentro do mercado intelectual do polissistema europeu e muito menos a garantia de sobrevivência que a tradição e o clássico oferecem por si só. Portanto, posso entender que a margem à

qual pertencia a proposta de Sperone Speroni é justamente esse espaço fora dos limites impostos pelo cânone da literatura italiana.

Justificando a sua escolha por escrever em língua vulgar (que também era colocada à margem), Speroni em um de seus diálogos, mais especificamente no *Dialogo della vita ativa e contemplativa*, movido pela pergunta: “Mas por que usa o vulgar em *pensamentos filosóficos?*”<sup>65</sup> (*apud* CAMMAROSANO, 1920, p. 90 – grifo do autor) responde da seguinte maneira: “Não me aconselha quem bem me quer – ele prega – a dever escrever em latim, aliás, quero falar como um homem fala hoje em dia, em benefício da minha pátria, sem ter título de grande homem [...]”<sup>66</sup> (*apud* CAMMAROSANO, 1920, p. 90-91). Assim, mesmo estando fora daquele limite imposto pelo cânone literário, o paduano ainda desenvolve um pensamento de certa forma moderno para sua época, pois ele foi capaz de perceber que para representar bem a sua pátria na totalidade era necessário estar de acordo com os falares e costumes de seu tempo.

Podemos dizer que esse propósito de representar a sua pátria e optar por falar como “um homem fala hoje em dia”, é norteador de parte da produção literária de Sperone Speroni, como bem se nota na escritura da tragédia *Canace*, uma tragédia que, apesar de seguir rigidamente os modelos clássicos, foi escrita em língua vulgar; como apontei anteriormente. O que significa, portanto, escrever uma tragédia que tem como temática a mitologia clássica no contexto da *Questione della Lingua*? A meu ver, mesmo fugindo à regra da escritura de diálogos para o desenvolvimento de debates, a *Canace* de Speroni é um forte aparato de defesa, mesmo que de forma indireta.

De forma geral, haja vista que o foco aqui não é uma análise do conteúdo e da sua forma em hendecassílabos, mas sim o significado que podemos atribuir ao fato de Speroni tê-la escrito em vulgar, narro brevemente o conteúdo da tragédia que envolve o deus Éolo e sua família: Canace, uma de suas filhas, após ter mantido relações incestuosas com um de seus irmãos, Macareu, é obrigada pelo pai a cometer suicídio após o parto, a única opção que lhe é dada é escolher entre o veneno e a adaga. Canace opta pelo veneno e, não obstante as

<sup>65</sup> Original: “*Ma perchè usa in filosofici ragionamenti il volgare?*”

<sup>66</sup> Texto original: “*A dover scrivere latinamente – egli prega – non mi consigli chi mi vuol bene: che anzi voglio parlare come uom parla oggidì, a beneficio della mia patria senza titolo di grande uomo [...]*”.

tentativas de sua ama de salvar a criança, o deus Éolo mata seu próprio neto. Pois bem, a começar pelo fato que figura entre os personagens principais uma ama, uma escrava do deus Éolo, Dejopea, quem permanece ao lado de Canace durante toda a tragédia, vemos como Speroni não diferencia a forma de falar dos deuses para a forma de falar do vulgo, todos em sua tragédia narram os acontecimentos na mesma língua vulgar. Além disso, o autor paduano acompanha muito bem a tendência renascentista de retomada dos clássicos, ele justamente se aproveita da retomada de um gênero clássico para deixar falar nele a potência da língua vulgar que tanto defendia. Na tentativa óbvia de mostrar como a língua vulgar se adaptava facilmente e fosse capaz de expressar ideias em qualquer gênero literário, até mesmo entre os mais altos e canônicos, é como se Speroni se adornasse de um cânone em defesa de sua posição nos debates durante a Renascença: ele já havia escrito diálogos com riquíssimas construções retóricas, poemas e sonetos dedicados ao Papa Pio IX e agora acrescentava aos seus escritos mais um gênero literário que figurava entre os gêneros da literatura canônica, mostrando como a língua vulgar era capaz de tratar dos assuntos mais áulicos.

Vemos como Speroni possivelmente tinha consciência das questões que favoreciam a corrente (dentro da *Questione*) de defesa da língua que se baseava no cânone literário; o que nos evidencia essa possível conscientização de Speroni, é justamente o fato dele se usar também de modelos literários clássicos como ferramentas para promover um movimento da margem em direção ao centro, movimento este que corrobora com a ideia de Even-Zohar:

O que constitui a mudança no eixo diacrônico é a vitória de um estrato sobre outro. Neste movimento opostamente centrífugo e centrípeto, os fenômenos são arrastados do centro à periferia, enquanto, no sentido contrário, certos fenômenos podem abrir passo para o centro e ocupá-lo. (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 06)

Ou seja, ao acompanhar uma tendência predominante na cultura renascentista – a retomada de clássicos – Speroni de certo modo trilha um caminho em direção ao centro, mas sem abdicar da representatividade de outra parcela da população, que não a burguesia, que ele representava ao optar pela escritura de textos em vulgar.

Voltando à sua vida política, Speroni também esteve em outra cidade letrada do centro, Roma, onde desenvolveu seus estudos sacros e viveu no círculo do Papa e de diversos cardeais (CAMMAROSANO, 1920, p. 136) e permaneceu lá por volta de quatro anos, em torno de 1560. Justamente neste período, como ressalta Cammarosano (1920, p. 137), foi quando o paduano desenvolveu de forma intensa a sua produção epistolar, escrevia assiduamente para seus familiares e amigos em Pádua. O teor das cartas era variado, de acordo com Forcellini (*apud* CAMMAROSANO, 1920, p. 137), a seus amigos ele narrava sobre sua vida política e sua relação com homens de poder na cidade romana, enquanto a suas filhas ele escrevia de maneira afetuosa, desejava saber tudo sobre elas e seus netos e lhes narrava seu cotidiano.

Após sua saída de Roma devido à morte de sua primogênita Lucietta, Speroni retorna para Pádua onde não permanece por muito tempo e volta a circular pela Itália: de Pádua vai para Pescara, de Pescara novamente para Pádua, em seguida parte para a cidade de Ferrara. Nesta última, Speroni entrou em contato com um dos escritores de grande relevo para a história da literatura italiana: Torquato Tasso e, com este, debateu sobre a *Gerusalemme liberata*, poema épico cavaleiresco escrito por Tasso e que recebeu a revisão do paduano em 1575 (CAMMAROSANO, 1920, p. 148).

Novamente em Roma, Speroni escreve para a sua filha Giulia em 30 de janeiro de 1574 (CAMMAROSANO, 1920, p. 195), documento que comprova a sua nova estadia na cidade. Neste período, os escritos de Speroni são proibidos pela Inquisição, mais um fator que fez com que o autor estivesse à margem, essa ocasião que fez com que o autor produzisse a *Apologia* de seus diálogos em quatro partes (CAMMAROSANO, 1920, p. 196). Na *Apologia*, Speroni explica a escritura de seus diálogos, desde a escolha da estrutura até a construção dos temas dos mesmos. Na primeira parte ele deixa clara a sua escolha pelo modelo de diálogo platônico, conforme resume Cammarosano:

Na primeira parte, após ter dito o porquê de ele ter composto os seus *Diálogos*, fala sobre o “modo de escrever” diferente da “estrada aristotélica... tida por toda a Europa, geralmente pelos estudiosos das doutrinas”, e também por ele “nos seus assuntos intelectuais”. E distingue, primeiramente, duas espécies de diálogos: o diálogo no qual as palavras dos interlocutores são referidas pelo autor, e aquele no qual as falas dos interlocutores

são introduzidas diretamente, ocultando o autor. Esta última forma “agradou a Platão e a Luciano e não desagradou a Plutarco [...]”.(CAMMAROSANO, 1920, p. 197)<sup>67</sup>

Seguindo justamente essa forma dialógica, já perto de sua morte, Speroni escreveu o seu *Discorso I sopra Dante*, por volta de 1582; nesse texto, o autor lembra que “até o tempo de Dante “a língua Toscana não foi usada a não ser para falar de coisas baixas, e ele foi o primeiro a enaltecê-la”<sup>68</sup> (SPERONI *apud* CAMMAROSANO, 1920, p. 218), ainda afirma que “[...] Dante formou novos vocábulos para exprimir melhor o seu pensamento [...]”<sup>69</sup>(SPERONI *apud* CAMMAROSANO, 1920, p. 220) e continua enaltecendo a capacidade de escrita em vulgar do poeta florentino. Em seguida, Speroni elogia a obra completa de Dante:

Sobre os louvores de Dante não é possível falar o suficiente... É perfeito teólogo e matemático... Soberaníssimo orador e poeta no imitar... Não apenas imita, mas supera Virgílio... Foi o primeiro e o maior a escrever em língua vulgar sobre coisas elevadas [...] (SPERONI *apud* CAMMAROSANO, 1920, p. 222)<sup>70</sup>

---

<sup>67</sup> Texto no original: “*Nella prima parte, dopo aver detto perchè egli compose i suoi Dialogi, trata di questo “modo di scrivere” diverso dalla “strada Aristotelica... tenuta per tutta Europa generalmente dai studiosi dele dottrine”, e da lui purê “nei suoi negozi intellettuali”. E distingue, primeiramente, due specie di dialogi: il dialogo, nel qual ele parole degl’interlocutori vengono riferite dall’autore, e quello nel quale gl’interlocutori vengono senz’altro introdotti a parlare, nascendosi del tutto l’autore. Quest’ultima forma “piacque a Platone ed a Luciano, e non dispiacque a Plutarco [...]”*”

<sup>68</sup> Original: “[...] *fino al tempo di Dante “non era stata usata la lingua Tosca, se non a parlar di cose basse: e fu egli il primo che la innalzò”* .

<sup>69</sup> Original: “[...] *formò Dante vocaboli novo per meglio esprimere il suo concetto [...]”* .

<sup>70</sup> Texto original: “*Delle laudi di Dante non si può abbastanza parlare... È perfetto teologo e matematico... oratore e poeta sovranissimo nell’imitare... Non pur imita, ma supera Virgilio... Fu primo e sommo, che scrivesse in língua volgare sue cose alte [...]”* .

E ele continua em seu *Discorso* se questionando sobre como alguém pôde deixar de elogiar o poeta e tecer elogios a Petrarca, poeta que imitou Dante. Críticas e questionamentos que adquirem um tom de discordância com a linha de defesa de Pietro Bembo, autor que encabeçou a ideia de que o modelo de língua vulgar deveria ser baseado apenas nos textos de Petrarca e Boccaccio.

O *Discorso I sopra Dante* é um de seus últimos escritos, já que Speroni falece no dia dois de junho de 1588, aos 88 anos. Não tendo sido um homem de pouca notoriedade, diversas foram as homenagens póstumas ao paduano, desde a construção de uma estátua em sua homenagem ao lado da estátua erguida a outro paduano de reconhecimento, Tito Lívio.

De fato, após a morte do paduano, ambíguos e vários foram os escritos nos quais se falava algo sobre ele, também mostrando já a sua influência nos escritores europeus. Cammarosano (1920, p.247) ressalta o fato de que “Quanto aos críticos, eles não entram em acordo ao julgar a arte de Speroni: alguns não hesitam ao colocá-lo entre os melhores escritores, outros o julgam artificial e entediante, não merecedor da fama que gozou entre os contemporâneos.”;<sup>71</sup> quase como se o autor do *Diálogo acerca da Retórica* fosse posto pela própria crítica em um movimento em direção ao centro, mas que ainda oscilasse de volta à margem.

Ainda assim, conforme Tiraboschi:

Ele foi um dos primeiros que se dispôs a escrever Tratados Morais em Língua Italiana, e o fez de modo que tirou dos outros a esperança de igualá-lo. O estilo de Speroni não possui nem aquela elegância artificial, nem aquela prolixa verborragia, nem a entediante languidez, que,

---

<sup>71</sup> Trecho traduzido retirado da tradução que fiz do último capítulo da biografia escrita por Francesco Cammarosano e publiquei no número 21 da revista Mafuá. CAMMAROSANO, Francesco. “A vida e as obras de Sperone Speroni. Capítulo IV (Síntese: o homem – o escritor – o crítico)”. Tradução: Ana Luiza Leite Bado. Revista *Mafuá* [on-line]. Número 21. Santa Catarina: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://mafua.ufsc.br/2013/a-vida-e-as-obras-de-sperone-speroni-capitulo-iv-sintese-o-homem-o-escritor-o-critico/>>. Acesso em 13 fev. 2016. ISSN: 1806-2555

infelizmente, é familiar aos escritores do século XVI. Parece que ele foge para pesquisar as mais graciosas expressões, e não por menos, ele é cultíssimo ao lado dos outros; e o que é mais valioso, ele sabe agregar a harmonia à gravidade e à precisão a eloquência. (TIRABOSCHI *apud* CAMMAROSANO, 1920, p. 247)<sup>72</sup>

O paduano é reconhecido por ter sido o primeiro a falar de assuntos morais usando-se da língua italiana; e não somente isso, sabe-se que o autor foi defensor da língua de seu tempo e se manifestou de maneira contundente contra a proposta vencedora de Pietro Bembo. No mais, como aponta Pozzi:

Speroni conferiu um notável caráter experimental aos seus escritos: os muitos rascunhos e as frequentes redações variadas, que se encontram entre os seus manuscritos, tinham para ele um valor de prova, de laboratório. Ele, reconhecendo a importância do ensinamento de Pietro Bembo, desejava ir além do programa escrupuloso que compunha as *Prose della volgar lingua*. O vulgar, segundo ele, podia e devia ser usado em qualquer campo. As prevenções dos humanistas eram infundadas. A “língua materna, com a qual o povo italiano fala no nosso tempo, que já usava a latina, é por si mesma não menos capaz de falar sobre as coisas graves e gentis, como fala das vis e plebeias” (SPERONI *apud* POZZI, 1978, p. XXXV). Ele acreditava que a inferioridade do vulgar era difundida pelos humanistas somente para perpetuar o poder cultural deles, para esconder sob as línguas clássicas o vazio e a vaidade do ensinamento deles. (POZZI, 1978, p. XXXV)<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> *Ibidem*.

<sup>73</sup> Original: “Lo Speroni ha conferito ai suoi scritti uno spiccato carattere sperimentale: i molti abbozzi e le frequenti redazioni plurime, che si incontrano fra i suoi manoscritti, avevano per lui il valore di prove di laboratorio. Egli, pur riconoscendo l'importanza dell'insegnamento bembiano, voleva procedere ben oltre il programma schifiltoso contenuto

Assim, totalmente inserido enquanto letrado no polissistema italiano, Speroni era capaz de compreender motivos e consequências do pensamento por parte de cada grupo envolvido na *Questione* durante o debate na Renascença; como Pozzi aponta na citação acima feita, a ideia dos humanistas estava relacionada a questões de poder e de controle, era uma ideia que extrapolava um puro ideal linguístico, mas era também político e social.

Podemos também pensar que o território no qual Speroni estava inserido fosse um espaço literário. Conforme aquilo que Casanova define em seu livro *A República Mundial das Letras*:

Existiriam portanto territórios e fronteiras literárias independentes dos traçados políticos, um mundo secreto e contudo perceptível por todos, sobretudo pelos mais desfavorecidos. Regiões em que o único valor e o único recurso seriam a literatura; um espaço regido por relações de força tácitas, mas que comandariam a forma dos textos que se escrevem e circulam por toda parte no mundo; um universo centralizado que constituiria sua própria capital, suas províncias e seus confins e no qual as línguas se tornariam instrumentos de poder. (CASANOVA, 2002, p.18)

E a capital dessa cidade letrada durante a Renascença italiana seria Florença, embora Veneza fosse o polo econômico; mas era propriamente em Florença que intelectuais se reuniam de forma mais consistente em torno da *Questione della Lingua* e da disputa linguística,

---

*nelle Prose della volgar lingua. Il volgare, secondo lui, si poteva e doveva usare in ogni campo. Le prevenzioni degli umanisti erano del tutto immotivate. La “lingua materna, com la quale a’ nostri tempi non altrimenti parla il popolo italiano, che già parlasse com la Latina, è per se stessa non men disposta a ritrarre le cose gravi e gentili, che le vili e plebee” (II, p. 4). Egli pensava che l’inferiorità del volgare venisse asserita dagli umanisti solamente per perpetuare il loro potere culturale, per nascondere sotto lo splendore delle lingue classiche la vacuità e vanità del loro insegnamento”.*



sendo, inclusive, o florentino canônico eleito como língua da península italiana. Portanto, era a partir desse centro literário que nasciam modelos literários a ser seguidos pelos italianos e, provavelmente por estar Speroni fora desse centro escrevendo em vulgar, foi sendo apagado com o tempo da centralidade da historiografia italiana.

E como “o espaço literário mundial, como história e como a geografia – cujos contornos e fronteiras jamais foram traçados ou descritos –, encarna-se nos próprios escritores: eles são e fazem a história literária.” (CASANOVA, 2002, p. 19), além da participação de Speroni ser ofuscada naturalmente pelo foco que se costuma dar aos vencedores da história, o espaço literário desenhado pelo paduano passou a ser esquecido pela história literária.

Para entender melhor este mecanismo no qual Speroni se encontrava, ainda podemos relacionar Casanova com Even-Zohar no que diz respeito ao movimento do polissistema. Casanova aponta para a lenta modificação do mapa intelectual do mundo:

A “política literária”, como diz Valery Larbaud, tem seus caminhos e suas razões ignorados pela política: “Existe uma grande diferença entre o mapa político e o mapa intelectual do mundo. O primeiro muda de aspecto a cada cinquenta anos; está coberto de divisões arbitrárias e incertas, e seus centros preponderantes são muito móveis. Ao contrário, o mapa intelectual modifica-se lentamente, e suas fronteiras apresentam grande estabilidade [...]”. (CASANOVA, 2002, p. 24)

Assim como Zohar (2013) nota que um dos principais motivos para um polissistema entrar em declínio é justamente a sua rigidez e imutabilidade, Casanova, citando Larbaud, ressalta que o mapa intelectual tem fronteiras rígidas; daí podemos pensar que: Speroni estava fora das fronteiras do cânone literário e sendo o espaço literário demarcado por fronteiras rígidas, não havia como repentinamente o paduano se inserir no cânone já definido pela tradição literária italiana que vinha desde os escritos de Dante. Além disso, a rigidez dos limites desse mapa intelectual pode ter sido um dos motivos pelos quais “A Itália do Renascimento, confiante em sua herança latina, foi a primeira potência literária reconhecida [...]” (CASANOVA, 2002, p. 25), mas perdeu a sua centralidade para a França.

Mesmo que possa parecer paradoxal que haja uma rigidez no contexto do século XVI, quando justamente:

O espaço literário internacional foi criado no século XVI, ao mesmo tempo em que se inventava a literatura como ensejo de luta, e ele não cessou de se ampliar e estender desde então: constituíram-se referências, reconhecimentos e, por aí mesmo, rivalidades no momento da emergência e da construção dos Estados europeus. (CASANOVA, 2002, p. 25)

O movimento de criação desse espaço, mesmo significando mutabilidade dentro de um sistema, necessitava propriamente se apoiar em pilares já bem consolidados para estruturar e sustentar todo o movimento que surgia de literatura e poder: “Quanto mais antiga a literatura, mais importante o patrimônio nacional, mais numerosos os textos canônicos que constituem, sob a forma de “clássicos nacionais”, o panteão escolar e nacional” (CASANOVA, 2002, p. 29).

Outro aspecto que teria contribuído, a meu ver, para que Speroni fosse relegado a uma margem literária, seria propriamente a divisão do espaço geográfico, pois, como vimos o paduano não circulou muito no que seria a capital da Renascença italiana, Florença letrada:

Em oposição às fronteiras nacionais que produzem a crença política (e os nacionalismos), o universo literário produz sua geografia e seus próprios recortes. Os territórios literários são definidos e delimitados de acordo com sua distância estética do espaço de “fabricação” e consagração da literatura. As cidades onde se concentram e se acumulam os recursos literários tornam-se lugares em que se encarna a crença, em outras palavras, são uma espécie de instituição de crédito, “bancos centrais” específicos. (CASANOVA, 2002, p. 40)

Ora, se Speroni circulou entre Pádua, Roma, Veneza, Pescara e Ferrara importantes centros econômicos da Itália, ele esteve fora dos limites geográficos do espaço literário, que, àquela época seria Florença. Ainda assim, mesmo que fora dos limites geográficos da literatura, ele estava conectado aos intelectuais de Florença pela seguinte razão:

É a hierarquia do universo literário que dá forma à própria literatura. Esse estranho edifício que reúne escritores que na maioria das vezes só tem em comum uma rivalidade estrutural – ela própria sempre negada – só se constrói aos poucos pelos conflitos específicos, pelas contestações das imposições formais e críticas. O universo literário unifica-se portanto pela entrada de novos jogadores que têm em comum a luta pelo mesmo embate. (CASANOVA, 2002, p. 60)

Os envolvidos na *Questione della lingua* unificaram, em certa medida, o espaço literário italiano lhe conferindo um perfil peculiar através da disputa linguística e literária, além de profundamente envolvidos na questão da definição de qual dos vulgares seria capaz de assumir a posição de língua, também estavam conectados em uma disputa de poder e política, pois envolvia toda uma questão de divisão dos reinos da Itália e na delimitação do espaço geográfico do próprio país. Assim, enquanto Speroni falava de fora do centro de referência do debate, falava da margem sobre uma mesma questão em voga, conectava-se a ele e aos intelectuais do círculo de Florença. Naquele período “todos lutam para entrar no mesmo curso (*conkursus*) e, com armas desiguais, tentar atingir o mesmo objetivo: a legitimidade literária” (CASANOVA, 2002, p. 60). Era a margem (o novo) em uma disputa com o centro (o cânone definidor de limites literários).

Embora Speroni tenha adquirido esse caráter marginal no seu próprio país, a sua influência intelectual foi capaz de ultrapassar fronteiras e serviu, por exemplo, de modelo na disputa linguística francesa:

*A defesa e ilustração da língua francesa (em parte traduzida de um diálogo do italiano Sperone Speroni)* é um dos testemunhos explícitos dessa luta declarada, ou melhor, é uma declaração de guerra específica contra o domínio do latim. Decerto, os debates em torno da questão das línguas “vulgares”, da preeminência de uma ou de outra, de suas relações complexas e conflituais com o latim, não era novidade. Começam com Dante (que, como veremos, fracassou no empreendimento) na Toscana no

século XII e prossegue na França, principalmente com Critophe de Longueil e depois com Jean Lemaire de Belges em *La Concorde des deux langages* (1513). O tratado de Lemaire de Belges, porém, longe de inaugurar uma concorrência entre o francês, o latim e o toscano, associa em uma “feliz igualdade”, para repetir os termos de Marc Fumaroli, as duas irmãs vulgares, francesa e toscana, filhas e herdeiras do latim: o autor recusa escolher, e a querela entre as línguas termina por uma conciliação. Se, portanto, A defesa marca uma ruptura nessa história, é porque inaugura uma nova era, não de concórdia e serenidade linguísticas, mas de luta aberta, de competição com o latim. (CASANOVA, 2002, p. 74 – grifo meu)

O diálogo de Speroni que foi traduzido por Du Bellay é justamente o *Diálogo acerca da retórica*, no qual o autor italiano defende a capacidade argumentativa da língua e vulgar. Esse fato mostra como Speroni teria um reconhecimento fora da Itália, o que contribui para mostrar com a sua marginalidade se dava dentro do polissistema italiano e, além disso, ilustra a dinamicidade entre os polissistemas. Essa conexão Itália-França também tem uma característica peculiar, conforme Casanova aponta:

A importância dada à conversa da “sociedade”, que se tornou assim o árbitro do uso correto e oral e o modelo do escrever bem, é um sinal patente da especificidade do capital linguístico francês que prossegue sua fase de acumulação: a insistência sobre o seu caráter de língua viva e falada – existe um esforço para organizar e regulamentar seu uso – permitirá introduzir uma inovação, inclusive dentro das codificações da língua e dos gêneros literários. Por ser o escrito subordinado ao oral, as formas literárias em geral mais estanques e mais imóveis, ligadas principalmente aos modelos da Antiguidade, poderão elas também evoluir com muito maior rapidez que em outros países, como a Itália, imobilizados por padrões escritos arcaicos nos quais, ao contrário, a língua comum busca

modelos para um uso falado. (CASANOVA, 2002, p. 86)

Enquanto o modelo de língua da França estava se direcionando pela característica da oralidade, o modelo da Itália era arcaico e ignorava uma das características mais naturais das línguas, a oralidade, e buscava sua forma em textos arcaicos. Daí podemos perceber o declínio da hegemonia italiana, seu polissistema não cumpria o princípio da dinamicidade. Além disso, vemos Speroni como base para um dos mais relevantes textos da disputa linguística de um país que assumiria a posição de Capital Mundial das Letras já no início do reinado de Luís XIV (em 1661), o capital literário francês era tão grande que sua vitória sobre o latim já começava a ser celebrada. Justamente nesse período que começa a hegemonia francesa no lugar da italiana.

O percurso de Sperone Speroni na cidade letrada Contemporânea.

Se por um lado Speroni havia servido de inspiração para seus contemporâneos fora da Itália, como Du Bellay na França que ao escrever *A defesa e ilustração da língua francesa* traduziu excertos do *Diálogo acerca da Retórica*, a sua participação ativa nos debates em torno da *Questione della Lingua* foi praticamente ignorada pela historiografia italiana provavelmente pelos motivos apresentados acima no tópico 3.1 deste capítulo.

Esta impressão pode ser confirmada com uma busca em livros de história da língua e da literatura italiana<sup>74</sup>. Mesmo na exaustiva obra de De Sanctis (1960) *Storia della Letteratura italiana*, o paduano é citado apenas como um dos integrantes da corte de Domenico Veniero, em Veneza, que exercia a função de escrever em belas letras as cartas do nobre veneziano, contudo, como apontei anteriormente, Speroni trafegava pelas cortes e centros italianos no intuito de aprimorar o seu intelecto e debater com intelectuais, sendo justamente a corte de Veneza o palco para a escritura de um de seus mais relevantes diálogos. Contudo, as poucas linhas na obra de De Sanctis não relatam a participação de Sperone Speroni no debate da língua.

Já com Riccardo Tesi (2007), *Storia dell'italiano. La formazione della lingua comune dalle fasi iniziali al Rinascimento*, Speroni aparece

---

<sup>74</sup> Busquei englobar obras de referência utilizadas no curso de Letras Italiano da UFSC, obras sugeridas pela *Accademia della Crusca* e outros que não fazem parte do cânone.

como ponto de partida para falar de Alessandro Piccolomini, filósofo, letrado e teórico da tradução do século XVI que se baseou nas ideias de Speroni acerca do vulgar e da sua capacidade argumentativa e retórica para desenvolver o seu ideal de traduzir o saber filosófico para os não conhecedores das línguas latina e grega.<sup>75</sup> Tesi não cita em nenhum momento, porém, a vasta produção de diálogos de Speroni que são justamente provas desse ideal do paduano.

Uma atenção, mesmo que pequena, enfim aparece com Natalino Sapegno e Emilio Cecchi (1976) no quarto volume da *Storia della letteratura italiana*. No primeiro capítulo citam o *Dialogo delle lingue* como sendo um texto capaz de tratar as principais correntes atuantes na *Questione della Lingua* durante o século XVI.

Tommaso Sozzi (1976), no apêndice da edição crítica de 1976 do *Discorso. O dialogo intorno alla nostra lingua*, de Maquiavel, fala de Speroni e de seu *Dialogo delle Lingue* como defensor do florentino erudito de sua época em oposição ao formalismo de Bembo.

Por fim, com Claudio Marazzini em seu livro *Breve storia della lingua italiana*, de 2004, Speroni é citado como sendo um dos integrantes da *Accademia degli Infiammati*, de Pádua e usa o seu *Dialogo delle Lingue* apenas como ponto de partida para tratar das ideias de Pomponazzi<sup>76</sup>, que foi mestre do paduano. Marazzini, além de não citar nenhuma das obras de Speroni, esquece-se que o escritor do *Diálogo acerca da Retórica* não foi apenas um membro da *Accademia*, mas foi também presidente, em 1542, desta academia que defendia os escritos literários em língua vulgar.

Se por um lado escritos recentes da historiografia italiana pouco tratam sobre o paduano, faz-se notável a tese do canadense Robert Buranello (1999) *From the locus amoenus to the locus ambiguus: Sperone Speroni and the Setting of Renaissance Dialogue*, na qual o autor analisa os modelos dialógicos preferidos pelos renascentistas, o de Platão, de Cícero e de Luciano de Samósata, e como, a partir daí o paduano desenvolveu sua própria estrutura dialógica, analisando justamente o *Dialogo das Línguas* e o *Diálogo acerca da Retórica*, que serão o foco da minha análise no capítulo seguinte. Ainda, Buranello faz notar como o *locus* demonstra a relevância do social para a compreensão da construção dos diálogos do paduano, assim, temos aqui mais uma vez

<sup>75</sup> TESI, 2007, p. 257.

<sup>76</sup> MARAZZINI, 2005, p. 122.

a visão de uma construção polissistêmica de uma margem que não pode ser lida de maneira isolada: os escritos de Speroni de fato, nesse movimento para o seu centro se tornam hoje objeto de pesquisa em várias cidades letradas do sistema mundo que vê nas universidades os seus centros propulsores.

Com esta posição de Speroni vê-se como:

É evidente que a cidade das letras arremedou a majestade do poder, ainda que também se possa dizer que este regeu as operações letradas, inspirando seus princípios e concentração, elitismo e hierarquização. Acima de tudo inspirou a distância em relação ao comum da sociedade. Foi essa distância entre a letra rígida e a fluida palavra falada que fez a cidade letrada uma cidade escriturária, reservada a uma estrita minoria. (RAMA, 2015, p. 49)

Este exclusivismo da cidade letrada que determina o que é acatado ou não deixa de fora justamente o que é fluido e que não pode ser sacralizado enquanto cânone, portanto, se Speroni era defensor de uma palavra falada, entende-se o seu percurso da Renascença aos dias de hoje.





#### 4 Os diálogos e a *Questione della Lingua*: um sistema dentro do sistema da escrita de Sperone Speroni.

Para que pudesse chegar à análise direta dos diálogos de Speroni que dizem respeito à *Questione della Lingua* seguindo a teoria dos polissistema, foi necessário que eu fizesse este traçado partindo do macro (contextualização histórica e apontamentos gerais sobre a vida do autor) até chegar ao micro (textos específicos sobre o tema dentro de sua obra geral). Deste modo, acredito manter a linha de pensamento dentro da noção dos polissistemas.

Portanto, mais uma vez, para que possa de fato analisar os diálogos de Speroni necessitarei partir de um sistema maior o da tradição dialógica e os modelos retomados durante a Renasceça italiana e quais teriam influenciado o autor, assim, utilizarei como base a tese do canadense Robert Buranello *From the locus amoenus to the locus ambiguus: Sperone Speroni and the Setting of Renaissance Dialogue* (1999) que tem justamente este objetivo.

##### 4.1 Sperone Speroni e os modelos dialógicos: o *locus* enquanto elemento crucial.

Com a típica retomada dos clássicos gregos e latinos pela cultura letrada da Renasceça ocorreu, por consequência, a retomada dos modelos dialógicos e retóricos dos antigos. Conforme aponta Buranello, os modelos preferidos pelos renascentistas eram os de Luciano de Samósata, Platão e Cícero<sup>77</sup>. Vale ressaltar que os diálogos na renasceça italiana adquiriram o importante papel para o desenvolvimento de teorias e debates<sup>78</sup>; ora, como já pudemos constatar com as escrituras dos vários autores sobre a *Questione della Lingua*, os quais escreveram diálogos para a defesa dos seus pontos de vista.

---

<sup>77</sup> BURANELLO, 1999, p.2. “*In the fifteenth and sixteenth centuries, the principal classical sources of inspiration for the Renaissance dialogists were the Works of Cicero, Lucian, and Plato.*”

<sup>78</sup> BURANELLO, 199, p. 1. “*The Renaissance dialogue drew on its classical roots to revitalize the genre and discuss a variety of issues in a contemporary setting. Another significant parallel between these two eras is the impact that the didogues had on the rise of literary theory. With reference to the production of important theoretical texts on the genre like Sperone Speroni's Apologia dei dialoehi (1574-5) [...]*”

Com a onda dialógica própria da Renascença, como põe em questão Batkin (*apud* BURANELLO, 1999, p. 2): “O que é então, em geral, o Renascimento se não um diálogo que tem como tese a antiguidade, como antítese o cristianismo e como síntese uma forma própria de saber filosófico?”<sup>79</sup>, muitos letrados usavam esta forma de escrita não somente para debater sobre um único tema, mas também era uma forma de falar sobre aspectos da vida quotidiana e, neste sentido, podemos lembrar de títulos de alguns diálogos de Speroni, tais quais: *Dialogo della dignità delle donne*, *Dialogo della cura famigliare* ou ainda o *Dialogo del tempo del partorire*, que de certa forma podem exemplificar o quão inserido nesta tendência estava Speroni e, não obstante a sua rica e vasta produção dialógica, foi um autor pouco contemplado em textos que retratam aquela época.

Buranello ainda aponta para o fato de que os diálogos de Speroni de 1540 fornecem um vasto corpus que demonstra como o modelo dialógico renascentista já estava estabelecido no século XVI<sup>80</sup>. E justamente com este “amadurecimento” da estrutura dialógica na Renascença, o autor paduano aponta para a relevância do *locus* para a compreensão do texto:

Um elemento fundamental do gênero dialógico e também um no qual o próprio Speroni coloca muita ênfase é o cenário ou locus. O elemento espacial, sempre de forma marcante, relacionado com a estrutura temporal do diálogo é sublinhado por Speroni como de importância fundamental para a compreensão dos diálogos.<sup>81</sup>  
(BURANELLO, 1999, p. 5)

---

<sup>79</sup> Original: “*Che cos'è allora in generale il renascimento se non un dialogo che há per tesi l'antichità, per antitesi il cristianesimo e per sintesi una propria forma di sapere filosofico?*”

<sup>80</sup> “[...] Speroni's *Dialoghi* were published in the 1540s, a very formidable corpus of contemporary dialogical works had already been established”. (BURANELLO, 1999, p. 4)

<sup>81</sup> Texto original: “*A fundamental element of the genre of dialogue, and one on which Speroni himself places much emphasis, is the setting, or locus. The spatial element, always firmly related to the temporal framework of the dialogue, is stressed by Speroni as being of exceptional importance for the understanding of dialogues.*”

Se pensarmos esta característica tendo em mente a *cidade letrada*, podemos compreender o papel que o letrado exerce dentro de todo o polissistema da Itália renascentista. Os intelectuais “desenhistas de modelos culturais” (RAMA, 2015, p. 42) inseridos em uma cidade e em uma posição de privilégio eram capazes de sintetizar toda uma dinâmica entre os sistemas que compunham o contexto daquela Itália do século XVI: estes letrados contemplavam em sua função intelectual e política uma questão que afetou toda uma sociedade.

Esta importante característica (do *locus*) dos diálogos do paduano vem de seu conhecimento de que a tradição dos diálogos já escritos e que mostram a Speroni que o “sucesso do diálogo depende, em certo grau, da consistência entre os personagens, as circunstâncias para o encontro deles, bem como a localização na qual eles conversam, além da escolha do assunto”<sup>82</sup> (BURANELLO, 1999, p. 7), portanto vemos com os textos do paduano esta consistência bem definida: os personagens são pessoas reais, letrados que circulavam nas principais cortes da época, os diálogos ocorrem justamente nestes locais, também reais,<sup>83</sup> e, por fim, os assuntos tratam de tópicos relevantes para aquela época, mas, principalmente no que diz respeito aos *Diálogo das Línguas* e *Diálogo acerca da Retórica*, os quais tratam justamente da *Questione della Lingua*, vemos como Speroni também soube aproveitar a tradição.

Aproveitando esta tradição ao manter as características relevantes de um diálogo, Speroni agregava uma combinação entre “eloquência com considerações do dever civil no *Dialogo delle Lingue*, *Dialogo della retorica*, e *Dialogo della vita attiva e contemplativa*”<sup>84</sup> (BURANELLO, 1999, p.9), o que indicava um significativo *background* acadêmico por parte do autor<sup>85</sup>. E justamente ter este *background* acadêmico era um fator de relevância para o letrado, pois a “Universidade, que sempre foi a joia mais preciosa da cidade letrada”

<sup>82</sup> Original: “*success of the dialogue depends to a certain degree on the consistency between the characters, the circumstances for their meeting, as well as the location in which they speak and the topics chosen.*”

<sup>83</sup> “*With only a couple of exceptions, Speroni's mimetic dialogues al purport to be discussions between real people in a real place. The space of each text draws upon literary tradition as well as on the extemal reality it aims to portray*” (BURANELLO, 1999, p. 9).

<sup>84</sup> Original: “*eloquence with considerations of civic duty in the Dialogo delle Lingue, Dialogo della retorica, and Dialogo della vita attiva e contemplativa*”

<sup>85</sup> “[...] *that indicates an academic background*” (BURANELLO, 1999, p. 9).

(RAMA, 2015, p. 76) era uma passagem que conectava os intelectuais ao centro da cidade letrada e, por consequência, da cidade real.

Desta base acadêmica, Speroni provavelmente extraiu os elementos dos modelos de Cícero, Luciano de Samósata e Platão. Do primeiro, nota-se a relevante influência do *locus* e do elenco dos personagens dos diálogos.

Os membros desta elite intelectual e social que constituem o elenco dos diálogos frequentemente se encontravam na cidade para passar os seus momentos de ócio (*otium*) discutindo princípios de oratória ou filosofia moral.<sup>86</sup> (BURANELLO, 1999, p. 11)

E justamente podemos nos recordar da maneira com a qual o autor inicia o seu *Diálogo acerca da Retórica*:

Valério: Ó Brocardo, agora enquanto aqui nós rimos e brincamos, na casa do embaixador Contarini, o Cardeal Don Ercole, com Priuli e com Navagero, devem estar discutindo entre si acerca da nossa imortalidade: e lá talvez nos esperam e não lhes agrada o nosso atraso, por isso me parece que devemos sem hesitações encontrá-los, pois ontem à noite, na hora de despedirmos, era o que tínhamos combinado; e isso porque, ao estar conosco, Soranzo, um jovem muito estudioso, que não costuma perder seu tempo, venha a colher algum fruto, e não somente ócio e diversão. (SPERONI, 2013, p. 29)

Aí vemos, já no início do diálogo, a ênfase dada ao *locus* e ao elenco dos personagens: Valério fala claramente da importância da ida para a casa do embaixador Contarini onde possam desfrutar de alguma maneira os debates da elite intelectual. Entre os nomes que aparecem nesta pequena fala introdutória de Valério, estão cardeais, letrados e

---

<sup>86</sup> Original: “*The members of this intellectual and social élite who constitute the dramatis personae of the dialogues often meet in a villa setting to spend their moments of leisure (otium) discussing principles of oratory or moral philosophy*”.

nobres, componentes da cidade letrada que transformam os encontros de *otium* em momentos para desenhar modelos culturais<sup>87</sup>.

Estes intelectuais localizados justamente em Florença, a nova Atenas<sup>88</sup> e nova capital intelectual das letras, estavam no centro da *Questione* tanto no que diz respeito à cidade letrada quanto à cidade real, pois a cidade da Toscana era o centro intelectual da Itália (e da Europa) naquela época, enquanto a cidade de Milão era o centro econômico da península.

Estes diálogos tanto de Speroni, quanto de Castiglione e Bembo, conforme Buranello, são reflexo das mudanças sociais, políticas e culturais que afetam os leitores destes textos, ou seja, uma transferência direta para a cidade letrada de uma questão concreta que acontecia na cidade real: a Itália estava passando por um período de mudança linguística que afetava as diversas classes sociais. A dinâmica dos dialetos no século XVI justamente mostra o envolvimento dos diversos sistemas que movimentavam a Itália renascentista, havia a fala dos letrados, a escrita dos mercadores, os imigrantes que chegavam em ondas imigratórias em 1527 na Toscana e em Roma (TESTA, 2014, p. 53), além do latim do clero e das retomadas dos modelos clássicos e canônicos. Estes diversos elementos fazem:

do século XVI uma fase crucial da história da nossa língua: o alcance da maturidade plena do vulgar literário e seu progressivo reconhecimento cultural, a abrupta difusão do livro impresso e o nascimento de editoras de vasto sucesso, a estabilização normativa e a florescente publicação de tratados, gramáticas e dicionários, a busca de

---

<sup>87</sup> Cabe lembrar aqui do diálogo *Il Cortegiano* de Baldassar Castiglione que ocorre nos jardins do palácio da corte de Urbino, onde também se discute acerca da língua italiana. De acordo com Virginia Cox, (*apud* BURANELLO, 1999, p. 42), após a análise das marginais feitas por Speroni na edição de 1547 do *Cortegiano*, o paduano teria sido um leitor atento de Castiglione e deste diálogo teria extraído a inspiração para a correspondência entre um *locus* real e o *locus* do diálogo.

<sup>88</sup> “*Careggi's highly ritualized convivial atmosphere meticulously modeled after Platonic exaniples was brought to He m Ficino's Sop Io amore. The "Proem" to the commentary intentionally draws direct parallels between Plato's Athens and the new Athens that was Florence.*” (BURANELLO, 1999, p. 30)

preceitos e regras que consentissem também aos não profissionais das letras de escrever “bem” e de modo correto e, alargamento a perspectiva para fora da península, a conquista de um status de língua de cultura do italiano literário com um prestígio indiscutível mesmo no exterior. (TESTA, 2014, p. 11)<sup>89</sup>

#### 4.2 O *Diálogo acerca da Retórica* e o *Diálogo das Línguas*: a *Questione della Lingua* e a escrita de Speroni.

Dentro destas mudanças tão características do século XVI, dois dos diálogos do paduano podem mostrar como o autor via a sua escritura também como uma maneira de engajamento civil e política (característica dos letrados da cidade letrada): o *Diálogo acerca da Retórica* e o *Diálogo das Línguas* são justamente os dois que tratam diretamente da *Questione* e formam, por assim dizer, mais um sistema dentro do pensamento poliédrico do homem renascentista.

De acordo com Buranello (1999, p. 249) estes dois diálogos foram escritos em Padova quando Speroni estava no comando da *Accademia degli Infiammati*, a academia literária paduana que defendia a escrita em vulgar, em oposição à defesa do cânone literário que propunha a *Accademia della Crusca*, de Florença. Este *locus*, portanto, teria influenciado para a discussão entre língua, retórica e engajamento civil dentro da *Accademia degli Infiammati* e consequentemente dentro dos diálogos de Speroni. Estes diálogos também se destacam quanto à questão do *locus*:

Ao contrário da maioria de seus outros diálogos nos quais as indicações de tempo e de lugar são raras, no *Dialogo delle Lingue*, *Dialogo della*

---

<sup>89</sup> Original: “*Molteplici sono gli elementi che fanno del Cinquecento una fase cruciale della storia della nostra lingua: il raggiungimento della piena maturità del volgare letterario e il suo progressivo riconoscimento culturale, la dirompente diffusione del libro a stampa e la nascita di imprese editoriali di vasto successo, la stabilizzazione normativa e la fiorente pubblicazione di trattati, grammatiche e vocabolari, la ricerca di precetti e di regole che consentissero anche a non professionisti della pena di scrivere “bene” e in modo correto e, allargando la prospettiva al di fuori della penisola, la conquista da parte dell’italiano letterario di uno status di lingua di cultura d’indiscutibile prestigio anche all’estero*”.

*Retorica* e no *Dialogo della vita attiva* e contemplativa Speroni não deixa dúvidas quanto as suas referências espaço-temporais.<sup>90</sup> (BURANELLO, 1999, p. 249)

Estas marcações espaciais feitas por Speroni em seus diálogos podem significar muito mais do que apenas a clara influência de uma característica extraída dos diálogos de Cícero, elas podem ser pensadas pelo viés da cidade letrada: mostram a centralidade do autor nesta cidade, pois ele estava inserido em âmbitos que permitiam que os intelectuais exercessem um poder autônomo e se constituíssem enquanto um sistema dentro do polissistema italiano da renascença:

Mais relevante e carregada de consequências do que o elevado número de integrantes da cidade letrada, os recursos de que dispuseram, a proeminência pública que alcançaram e as funções sociais que desempenharam foi a capacidade que esses membros demonstraram para se institucionalizar a partir de suas funções específicas (donos da letra) procurando tornar-se um poder autônomo dentro das instituições do poder a que pertenceram: audiências, capítulos, seminários, colégios, universidades. (RAMA, 2015, p. 42)

Assim, a tentativa de Speroni se inserir no centro da *Questione* era expressa em seus diálogos por alguns elementos, tais quais: o elenco dos personagens participantes (nobres, letrados, religiosos, etc.), a localização (*locus*) dos diálogos e a própria posição do autor na cidade real (intelectual com participação ativa em academias e centros intelectuais de Pádua, mas também de outras cidades centrais da Itália, como Roma e outras já descritas no capítulo anterior).

No que se refere ao *Diálogo das Línguas*, os personagens são literatos e um acadêmico: Lazaro Bonamico, Pietro Bembo, Giovanni Lascaris, Pietro Pomponazzi, além de dois personagens não nomeados,

---

<sup>90</sup> Texto original: “*Unlike most of his other dialogues in which indications of time and place are rare, in Dialogo delle Lingua, Dialogo della retorica and Dialogo della vita attiva e contemplativa Speroni leaves no doubt as to the spatio-temporal referents*”.

um estudante paduano e um cortesão romano. O diálogo ocorre na cidade natal de Speroni e tem como tema a disputa entre o vulgar italiano e as línguas latina e grega. Lazaro é o personagem defensor da soberania das línguas clássicas, enquanto Pietro Bembo representa o próprio Bembo, o defensor das línguas literárias de Petrarca e Boccaccio.

O diálogo tem início com o questionamento de Bembo sobre a obrigatoriedade de se ler latim e grego nos estudos em Pádua impostos pela corte de Veneza, Lazaro responde que sim, é verdade<sup>91</sup>. E para defender esta imposição, os argumentos de Lazaro seguem a linha da superioridade destas línguas sobre a língua vulgar, chegando a afirmar que “a vulgar não é nada além da língua latina corrompida e gasta graças ao tempo ou graças à força dos bárbaros ou graças a nossa covardia.”<sup>92</sup> (SPERONI, 2001, p. 5). O personagem Lazaro continua afirmando a superioridade da língua latina e da língua grega:

LAZARO: [...] eu digo que em muitas coisas somos diferentes dos animais brutos, e dentre elas uma das principais que nos distingue deles é que pensando e escrevendo nos comunicamos uns com outros: tal coisa não podem fazer os animais. Sendo assim, aquele que mais se distancia da natureza dos brutos será aquele que falar e escrever melhor. Por isto, quem ama ser homem perfeito, com todo estudo deve buscar falar e escrever perfeitamente; e quem possui a virtude

---

<sup>91</sup> “BEM. Io odo dir, messer Lazaro, che la Signoria di Venezia v’ha condotto a legger greco e latino nello Studio di Padova: è vero questo? / LAZ. Monsignor sì.” (SPERONI, 2001, p. 4). Edição eletrônica do *Dialogo delle Lingue*, disponível no site <www.liberliber.it>, volume integrante do Progetto Manuzio, sob a curadoria de Mario Pozzi.

<sup>92</sup> Tradução minha, no original, em italiano: “[...] *la volgare non è altro che la latina guasta e corrotta oggimai dalla lunghezza del tempo o dalla forza de’ barbari o dalla nostra viltà*.” Embora já exista uma tradução do *Diálogo das Línguas*, é apenas a tradução de um excerto, por este fato os trechos citados até a página 13 do diálogo serão traduzidos por mim, a partir daí utilizarei a tradução existente e disponível em: SPERONE SPERONI. *Diálogo das línguas*. Tradução: Andréia Guerini, Anna Palma, Mauri Furlan. In: FURLAN, Mauri (org.). **Antologia bilíngue. Clássicos da teoria da tradução**. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006. p. 220-255.



para poder fazê-lo, bem se pode dizer que está entre os homens, que são os próprios homens em relação aos animais. Desta virtude, de falar e escrever bem, os gregos e latinos quase da mesma forma se apropriaram. Onde a língua deles vem a ser aquelas que, sozinhas entre todas as outras do mundo, nos fazem diferentes das bárbaras e irracionais criaturas por excelência. (SPERONI, 2010, p. 6)<sup>93</sup>

Neste trecho da fala de Lazaro, Speroni foi capaz de sintetizar o pensamento de uma das correntes de pensamento envolvidas na *Questione della Lingua*, a corrente latinista que defendia a superioridade das línguas latina e grega em relação aos vulgares italianos, mesmo em relação ao vulgar da literatura canônica italiana do século XIV, que era defendida por outra linha de pensamento e que foi encabeçada por Pietro Bembo, personagem também presente neste diálogo de Speroni. Pode-se dizer, de certa forma, que Speroni consegue sintetizar as principais linhas de defesa da *Questione* tanto no *Diálogo das Línguas*, quanto no *Diálogo acerca da Retórica*. E, indo além, o autor consegue através da indicação explícita do *locus* e dos personagens, mostrar a relevância dos vários sistemas para a configuração peculiar que o debate acerca da língua vulgar teve durante a Renascença italiana.

No *Diálogo das Línguas* há, portanto, Lazaro como defensor da corrente latinista, mas não apenas, é também defensor da tradição enquanto maneira de segura e válida de se manter uma base sólida de uma ideia. Em certo momento do diálogo ele coloca em questão: “Quando a língua vulgar tiver os seus Cíceros, os seus Virgílios, os seus Homeros e os seus Demóstenes, então eu considerarei que ela seja coisa

---

<sup>93</sup> Original: “[...] io dico incominciando che, quantunque in molte cose siamo differenti dalli bruti animali, in quest’una principalmente ci discostiamo da loro, che ragionando e scrivendo comunichiamo l’um l’altro il cor nostro: la qual cosa non possono fare le bestie. Dunque, se così è, quegli più diverso sarà dalla natura de’ bruti, il quale parlerà e scriverà meglio. Per la qual cosa cinque ama d’esser uomo perfettamente; e chi há virtù di poterlo fare, ben si può dire a ragione lui esser tale fra gl’altri uomini, quali sono gl’uomini istessi per rispetto alle bestie. La qual virtù di parlare e di scrivere i Greci e Latini quase ugualmente s’appropriarono. Onde le loro lingue vengono ad esser quelle che, sole tra tutte l’altre del mondo, ci fanno diversi per eccellenza dalle barbare e dalle irrazionali creature”

a se aprender como é agora a latina e a grega”<sup>94</sup> (SPERONI, 2001, p. 7). Vejamos aí a associação entre a língua e um nome que encarna a própria tradição (retomando Casanova), um nome que se torna por si só um argumento; a língua de Cícero, a língua de Homero em um nível mais elevado em relação à língua nova de Petrarca, ainda sem a longuíssima tradição embutida nos nomes citados por Lazaro.

Ainda com Lazaro, faz-se interessante notar a confluência de outros sistemas na fala deste personagem para justificar a falta de valor da língua vulgar; de acordo com o personagem, influências francesas e provençais contribuíram na formação do caráter bárbaro da língua vulgar da Itália. Deste modo, não apenas a falta de tradição literária, mas também a falta de “pureza” na língua, por ela ser “[...] uma confusão indistinguível entre todas as bárbaras do mundo” (SPERONI, 2001, p. 7)<sup>95</sup>; sistema literário e um sistema histórico-social que se costuram nos argumentos de Lazaro.

O personagem latinista do *Diálogo das Línguas* ainda afirma que:

LAZARO: Se o homem está na praça, na vila ou em casa, falando com o vulgo, com os camponeses, com os servos, fala somente vulgar, mas nas escolas das doutrinas entre os doutos, onde podemos e devemos ter um pensamento

<sup>94</sup> Original: “Quando egli avverrà che la lingua volgare abbia i suoi Ciceroni, i suoi Virgillii, i suoi Omeri e i supo Demosteni, allora consglierò che ella sai cosa da imparare come è ora la latina e la greca.”

<sup>95</sup> Original: “[...] ella mostra nella sua fronte d’aver avuto la origine e l’accrescimento da’ barbari, e da quelli principalmente che più odiarono li Romani, cioè da’ Francesi e da’ Provenzali, da’ quali non pur i nomi, i verbi e gli adverbii di lei, ma l’arte ancora dell’orare e del poetare si si derivò. Oh glorioso linguaggio! Nominatelo come vi piace, solo che italiano non lo chiamate, essendo venuto tra noi d’oltre il mare e di là dall’Alpi, onde è chiusa l’Italia: ché già non è propria di Francesi la gloria che stati ne siano inventori e accrescitori; ma dall’inclinazione dell’impero di Roma in qua, mai non venne in Italia nazione nissuna sì barbara e così priva d’umanità, Unni, Gotti, Vandali, Longobardi ch’a guisa di trofeo non vi lasciasse alcun nome o alcun verbo d’i più eleganti ch’ella abbia. E noi diremo che volgarmente parlando possa nascere Cicerone o Virgilio? Veramente se questa lingua fosse colonia della latina, non oserei confessarlo; molto meno il dirò, essendo lei una indistinta confusione di tutte le barbarie del mondo”.

humano, este deve ser em latim<sup>96</sup>. (SPERONI, 2001, p. 8)

Se lido sob a ótica de Rama neste trecho da fala de Lazaro, podemos também inferir o papel do intelectual na cidade letrada: quando o letrado está em meio acadêmico, ou seja, no meio onde se configura de forma mais concreta a cidade letrada, deve falar e pensar em latim, ele desenha, configura a forma a ser seguida, além de destacar as classes, pois, quando circula entre os cultos deve ter um registro linguístico diferente daquele utilizado entre os “bárbaros” (de acordo com a distinção feita pelo próprio personagem).

Em seguida, Bembo inicia seus argumentos em defesa da língua vulgar, mas não do vulgar do século XVI, mas sim daquele vulgar utilizado por Petrarca e Boccaccio: “[...] veja as coisas latinas de Petrarca e Boccaccio e compare ao vulgar deles: destas não julgarás nenhuma ser melhor nem pior” (SPERONI, 2001, p. 9)<sup>97</sup>; Bembo nivela o latim e o vulgar destes autores canônicos para mostrar que, embora o vulgar ainda não tenha a mesma tradição dos nomes das literaturas latina e grega, não necessariamente deva ser desqualificado. Ele afirma que a arte de compor e adornar as línguas é a mesma tanto no latim quanto no vulgar e que, embora saiba da existência de algumas composições menos elegantes em vulgar, as de Petrarca e Boccaccio são perfeitas da mesma forma que o são as dos latinos<sup>98</sup>. Esta comparação feita por Bembo é um forte argumento, pois ele mostra a Lazaro que a língua vulgar também já possui uma certa tradição que possa sustentar a sua

<sup>96</sup> Original: “*Onde se l’uomo è in piazza, in villa o in casa, col vulgo, co’ contadini, co’ servi, parli volgare e non altramente; ma nelle scole delle dottrine e tra i dotti, ove possiamo e debbiamo esser uomini, sia umano, cioè latino, il ragionamento.*”

<sup>97</sup> Original: “[...] *vedete le cose latine del Petrarca e del Boccaccio, e agguagliatele alle loro volgari: di quelle niuna peggiore, di queste niuna migliore giudicarete.*”

<sup>98</sup> Original: “[...] *io li domanderei: onde è adunque che le cento novelle non sono belle egualmente, né i sonetti del Petrarca tutti parimente perfetti? Certo bisognarebbe che egli dicesse niuna orazione, niun verso toscano non esser né più brutto, né più bello dell’altro e per conseguente il Serafino esser eguale al Petrarca, o veramente confessarebbe fra le molte composizioni volgari alcuna più, alcuna meno elegante e ornata dell’altra trovarsi: la qual cosa non sarebbe così quando elle fossero del tutto prive dell’arte de l’orare e del poetare.*” (SPERONI, 2001, p. 9)

posição enquanto língua literária, pois, se pensarmos no *locus* o no tempo deste diálogo, lembramos que ele ocorre dois séculos após a existência de Petrarca e Boccaccio, ou seja, já havia aí uma literatura que estava perpassando a história da Itália paralelamente à tradição dos clássicos gregos e latinos.

Em seguida, mostrando também a confluência entre os vários sistemas na *Questione della Lingua*, Lazaro conjuga o nascimento da língua vulgar com a queda do império romano e, conseqüentemente, à diminuição do intelecto dos homens<sup>99</sup>; como se uma rede de acontecimentos históricos e sociais se costurasse nos argumentos de Lazaro.

Já o personagem Cortesão, argumentando contra Lazaro, afirma:

CORTESÃO: Parece-me, Monsenhor, que temeis falar mal da língua latina, como se ela fosse a língua do vosso Santo de Pádua, à qual conforma-se tanto que, como aquela foi de alguém já vivo, cuja santidade é a razão pela qual agora, colocada em um tabernáculo de cristal, é adorada pelas pessoas, assim esta digna relíquia de Roma, império do mundo, deteriorado e corrompido há muito tempo, embora hoje se cale fria e seca como nunca, é contudo idolatrada por algumas poucas pessoas supersticiosas, que não consideram cristão aquele que não a adora como a um deus. Adorai-a, pois, segundo o vosso juízo, contato que não a faleis; e querendo utilizá-la, assim morta como está, seja-vos lícito poder fazê-lo; mas falai entre vós doutos as vossas palavras latinas mortas, e deixai-nos falar em paz a nós ignorantes as nossas vernáculas vivas, como a língua que Deus nos deu. (SPERONI, 2006, p. 221)

Desta fala vemos como a tradição tornou-se (para Lazaro) um argumento intocável, como se fosse o único aspecto capaz de sustentar a língua, pois a tradição, conforme Casanova é uma forma segura de se

---

<sup>99</sup> Original: “LAZ. Parvi che ‘l biasmo sia poco, quando io congiungo il nascimento di lei alla destruzione dell’imperio e del nome latino? e l’accrescimento di lei al mancamento del nostro intelletto?” (SPERONI, 2001, p. 10)

manter no centro, na centralidade da disputa de valor no mercado literário. Uma vez que temporalmente a tradição é capaz de acumular seu valor, ela se torna uma rica moeda de troca neste espaço e desta forma coloca este tipo de argumento e/ou o literato que nele se baseia, mais próximo ao cânone e também mais próximo às chances de se eternizar na literatura.

Ainda no *Diálogo das Línguas*, vemos como Bembo também parece ter ciência do poder da tradição para sustentar seus argumentos, embora ele se baseie numa tradição mais recente:

BEMBO: [...] louvo sumamente a nossa língua vulgar, isto é, a toscana, de maneira que ninguém entenda o vulgar da Itália toda. **Falo da toscana, não da moderna que hoje o povo usa, mas a antiga, a qual tão sumamente falaram Petrarca e Boccaccio**, porque a língua de Dante é influenciada muito e frequentemente mais pelo lombardo que pelo toscano, e onde é toscana, é mais toscana do interior que da cidade. Por isso é dela que eu falo, ela que louvo, ela que vos persuado a aprender. Embora não tenha alcançado sua perfeição completa, já chegou tão perto que falta pouco para isso acontecer. E quando isso suceder, não duvido nada que, como acontece na grega e na latina, produzirá a virtude de fazer alguém viver brilhantemente mesmo depois de sua morte. E então sim veremos construir-lhe não só tabernáculos, mas também muitos templos e altares, a cuja visita concorrerão, de todas as partes do mundo, brigadas de espíritos peregrinos, que lhe farão votos e por ela serão concedidos. (SPERONI, 2006, p. 223 – grifo meu)

Pois, parece que Bembo entende que “A obra moderna está condenada a caducar, a menos que alcance a categoria de “clássica” [...]” (CASANOVA, 2002, p. 121), e justamente por isto escolhe a língua vulgar não moderna, mas sim uma que não caducou.

Neste momento do diálogo, entra a posição do próprio Speroni através da participação do personagem Cortesão:

CORTESÃO: Pelo menos direi aquilo que tiver no coração, e o esforço que eu dispensaria em

adquirir palavrinhas disto e daquilo, investi-lo-ei em encontrar e dispor as concepções da minha alma, da qual procede a vida da escrita. Pois considero ruim que, para expressarmos nossas concepções, utilizemos a língua toscana ou latina, que aprendemos e exercitamos não discutindo entre nós os nossos assuntos, mas lendo a outros. (SPERONI, 2006, p. 226)

Pois, para Speroni, a prática do *imitatio* defendida tanto pelos latinistas quanto pelos saudosistas da língua de Petrarca, era uma prática a ser condenada, já que o paduano acreditava que as palavras são como espelho da realidade. Também corroborando com o pensamento de Speroni e já antecipando argumentos tratados no *Diálogo acerca da Retórica*, o personagem Peretto defende não somente a língua vulgar, mas também que os clássicos sejam traduzidos para esta língua, já que, de acordo com o personagem, perde-se muito tempo aprendendo a ler latim ou grego.

PERETTO: Tenho por certo que as línguas de todos os países, tanto a árabe e a indiana como a romana e a ateniense, possuem um mesmo valor e foram formadas por mortais com uma intenção e para uma finalidade. E eu não gostaria de que falásseis delas como de algo produzido pela natureza, uma vez que são feitas e regradas pelo artifício das pessoas por beneplácito delas, e não plantadas nem semeadas; usamo-las, pois, como testemunhos de nosso espírito, representando entre nós as concepções do intelecto. [...] sem mudar de cultura ou de nação, o francês e o inglês, e não somente o grego e o latim, podem dar-se a filosofar, assim acredito que a língua nativa pode comunicar a sua doutrina a outros. Portanto, traduzindo-se aos nossos dias a filosofia, semeada por nosso Aristóteles nos bons campos de Atenas, da língua grega à vulgar, não seria jogá-la entre pedras, em meio a bosques, onde se faria estéril, mas tornar-se-ia de distante próxima, e de forasteira, que é, cidadã de todas as províncias. [...] as especulações de nosso Aristóteles se nos tornariam mais familiares do que agora são, e ser-nos-iam mais facilmente compreendidas, se algum

douto homem as traduzisse do grego ao vulgar.  
(SPERONI, 2006, p. 239)

Aí vemos novamente a capacidade de Speroni de sintetizar dentro de seus diálogos as correntes de pensamentos dos literatos envolvidos no debate italiano acerca da língua. Sendo Lazaro a síntese dos latinistas, Bembo a dos seguidores da corrente arcaizante da língua e, por fim, Peretto, os que defendiam o vulgar do século XVI. O diálogo se encerra com cada um dos personagens se mantendo firmes às suas respectivas ideias.

Esta ideia de Peretto será uma das ideias também presentes no *Diálogo acerca da Retórica*, pois este texto de Speroni não é somente um dos diálogos em defesa do vulgar, mas também é um diálogo em defesa da função da retórica dentro da vida civil.

Portanto, partindo diretamente para o *Diálogo acerca da Retórica*, neste texto vemos em abundância as comparações e metáforas, também traços da retórica clássica e que se mantém constantemente presentes nos textos de Speroni, além da relevância do *locus* para o desenvolvimento do diálogo, bem como a participação de literatos e figuras reais detentoras de poder religioso, filosófico, etc. Como citado anteriormente, o *locus* do diálogo e o elenco dos personagens já são introduzidos a partir da fala do personagem Valério: onde já se tem ideia de que o círculo no qual ocorre o debate é constituído por homens de monta, como Brocardo, “[...] professor em Pádua de lógica, filosofia e medicina [...]”<sup>100</sup>.

Iniciando o debate, propriamente dito, Soranzo diz:

[...] eu estou em dúvida se a arte oratória da língua latina é condizente com as outras línguas, especialmente com a toscana que nós usamos atualmente; eu sou da opinião de que algum saudoso de Boccaccio possa se deleitar escrevendo nela alguma novela, sem problemas; sendo esse fato, na verdade, diferente dos três tipos de causas que foram nomeadas pelos

---

<sup>100</sup> Citação extraída da nota de rodapé explicativa disponível em: BADO, Ana Luiza Leite, ROMANELLI, Sergio (orgs.). *Antologia Bilíngue. Diálogo acerca da Retórica*. Sperone Speroni. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. p.29, nota 13.

escritores latinos como matéria única e geral de sua arte retórica. Essas e outras dúvidas, então, continuamente vagam no meu intelecto, e até agora não encontrei quem as esclareça: pois, dos muitos a quem eu pedi muitas vezes, a alguns falta o conhecimento, a outros o modo de ensinar. Os senhores muito sabem disso e costumam pensar em cada coisa conhecida com uma ordem bela e discreta; porque, agora que podem, eu lhes peço livremente que me contem os preceitos de tal arte o quanto acharem que seja lícito eu conhecer. (SPERONI, 2013, p.31)<sup>101</sup>

Assim, com Soranzo já somos levados ao mote do Diálogo: o personagem põe em questão se a língua vulgar toscana do século XVI era capaz de ser usada para a arte oratória, ou, em outras palavras, o personagem se questiona se a língua ainda não detentora de tradição estaria capacitada para representar uma arte embutida de tradição e cânones literários. A partir deste questionamento também somos colocados perante a capacidade de síntese de Speroni: em poucas palavras o autor costura na fala de seu personagem a relevância da oratória para a vida civil e a questão linguística em voga na Itália.

Unindo novamente a retórica, a oratória e a *Questione*, vemos na fala do personagem Valério a afirmação de que um orador exerceria mais facilmente seu ofício se o fizesse em língua vulgar:

Como é mais comum persuadir em vulgar [...] pois o orador deve produzir um grande choque em nossas almas, caso queira realmente nos persuadir. O que consegue fazer em uma hora com suas palavras, ao contrário do filósofo, que somente adquire essa arte vivendo por muitos anos virtuosamente. Ainda considerem se a retórica é arte conveniente à civilidade da vida e à liberdade pública; e se influenciar os pensamentos é, para o orador, mais honroso que ensinar a deleitar. (SPERONI, 2013, p. 45-47)

---

<sup>101</sup> Todas as citações do Diálogo acerca da Retórica foram extraídas da tradução do texto já realizada por mim e por meu orientador: BADO, Ana Luiza Leite, ROMANELLI, Sergio (orgs.). *Antologia Bilíngue. Diálogo acerca da Retórica*. Sperone Speroni. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.



Valério, então, atuando em defesa da língua vulgar, argumenta que não somente esta língua tem capacidade para exercer a arte oratória, mas também seria um meio de exercê-la de maneira eficaz, pois “é mais comum persuadir em vulgar”, uma vez que a população daquele período falava a língua do século XVI e não a língua a língua latina, por exemplo.

Brocardo, também evitando o uso das palavras latinas: “Com muito cuidado, evitarei usar as palavras latinas que, a longo prazo, prejudicariam a construção da minha fala, deixando essa viagem no perigoso mar a um navegador mais hábil que eu” (SPERONI, 2013, p. 55), continua a discorrer sobre a retórica:

[...] na causa demonstrativa, na qual a oração não é menos bela quando lida do que declamada, contudo, vemos oradores médios que, bem informados das matérias civis, e ajudados pela ação e pela memória, no senado e no juízo, demonstravam saber falar muito bem. Pois, nesses casos, as palavras despertam em nós a natureza das coisas tratadas e harmonizadas, como os conceitos da alma dão origem àquela harmonia que surpreende quem a escuta. Por esse motivo, muitas vezes, os retóricos recomendam que, não nos preocupando com a vagueza das palavras rebuscadas, temos que nos ater, vulgarmente falando, a algumas outras não tão belas, mas mais eficazes para explicar os conceitos. (SPERONI, 2013, p. 63)

Vemos com este personagem uma consciência de que uma língua que seja natural aos seus sentidos é justamente aquela que consegue expressar de forma mais eficaz e natural os conceitos que um orador deseja falar; pois, uma vez que não há a necessidade de se aprender uma nova língua antes de narrar estes conceitos, com o uso do vulgar a fala se tornaria mais imediata e mais segura. Brocardo não somente evita se arriscar no inseguro mar do latim, mas também atua em defesa do vulgar quando diz que este seria o mais apto para alguma prática da arte oratória e também da poética, quando ele afirma:

Mas nós, medindo os nossos versos em vulgar, com menor arte e com mais razão, alcançamos

finalmente resultados iguais aos latinos, pois, não cuidando do comprimento nem da brevidade das sílabas, mas somente contando-as, as reunimos em uma e, juntadas dessa forma, deleitando os ouvintes, elas rendem inteira a cláusula e a convertem em verso. (SPERONI, 2013, p. 85).

O *Diálogo acerca da Retórica*, então, chega ao fim após uma longuíssima fala de Brocardo em defesa dos estudos das artes oratória e retórica, além das recomendações que ele dá para os outros participantes do diálogo sobre como estudar estas artes. O personagem, em certo ponto da sua fala final, afirma:

Mas, se por acaso (Deus não queira) a razão for algo humano como nós, a qual nasça, viva e morra junto conosco, com certeza seu dever deve ser o argumentar humanamente e considerar principalmente o que se convém à humanidade usando a arte oratória com a qual, nesta nossa vida civil, moderamos e conduzimos nossas ações humanas. (SPERONI, 2013, p. 115)

Dáí podemos deduzir que a adequação da arte oratória à humanidade também seria uma questão de em qual língua orar e exercer esta arte, ou ainda, uma questão de qual língua a classe letrada utilizaria para desenhar os conceitos e cânones a serem difundidos.

Ainda sobre o *Diálogo acerca da Retórica*, Buranello (1999, p. 268) aponta para a relevância da discussão sobre como as palavras afetam o leitor ou o ouvinte<sup>102</sup>.

Isto posto, vemos também como este diálogo está intimamente ligado à *Questione* e pode nos fazer pensar em questões sobre este debate à luz do pensamento do paduano: o vulgar do século XVI era uma língua nova e era reflexo daquela realidade, então porquê foi tão marginalizado? Este vulgar ainda não tinha uma tradição e, mesmo nos diálogos de Speroni, poucos são os nomes que podem carregar o valor desta língua nova, diferentemente daqueles que figuram nas falas dos personagens arcaizantes ou latinistas.

---

102 “*In Dialogo deila retorica the quaitities that distinguish res from verba are at the forefront of the discussions. The topic invariably involves a discussion of how words affect the reader or listener*”.

Por fim, se Speroni mostra com o *locus* de seus textos e com o debate inspirador dos *Diálogo das línguas* e *Diálogo acerca da Retórica*, porquê, então, ele se mantém à margem durante a história da língua e da literatura italiana? Acredito que um dos primeiros motivos é por ele ter sido ofuscado pela linha de defesa vencedora da *Questione* durante o século XVI, a arcaizante de Pietro Bembo. Esta linha particularmente teve um acúmulo de forças: ela representava uma classe burguesa em ascensão que se destacava das classes populares e religiosas, além de se sustentar em nomes que encarnavam a literatura italiana, Petrarca e Boccaccio, enquanto Speroni era defensor de uma língua ainda sem estes pilares.

Contudo, esta observação apenas torna ainda mais interessante a leitura dos diálogos de Sperone Speroni, pois, por ele circular entre os mais importantes centros intelectuais da Itália naquele período e estar sempre inteirado das produções intelectuais da sua época, ele era capaz de ter uma visão que se diferenciava dos demais intelectuais que pertenciam e construíam o centro. Speroni era capaz de levar o fora (a margem) para dentro (o cânone) e assim movimentava todo o polissistema italiano da Renascença.



## 5 Conclusão

A partir do que foi apresentado sobre Sperone Speroni, sua obra e sua relação com a *Questione della Lingua*, observei que uma peculiaridade circunda a vida deste autor renascentista.

Esta peculiaridade justamente seria o fato de que mesmo o autor ter circulado no centro do debate linguístico e literário em voga na Itália durante o século XVI ele permaneceu à margem. Mas quais teriam sido os motivos que configuraram este fator?

A primeira hipótese que levantei foi o fato de Speroni escrever e defender a língua vulgar de sua época, uma língua que por si já estava à margem dos centros literários e intelectuais renascentistas, pois, esses centros, defendiam uma língua (a literária do século XIV) que já era detentora de uma tradição e, conseqüentemente tinha poder na cidade real, uma vez que era a língua representativa de uma classe social em ascensão e dominante, a classe burguesa. Portanto, aí observei, com base na teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar, que a *Questione della Lingua* estava intimamente ligada com os diversos sistemas da Itália do século XVI; logo, se a língua utilizada e defendida por Speroni estava muito mais próxima a uma classe com pouco poder (o vulgo), a língua vencedora da questão, certamente, estava associada a uma classe com poder (a burguesia).

Além disto, a língua vulgar utilizada pelo autor paduano ainda não era detentora de nenhuma tradição e, como foi visto, de acordo com Casanova, ter uma tradição significa ter poder e sobrevivência através do tempo. Assim, para os letrados, a retomada de um modelo linguístico e literário do século XIV seria a garantia de poder e de sobrevivência da língua, garantia esta que não seria oferecida pela língua vulgar do século XVI, ainda sem tradição.

Corroborando tanto com Even-Zohar quanto com Casanova, o texto *A cidade das Letras*, de Ángel Rama, foi muito ilustrativo no sentido de mostrar o papel do intelectual na sociedade. Daí pude esclarecer (ou reforçar) a ideia de entrelaçamento entre os diversos sistemas e como esta associação dos letrados com uma classe de poder na cidade real foi, também, um fator que fez com que o paduano fosse um autor colocado na margem, mesmo que também debatesse uma questão que estava no centro da cidade letrada da Itália durante a Renascença.

Para que pudesse chegar a essas hipóteses, primeiramente tracei um perfil do que seria essa questão na qual Speroni estava inserido;

tendo em vista que a *Questione della Lingua* remonta a séculos antes da renascença, foi necessário traçar este perfil para que se pudesse compreender qual língua era a defendida pela classe que estava no centro da *Questione* no século XVI.

Em seguida, para exemplificar a posição marginal de Speroni na cidade letrada contemporânea, extrai exemplos de como o seu nome aparece pouco nos textos mais atuais sobre a *Questione*, até mesmo em alguns manuais clássicos dos estudos sobre a língua italiana. Esses manuais justamente reforçam a ideia de Bembo por esta ter sido a linha de defesa vencedora do debate no século XVI e, deste modo, acabam esquecendo que, embora as outras linhas não tenham vencido a disputa, também atuaram na formação do polissistema italiano daquela época e assim configuraram um dos períodos no qual esse debate atingiu seu esplendor.

Tendo em vista a ideia de inserir Speroni no meio acadêmico e assim torna-lo menos marginal, apresentei dados pontuais de sua biografia para que se tornasse claro o entendimento do movimento peculiar da vida do autor. Embora o paduano circulasse em espaços centrais da Itália, como Pádua e Roma, ele não pertencia à capital da cidade letrada, que era Florença, daí também podemos ver mais um motivo para que a posição de Speroni não fosse central.

Por fim, considerando uma das características da Renascença, a retomada dos clássicos, apresentei como o autor paduano acompanhou também essa tendência e, principalmente, como a questão do *locus* tem centralidade em seu discurso. Esse aspecto corroborou com a ideia de *República Mundial das Letras* e de *Cidade Letrada*, devido ao fato de que o *locus* apresentado pelo pensador italiano era justamente um *locus* real, que representava centros letrados reais com personagens não-fictícios envolvidos na *Questione*, mas principalmente no que diz respeito ao *Diálogo das Língua* e o *Diálogo acerca da Retórica*. Esses dois diálogos puderam exemplificar a relação do paduano com os outros letrados envolvidos na *Questione*, bem como puderam ilustrar como as ideias defendidas por ele eram, ainda, não muito bem quistas pelo centro literário, mais uma característica que mostrou como este autor não foi inserido no centro do debate.

Assim, retomando as palavras de Enrico Testa (2014), o mosaico italiano do *Cinquecento* configura um polissistema que ainda pode oferecer novos estudos, a saber: quais outros autores também estariam na margem da *Questione* ao lado de Speroni? E mais, como apresentei no segundo capítulo, Du Bellay teria traduzido o *Diálogo acerca da*

*Retórica* para defender o vulgar francês, desta relação poder-se-ia extrair reflexões acerca de como o autor paduano teria influenciado ou contribuído em outros polissistemas na formação de suas respectivas língua e literatura.





## REFERÊNCIA

ALBERTI, Leon Battista. *Grammatica della lingua toscana. Opere Volgari*. Vol III. Coleção "Scrittori d'Italia". GRAYSON, Cecil (org.). Bari: Laterza, 1973. Disponível em: <<http://www.liberliber.it/biblioteca/a/alberti/index.htm>>. Acesso em: 13 out. 2016.

ARACIL, Lluís V. *Do latim às línguas nacionais: introdução à história social das línguas europeias*. Galiza-Portugal, Braga: Associação de Amizade, 1994.

ARTIÈRES, Philippe (org.). *Michel Foucault, a literatura e as artes*. Tradução: Pedro de Souza e Jonas Tenfen. São Paulo: Rafael Copetti editor, 2014.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

\_\_\_\_\_. *A novela no início do Renascimento. Itália e França*. Tradução de Tercio Redondo. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BADO, Ana Luiza Leite; ROMANELLI, Sergio (orgs.) *Antologia Bilíngue*. Clássicos da Língua italiana. Sperone Speroni. Vol. 2. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BALDELLI, Ignazio. *Dante e la lingua italiana*. Firenze: Accademia della Crusca, 1996.

\_\_\_\_\_. *Storia e testi della letteratura italiana: La società di antico regime (1559-1690)*. Milão: Mondadori, 2003.

BARON, Hans. *The Crisis in the Early Italian Renaissance*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1966.

BENJAMIN, Walter (*et. al.*). *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Tradução de Marijane Lisboa e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

BUCKHARDT, Jacob. *A cultura do renascimento na Itália. Um ensaio.* Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BURANELLO, Robert. *From the locus amoenus to the locus ambiguus: Sperone Speroni and the Setting of Renaissance Dialogue.* [Tese]. Canadá: Universidade de Toronto, 1999.

CARPEAUX, Otto Maria. *O renascimento e a reforma por Carpeaux.* Vol. 3. São Paulo: Leya, 2012.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras.* Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CECCHI, Emilio; SAPEGNO, Natalino (orgs.). *Storia della letteratura italiana.* Vol. IV: Il Cinquecento. Milão: Garzanti, 1976.

DANTE Alighieri. *Convivio.* Prefácio, Notas e Comentários de Piero Cudini. 5.ed. Cernusco-Milão: Garzanti, 1995.

\_\_\_\_\_. *Da Linguagem Vulgar.* Obras Completas. Vol. X. São Paulo: Editora das Américas. Disponível em: <<http://www.bibliotecavirtual.org.br/leitura/dante.htm>>. Acesso em: 13 out. 2016.

\_\_\_\_\_. *De vulgari eloquentia.* Introdução, tradução e Notas de Vittorio Coletti. 4.ed. Garzanti, Cernusco-Milão, 2000.

\_\_\_\_\_. *De vulgari eloquentia. En torno a la lengua común.* Ed. bilíngue latim-castelhano de Manuel Gil Esteve e Matilde Rovira Soler. Madri: Ed. Palas Atenea, 1987.

\_\_\_\_\_. “Convivio”. *Edizione critica a cura di Maria Simonelli.* Bolonha: Casa Editrice Prof. Riccardo Pàtron Soc. A.S. Bolonha, 1966.

\_\_\_\_\_. “El Convivio”. In: *Obras completas de Dante Alighieri.* Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1965, pp. 565-591.

DE SANCTIS, Francesco. *Storia della letteratura italiana.* Milão: RCS Libri, 2006.

DEVOTO, Giacomo; ALTIERI, Maria Luisa. *La lingua italiana. Storia e problemi attuali*. Turim: Eri, 1968.

DIONISOTTI, Carlo. *Geografia e storia della letteratura italiana*. Torino: Einaudi, 1999.

DOSSE, François. *O desafio biográfico. Escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FABVRE, Lucien. *A Europa: gênese de uma civilização*. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

FERRONI, Giulio; CORTELLESSA, Andrea; PANTANI, Italo; TATTI, Silvia. *Storia e testi della letteratura italiana. La crisi del mondo comunale (1300-1380)*. Milão: Mondadori, 2013.

GARIN, Eugenio. “La letteratura degli umanisti”. In: CECCHI, Emilio; SAPEGNO, Natalino (orgs.). *Storia della Letteratura Italiana*: vol. III, Il Quattrocento e l' Ariosto. Milão: Garzanti, 1981, p. 202-19.

GIL HERNÁNDEZ, António. *Silêncio ergueito. Apontamentos sócio-políticos sobre questões aparentemente idiomáticas*. Corunha: Ed. do Castro, 1996.

HALL JR, Robert A. *The Italian Questione della lingua: An interpretative essay*. Chapel Hill-Carolina do Norte: University of North Carolina Press, 1942.

HORÁCIO. *Arte Poética (Epistula ad pisones)*. Edição bilíngue. Introdução, tradução e notas de Raúl Miguel Rosado Fernandes. 4.ed. Mem Martins: Inquérito, 1976.

HUSTINGS, Adrian. *The construction of Nationhood*. Cambridge-Reino Unido: Cambridge University Press, 1997.

MANZONI, Alessandro. *Fermo e lucia*. Ensaio introdutório, revisão de texto crítico e comentários de Salvatore Silvano Nigro. Colaboração de Ermanno Paccagnini nos “Appencide storica su la colonna infame”. Milão: Mondadori, 2002. Disponível em: <<http://www.edscuola.it/archivio/antologia/millelibri/Manzoni/0083040.html>>. Acesso em 13 out. 2016.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua*. Edição crítica com Introdução, Notas e Apêndice de Bortolo Tommaso Sozzi. Turim: Piccola Biblioteca Einaudi, 1976.

MARAZZINI, Claudio. *Breve storia della lingua italiana*. Bologna: Il Mulino, 2004.

MCLAUGHLIN, Martin. *Literary Imitation in the Italian Renaissance. The Theory and Practice of Literary Imitation in Italy from Dante to Bembo*. Oxford: Claredon Press, 1955.

MENGALDO, Pier Vincenzo. *Linguistica e retorica di Dante*. Pisa: Nistri Lischi, 1978.

MIGLIORINI, Bruno. *Breve storia della lingua italiana*. Tradução espanhola da “Historia de la lengua italiana”. Vol. 2. Madri: Gredos, 1969.

PADOAN, Giorgio. *Introduzione a Dante*. Firenze: Sansoni Ed., 1975.

PAGANI, Ileana. *La teoria linguistica di Dante. "De vulgari eloquentia": discussioni, scelte, proposte*. Liguori, Napoli, 1982.

PLATÃO. *Platonis Opera*. Vol. 5. Oxford-Reino Unido: Oxford, 1991.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

RENAUX, Sigrid Inge Scherrer; BOWLES, Hein Leonard (orgs.). *Bruno Enei: aulas de literatura italiana e desafios críticos*. Ponta Grossa/PR: Todapalavra, 2010.

ROMANELLI, Sergio (org.). *Antologia bilíngue*. Clássicos da língua italiana. Volume 1. Florianópolis: PGET/UFSC; Tubarão: Copiart, 2012.

ROUX, Patrick Le. *Império Romano*. Tradução de William Lagos. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: ed. UFPR, 2011.

SERIANNI, Luca; TRIFONE, Pietro (orgs.). *Storia della lingua italiana I: I luoghi della codificazione*. Turim: Einaudi, 1993.

SOZZI, Bortolo Tommaso. “Polemiche cinquecentesche sulla lingua”. In: MACHIAVELLI, Niccolò. *Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua*. Turim: Einaudi, 1976, p. 62-121.

SPERONI, Sperone. *Dialogo della rettorica*. Pozzi Mario (org.). Roma: Vecchiarelli, 1978.

\_\_\_\_\_. *Canace*. Italiano Edition. Amazon, 2011.

TESI, Riccardo. *Storia dell'italiano. La formazione della lingua comune dalle fasi iniziali al Rinascimento*. Bologna: Zanichelli, 2007.

TESTA, Enrico. *L'italiano nascosto. Una storia linguistica e culturale*. Turim: Einaudi, 2014.

TRISSINO, Giangiorgio; TOLOMEI, Claudio. *Il Castellano di Giangiorgio Trissino ed Il Cesano di Claudio Tolomei: Dialoghi intorno alla lingua volgare ora ristampati con l'epistola dello stesso Trissino intorno alle lettere novamente aggiunte all'alfabeto italiano*. Milão: G. Daelli e C. Editori, 1864.

VELA, Claudio (org.). *Pietro Bembo. Prose della Volgar lingua*. L'editio princeps del 1525 riscontrata com l'autografo Vaticano latino 3210. Bologna: CLEUB, 2001.

VITALE, Maurizio. *La questione della lingua*. Palermo: Palumbo, 1960.

ZOHAR, Itamar Even. *Teoria dos polissistemas*. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon, Yanna Karlla Cunha. *Revista Translatio* [on-line]. Número 5. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/42899/27134>>. Acesso em 13 out. 2016.